UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGEM
TEORIA E ANÁLISE LINGUÍSTICA

THAYSSA TARANTO RAMÍREZ

PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS NA GÍRIA JUVENIL DO PERU: UMA ANÁLISE OTIMALISTA

NITERÓI
2012

THAYSSA TARANTO RAMÍREZ

PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS NA GÍRIA JUVENIL DO PERU: UMA ANÁLISE OTIMALISTA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Estudos de Linguagem, Área de concentração: Linguística, Linha I: Teoria e Análise Linguística do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense como requisito para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Antonio Pinheiro Correa
Coorientador: Prof. Dr. Carlos Alexandre Victorio Gonçalves

NITERÓI
2012

THAYSSA TARANTO RAMÍREZ

PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS NA GÍRIA JUVENIL DO PERU: UMA ANÁLISE OTIMALISTA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Área de concentração: Linguística, Linha I: Teoria e Análise Linguística do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense como requisito para obtenção do grau de Mestre.

BANCA EXAMINADORA

PROF. DR. PAULO A. PINHEIRO CORREA (orientador)
Universidade Federal Fluminense

PROF. DR. CARLOS A. VICTORIO GONÇALVES (coorientador)
Universidade Federal do Rio de Janeiro

PROFª. DRª. LETICIA REBOLLO COUTO
Universidade Federal do Rio de Janeiro

PROF. DR. ROBERTO BOTELHO RONDININI
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

SUPLENTES

PROF. DR. XOÁN CARLOS LAGARES DÍEZ
Universidade Federal Fluminense

PROFª. DRª. MARIA MERCEDES RIVEIRO QUINTANS SEBOLD
Universidade Federal do Rio de Janeiro

NITERÓI
2012

Ao meu eterno *nonno* Giuseppe Taranto (*in memoriam*), que com seu exemplo de vida, foi quem primeiro me ensinou o sentido da palavra determinação.

AGRADECIMENTOS

A Deus por haver-me ajudado a ingressar no mestrado, por haver-me sustentado durante seus momentos mais difíceis e por toda a sabedoria dispensada que me permitem agora poder concluí-lo com êxito.

Ao meu marido Luis Ramírez, meu consultor particular para assuntos de "jeringa" sem cuja compreensão e incentivo essa dissertação não seria possível.

Aos meus pais Lidia e Nicolino, que sempre acreditaram no meu potencial e me deram força para galgar degraus cada vez mais altos na vida pofissional e acadêmica.

Ao meu "cachorrilho" (cachorro-filho) Chokito, pela companhia incondicional nos momentos de escritura dessa dissertação, inclusive nas madrugadas.

Às minhas amigas Magda e Rita, parceiras da vida acadêmica e da vida lá fora.

À minha chefe Renata Mancini, pela compreensão e pelo apoio ao me permitir dar "aquela fugidinha" do trabalho para assistir as aulas do mestrado ou para participar de eventos na minha área.

Aos meus orientadores Paulo Correa e Carlos Alexandre, que com muita paciência foram me conduzindo pelo caminho das pedras.

À professora Telma Pereira, que com seus profundos conhecimentos de língua francesa, me ajudou a megulhar definitivamente no "submundo" do *argot*.

Ao professor Manuel Conde, que desde o começo acreditou nesse trabalho e me forneceu materiais valiosíssimos, sem os quais essa dissertação não seria o que é hoje.

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo analisar os processos de criação léxica na gíria juvenil da cidade de Lima, Peru, denominada “jeringa”. O primeiro deles, a metátese, é um procedimento formal que consiste na reordenação das sílabas ou dos segmentos de uma determinada palavra (CRYSTAL, 1988), a exemplo das formas “merfi” e “dorima”, utilizadas no lugar de “firme” (de verdade, de fato) e “marido” (cônjuge), respectivamente. Já o segundo, denominado “floreo verbal”, é um recurso bastante utilizado que consiste na substituição de uma palavra por outra com a qual compartilha certa sonoridade (CARRIÓN, 1978), a exemplo das palavras “celofán” e “trampolín” empregadas no lugar de “celoso” (ciumento) e “tramposo” (mentiroso, enganador), respectivamente. O *corpus* da pesquisa consiste de palavras extraídas da *coluna de fofocas* “Ya Fuiste”, publicada diariamente no tabloide “Ajá” (edição *on-line*), jornal de caráter popular altamente difundido na capital peruana. A fim de registrar a ocorrência de processos de criação lexical nesse material, utilizamos como amostra palavras coletadas durante 30 dias. A análise se deu por meio da Teoria da Otimalidade (PRINCE & SMOLENSKY, 1993 e desdobramentos recentes), uma teoria não-derivacional para análise de fenômenos linguísticos considerados irregulares e que geralmente não são passíveis de explicação pelos enfoques tradicionais. Por meio dela foi possível estabelecer as restrições que operam em cada um dos fenômenos estudados, bem como a sua ordenação. Quanto aos resultados desta pesquisa, observamos que tanto a metátese quanto o “floreo verbal” possuem sim certas regularidades: no primeiro caso, as formas resultantes são compostas de apenas um pé silábico e possuem um limite com relação à reordenação de seus segmentos ou sílabas; já no caso do “floreo verbal”, a forma “ótima” é uma palavra monomorfêmica, cujo radical coincida maximamente com o radical do *input* e cuja terminação corresponda a um sufixo prototípico da língua espanhola, a saber, dissilábico e iniciado por vogal.

Palavras-chave: Língua Espanhola; Teoria da Otimalidade; Gíria.

ABSTRACT

This paper analyzes two processes of lexical creation in a youth slang from Lima, Peru, called “jeringa”. The first one, Metathesis, is a formal procedure consisting in a syllable or segment-reorganization of a word (CRYSTAL, 1988), as in the forms “merfi” and “dorima”, standing respectively for “firme” (truly, indeed) and “marido” (husband, spouse). The second one, named “floreo verbal”, on the other hand, consists in the substitution of a word for another with which shares certain sonority (CARRIÓN, 1978), as in the cases of the words “celofán” and “trampolín”, standing respectively for “celofán” (jealous) and “tramposo” (cheat). Our data consist in words we collected from a daily-published Lima newspaper, named “Ajá” (on-line edition), a top seller tabloid. The data are from a *gossip section* named “Ya Fuiste”, published daily. The data were collected daily during one month. The research was done within the non-derivational framework of Optimality Theory (OT) (PRINCE & SMOLENSKY, 1993 and further developments), a theory used for analyzing linguistic data which are not explained by traditional approaches. By using OT we could show the restrictions operating in each of the processes as well as the way they occur. With the results of this study, we observed that both metathesis as "floreo verbal" have certain regularities: in the first case, the resulting forms are composed of only syllabic foot and have a limit regarding the reorganization of its segments or syllables; as in the case of "floreo verbal", the optimal form is a monomorphemic word, whose radical coincides with the maximally radical of the input and whose termination corresponds to a prototypical suffix of the Spanish language, this is, dissylabic and initiated by a vowel.

Keywords: Spanish; Optimality Theory; Slang.

SUMÁRIO

Palavras iniciais 12

Capítulo 1: A "jeringa" 17
1.1. Introdução.....17
1.2. A "jeringa": definição do fenômeno 17
1.3. *Argot*, *coloquial* e *popular*: delimitando conceitos.....20
1.4. Recursos linguísticos empregados na "jeringa".....23
1.5. Revisão bibliográfica 26
1.6. Conclusão 32

Capítulo 2: O *corpus* 34
2.1. Introdução.....34
2.2. Os jornais populares no Peru.....35
2.3. A *coluna de fofocas*: um gênero jornalístico 37
2.4. Metodologia de coleta de dados..... 40
2.5. Conclusão 41

Capítulo 3: A Teoria da Otimalidade.....43
3.1. Introdução.....43
3.2. A TO e os modelos serialistas 43
3.3. A arquitetura da TO e suas cinco premissas básicas.....44
3.4. As restrições na TO: definição e tipos 45
3.5. O *tableau* 48
3.6. Conclusão.....49

Capítulo 4: A metátese na "jeringa" 51
4.1. Introdução 51

4.2. A metátese (conceituação) 51
4.3. Descrição geral do fenômeno em outros *argots*.....54
4.3.1. O “verlan” 54
4.3.2. O “vesre” no “lunfardo” 56
4.4. Descrição geral do fenômeno na “jeringa” 58
4.5. Restrições atuantes no fenômeno 60
4.5.1. Restrições atuantes no padrão dissilábico 61
4.5.2. Restrições atuantes no padrão trissilábico 63
4.6. Análise dos dados 65
4.6.1. Análise das formas dissílabas 66
4.6.2. Análise das formas trissílabas 69
4.7. Conclusão 71

Capítulo 5: O “floreo verbal” na “jeringa” 72
5.1. Introdução.....72
5.2. O “floreo verbal” (conceituação) 72
5.3. Descrição do fenômeno na “jeringa” 75
5.3.1. Sobre a dificuldade na seleção dos dados 76
5.4. Restrições atuantes no fenômeno 81
5.5. Análise dos dados 84
5.6. Conclusão 90

Considerações Finais 93

Referências Bibliográficas 96

Apêndice I: *Tableaux* (metátese) 103

Apêndice II: *Tableaux* (“floreo verbal”)..... 106

Anexo I : O *corpus*..... 111

Anexo II: Jornais populares peruanos 131

Lista de Figuras

Figura 1: Recursos formais empregados na “jeringa” (alterações no nível do significante) 25
Figura 2: Recursos semânticos empregados na “jeringa” (alterações no nível do significado) 26
Figura 3: *Tableau* hipotético 1 48
Figura 4: *Tableau* hipotético 2 49
Figura 5: *Tableau* hipotético 3 49
Figura 6: Análise do *input* /kwéNtan/ 66
Figura 7: Análise do *input* /muxér/ 67
Figura 8: Análise do *input* /ot ę´l/ 68
Figura 9: Análise do *input* /kAláto/ 69
Figura 10: Análise do *input* /proBé ʧo/ 70
Figura 11: Análise do *input* “tramposo” 85
Figura 12: Análise do *input* “toque” 86
Figura 13: Análise do *input* “tal” 86
Figura 14: Análise do *input* “vuelta” 87
Figura 15: Análise do *input* “marido” 88
Figura 16: Análise do *input* “caído” 89
Figura 17: Análise do *input* “zambo” 90

Palavras iniciais

Esta pesquisa tem por objetivo apresentar uma variedade linguística do espanhol que, apesar de bastante difundida entre os setores populares urbanos da capital peruana, é altamente marginalizada e ainda desconhecida de grande parte da comunidade acadêmica: a "jeringa". Visa também a demonstrar alguns dos processos formais e semânticos utilizados na formação do socioleto em questão, bem como apresentar uma proposta de análise adequada ao tratamento desses dados, dada a sua especificidade, no que se refere a dois procedimentos morfológicos por eles apresentados: a metátese, popularmente conhecida como *"*vesre*"* (TERUGGI, 1978) e o "floreo verbal", também chamado de *analogia fonética* (RAMÍREZ, 1996), *amplificação* (BENDEZÚ, 1997) e *atração paronímica* (CASTAÑEDA, 2005).

A *"*jeringa*"* pode ser definida como uma espécie de *argot*[1] empregado, originalmente, por indivíduos jovens das camadas populares limenhas com o objetivo de marcar seu pertencimento a um grupo (isto é, afirmar sua identidade frente à cultura instituída) ou expressar sua "viveza" em meio ao ambiente hostil da capital peruana. Utiliza-se de procedimentos de criação retirados da língua comum para ampliar seu léxico, os quais podem incidir ora sobre o sentido, ora sobre a forma de uma palavra. Em suma, trata-se de um subsistema que respeita, grosso modo, as estruturas fonológicas, morfológicas e sintáticas da língua, porém diferenciando-se no plano lexical (CALVET, 1994).

De acordo com Vila & Castañeda (2006), o interesse pelo estudo de *argots* do mundo hispânico tem aumentado consideravelmente nos últimos anos, haja vista a quantidade de dicionários publicados tanto na Espanha quanto em países do continente americano. Da mesma forma, as pesquisas envolvendo a gíria no Peru têm-se voltado, via de regra, para um trabalho exaustivo de criação e atualização de glossários (PINO, 1968; BENDEZÚ, 1977; FOLEY, 1983; LARCO, 2000) para o estudo dos campos léxico-semânticos ali presentes (ALCOCER, 2001; GÁLVEZ & ROCHA, 2006) ou para o ordenamento taxonômico de palavras com base nos recursos linguísticos

[1] Segundo Calvet (1994), o *argot* pode ser caracterizado como um tipo de língua especial, de grupo, cuja função original era limitar a comunicação a um pequeno círculo de iniciados. Sobre o conceito de *argot*, falaremos no item 1.3 do capítulo 1.

empregados em sua criação[2]. Nesse último caso, observamos a tentativa de se mapearem processos de formação de palavras, sobretudo os que integram o vocabulário dos marginais, a exemplo dos trabalhos de Bendezú (1977), Carrión (1978), Ramírez (1996) e Gálvez (2002).

Segundo a gramática tradicional, os meios de que a língua dispõe para a construção de novas unidades léxicas são a derivação e a composição, os quais integram a área de estudos denominada Morfologia Lexical (BASÍLIO, 2004). Partindo desse princípio, palavras como "machote" (< "macho" 'macho') e "zambito" (< "zambo" 'negro') exemplificariam casos de sufixação, cuja finalidade seria a de acrescentar às palavras-base sentidos de pejoratividade e de afetividade, respectivamente. Já nas palavras "chelear" ('tomar uma cerveja' "chela") e "tonear" ('ir a uma festa' "tono"), por outro lado, o sufixo contribui para agregar um novo traço à palavra original, promovendo, assim, uma mudança de classe.

Que dizer, contudo, de palavras como "verdimio" (< "verde" 'verde'), "guapango" (< "guapo" 'belo') e "chaturri" (< "chata" 'pessoa de baixa estatura'), nas quais a sequência fônica acrescida ao final da palavra não corresponde a nenhum sufixo da língua corrente? E como explicar a preferência pelas formas "zambrana" em vez de "zamba" 'mulher negra' e "tolaca" em vez de "calato" 'nu'?

Apesar de ser uma língua predominantemente aglutinativa, o espanhol também faz uso de processos não-concatenativos, isto é, operações não-lineares por razões de ampliação de seu vocabulário ou por necessidade expressiva. Trata-se de processos não descritos de forma sistemática no castelhano e interpretados como irregulares e imprevisíveis pela maior parte dos estudiosos: tanto isso é verdade que Ramírez (1996, p.150) chegou a denominá-los de "extraños e insólitos cambios semánticos y fonéticos" antes de iniciar sua tentativa de mapeamento dos processos que compõem a gíria dos marginais peruanos.

O que autores como Ramírez parecem haver ignorado é o fato de essas formas estarem diretamente influenciadas por questões morfológicas relativas à língua espanhola. Dessa forma, o presente trabalho procurará analisar duas operações não

[2] Importa destacar que a maioria das pesquisas existentes sobre o tema é produto do esforço de jornalistas, policiais, profissionais da área do direito e outros, tendo sido poucos os trabalhos oriundos de pesquisas linguísticas. Entre as décadas de 50 e 70, por exemplo, muitos foram os trabalhos escritos sobre a gíria criminal no Peru. Talvez o mais conhecido deles seja o dicionário elaborado pelo policial José Bonilla Amado, intitulado "La jerga del hampa" (BONILLA, 1956), como condição para obtenção do título de bacharel em Direito. Para informações sobre outros trabalhos, ver Carrión (1978) e Foley (1983).

passíveis de formalização pelas teorias serialistas ou derivacionais, a saber, a metátese e o "floreo verbal", utilizando para tal as ferramentas da Teoria da Otimalidade (COSTA, 2001; CAGLIARI, 2002; GONÇALVES *et. al*., 2009). Essa escolha justifica-se pelo fato de que essa teoria lida com demandas de diferentes níveis (morfológico e prosódico, por exemplo), não levadas em conta nas análises baseadas em RFPs (regras de formação de palavras).

A metátese é um procedimento formal que consiste na reordenação das sílabas ou dos segmentos de uma determinada palavra (CRYSTAL, 1988). Como exemplo desse fenômeno, podemos observar a utilização das formas "merfi" e "dorima*"* em lugar de "firme" 'de verdade, de fato' e "marido" 'cônjuge', respectivamente. Já o "floreo verbal" é um recurso que consiste na substituição de uma palavra por outra com a qual compartilha certa sonoridade, gerando com isso "pseudo-apelativos" (CARRIÓN, 1978). Exemplo disso é o emprego das palavras "celofán*"* e "trampolín*"* para referir-se a "celoso" 'ciumento' e "tramposo" 'mentiroso, enganador', respectivamente.

No presente trabalho, optamos por analisar esses dois processos de formação de palavras devido ao fato de que as demais operações (derivação por sufixação, composição por aglutinação, truncamentos etc.)[3] têm sido já exaustivamente estudadas, seja pelas ferramentas da gramática tradicional ou da própria Otimalidade, o que não se confirma para nenhum dos dois casos citados[4].

Devido à inviabilidade de uma pesquisa de campo, a qual exigiria o emprego de maior tempo e recursos na elaboração do presente trabalho, optou-se pelo uso do *corpus* jornalístico. Nesse sentido, procuraremos analisar palavras extraídas da *coluna de fofocas* "Ya fuiste", a qual é diariamente publicada no jornal "Ajá", tabloide limenho de cunho sensacionalista com grande apelo popular.

A escolha da coluna justifica-se pelo fato de a mesma apresentar um grande número de palavras oriundas da "jeringa", uma vez que se dirige a um público de menor escolaridade e reduzido poder aquisitivo. Para efeito de quantificação, usaremos como

[3] Sobre essas operações, veremos no item 1.4 do capítulo 1.

[4] Nem mesmo a "Gramática Descriptiva de la Lengua Española" (BOSQUE & DEMONTE, 1999) se ocupou de analisar processos de formação de palavras envolvendo operações não-lineares. Em seu último capítulo, dedicado à morfologia e intitulado de "Otros procesos morfológicos", Casado (1999) falará apenas de encurtamentos, siglas e acrônimos, como se os demais processos fossem por demais imprevisíveis ou irregulares para caber numa gramática de cunho descritivo. Quanto aos casos de truncamento, observam-se os trabalhos de Gonçalves (1999; 2006), Belchor (2009) e Vázquez (2008), entre outros.

amostra dados coletados dos textos publicados durante um mês (entre os dias 08/06 e 08/07/10) na edição *on-line* do referido jornal.

Em suma, o objetivo desta pesquisa é, primeiramente, testar o poder explicativo da Teoria da Otimalidade na análise dos processos de metátese e, especialmente, do "floreo verbal", fenômeno muito pouco divulgado entre a comunidade acadêmica e nunca antes analisado sob o instrumental teórico otimalista. Quanto aos casos de metátese, encontramos apenas um trabalho que trata dos processos fonológicos do *"*verlan*"*[5] à luz dessa teoria (OSTBY, 2002), o que confere à nossa pesquisa um valor de originalidade e de grande contribuição para os estudos descritivos do *argot* em língua espanhola. Em última instância, nossa pesquisa nos permitirá compreender por que determinadas formas são "preferidas" pelos usuários da "jeringa" em detrimento de outras aparentemente possíveis.

No primeiro capítulo desta dissertação, discorreremos sobre as origens desse socioleto, o perfil de seus usuários e os fatores que motivam seu emprego pelos falantes. Em seguida, desejamos realizar uma exposição minuciosa dos principais recursos linguísticos presentes na "jeringa", ilustrando com exemplos que permitam sua compreensão. Por último, realizaremos uma breve revisão bibliográfica acerca do que tem sido produzido sobre operações de criação lexical na gíria peruana, valendo-nos, para tanto, dos trabalhos de Bendezú (1977), Carrión (1978), Ramírez (1996) e Gálvez (2002).

Já no segundo capítulo, justificaremos a escolha do *corpus* sobre o qual nossa pesquisa se apoia e apresentaremos algumas de suas especificidades, conforme aponta Gargurevich (2002). Em seguida, trataremos de examiná-lo com base no conceito de gênero discursivo encontrado em Bakhtin (1992) e Marcuschi (2002; 2004), buscando esboçar ainda algumas considerações sobre o gênero *fofoca* de acordo com os trabalhos de Aderaldo (2004), Casali (2007) e Silva (2010). Ainda nesse capítulo, aproveitaremos para esclarecer acerca de nossa metodologia de coleta de dados.

No capítulo terceiro, apresentaremos os pressupostos teóricos que embasam nossa pesquisa, demonstrando de que maneira as ferramentas da Otimalidade podem nos auxiliar na análise dos fenômenos escolhidos: a metátese e o "floreo verbal".

Nos dois capítulos seguintes, abordaremos cada um desses procedimentos,

[5] Metátese do termo "l'envers", o "verlan" (em espanhol "vesre", por ser metátese de "revés") é um *argot* de origem francesa que consiste na inversão de segmentos ou sílabas de uma palavra de modo a encobrir seu significado ou brincar com o interlocutor. Desse *argot*, voltaremos a falar no item 4.3.1 do capítulo 4.

primeiramente definindo ambos os conceitos segundo sua aparição na literatura. Após isso, apresentaremos os casos encontrados no *corpus* e, em seguida, procederemos a uma descrição de como esses fenômenos ocorrem na "jeringa". Posteriormente, trataremos de delimitar que tipo de restrições são relevantes para cada fenômeno e de que maneira seu ordenamento contribui para a emergência de determinada forma. Por fim, procederemos à análise de casos retirados do *corpus* e realizaremos algumas observações acerca do material analisado.

No capítulo final, procuraremos discutir, com base nos resultados das análises anteriormente realizadas, por que determinadas formas são "preferidas" pelos falantes em detrimento de outras.

Capítulo 1
A “jeringa”

1.1. Introdução.

No capítulo em questão, trataremos de apresentar o problema que motivou nossa pesquisa, isto é, a existência, na “jeringa”, de processos de formação de palavras pouco convencionais. Para isso, iniciaremos discorrendo sobre as origens desse socioleto, o perfil de seus usuários e os fatores que motivam seu emprego pelos falantes.

Em seguida, realizaremos uma exposição minuciosa dos principais recursos linguísticos presentes na “jeringa”, ilustrando com exemplos que permitam sua compreensão. Por último, procederemos a uma breve revisão bibliográfica acerca do que tem sido produzido concernente a operações de criação lexical na gíria peruana, valendo-nos para tanto dos trabalhos de Bendezú (1977), Carrión (1978), Ramírez (1996) e Gálvez (2002).

1.2. A “jeringa”: definição do fenômeno.

La “jeringa”[6], também chamada de “jerigonza”[7], é uma espécie de *argot* geral (no sentido de que congrega elementos de diferentes *argots*, como veremos mais adiante) desenvolvido e utilizado, em grande parte, pelos jovens das classes populares limenhas, embora não se restrinja a esse público. Utiliza-se de procedimentos de criação retirados da língua comum pra ampliar seu léxico, os quais podem incidir ora sobre o sentido, ora sobre a forma de uma palavra. Em suma, trata-se de um subsistema que

[6] O nome “jeringa” se explica pela sua analogia sonora com as palavras “jerga” e “jerigonza”, com as quais compartilha a sequência fônica inicial [hę´r]. Trata-se de uma espécie de jogo linguístico, uma vez que não há qualquer ligação semântica entre esses termos (em linguagem denotativa, “jeringa” significa ‘seringa’). Sobre este recurso, muito utilizado pelas classes populares, veremos na seção 1.4 deste capítulo.

[7] Não estamos falando aqui da “jerigonza” descrita por Piñeros (1999), que é um jogo de linguagem muito utilizado por crianças hispano-falantes e consiste na inserção de sílabas CV antes ou depois das sílabas de uma palavra. Exemplo disso são as formas “car.pa.ta.pa” ou “pa.car.pa.ta” utilizadas no lugar da palavra “carta”, cujo objetivo, segundo o autor, seria disfarçar a palavra original.

respeita, grosso modo, as estruturas fonológicas, morfológicas e sintáticas da língua, porém, diferenciando-se no plano lexical (CALVET, 1994)[8].

Quanto ao perfil de seus usuários, pode-se dizer que esse *argot* foi concebido primeiramente no interior de grupos juvenis tendo por base elementos da "replana", isto é, a gíria dos marginais peruanos[9]. Segundo Gálvez (2002), a adoção de termos do *argot* marginal por parte dos jovens tem a ver com um entendimento deturpado do conceito de masculinidade, que, no universo da delinquência, se manifesta através da prática da brutalidade, do sarcasmo, da insolência e do cinismo. Dessa forma, a linguagem juvenil incorpora termos deste socioleto, recriando-os e adaptando-os a suas próprias necessidades expressivas[10].

Desde os primeiros anos de colonização espanhola na América, a capital peruana vem sendo palco de uma espécie de segregação entre falares baseada na origem social dos indivíduos, a chamada "ideología del bien hablar español", de acordo com Escobar (1996, p. 30). Nas últimas décadas, porém, com o aumento do contingente populacional

---

[8] Sobre o conceito de língua com o qual estamos tratando, ver Coseriu (1980), segundo o qual esta deve ser compreendida como um diassistema, isto é, uma estrutura mais ou menos complexa composta de "dialetos", "níveis" e "estilos". Em outras palavras, as línguas constituídas e reconhecidas pelos seus próprios falantes e pelos falantes de outras línguas (como, por exemplo, a língua espanhola) são denominadas por Coseriu de "línguas históricas". Esse tipo de língua sempre apresenta variedades internas pertencentes a pelo menos três eixos, que são o diatópico (geográfico), diastrático (social) e diafásico (estilístico). Essas diferenças constituem verdadeiras "sublínguas" (ou subsistemas) dentro de uma mesma língua histórica, que por serem efetivamente realizadas são chamadas de "línguas funcionais". Ainda que as "línguas funcionais" se relacionem aos três eixos da variação linguística, algumas delas estão ligadas de forma mais acentuada a eixos específicos do diassistema: o *argot*, por exemplo, está bastante ligado aos meios sociais, daí ser considerado um socioleto. Quanto ao conceito de língua comum, Coseriu (1980, p. 117) vai defini-la como "língua funcional que tiver a maior difusão possível nos três sentidos da variedade linguística e que apresentar o máximo de coincidências com outras línguas funcionais". Em outras palavras, a língua comum é aquela que é mais difundida numa comunidade linguística e, portanto, mais conhecida de um maior número de falantes.

[9] A "replana", também conhecida como "jerga del hampa", é o nome que se dá ao *argot* utilizado pelos marginais peruanos. Em seu artigo "La jerga de los malhechores peruanos", Carrión (1978) trata de buscar as origens desse *argot*, as quais poderiam ser encontradas, segundo ele, na antiga *germanía* espanhola do século XVI. Segundo o autor, não são poucas as coincidências entre termos dos *argots* modernos e da *germanía* da Idade do Ouro, a exemplo de "corvina" 'morto', "jamancia" 'apetite voraz' e "chamullar" 'mentir, enganar'. Por outro lado, estão presentes ainda termos provenientes do *caló* espanhol, galicismos e anglicismos, bem como palavras adaptadas do quéchua e de *argots* oriundos de outros países do continente. Na visão de Carrión, a exploração do salitre teria exercido forte influência no intercâmbio linguístico sul-americano, o que explicaria os empréstimos da "coa" chilena e do "lunfardo" argentino à "replana", este último contribuindo também com uma série de italianismos.

[10] Além da forte influência da "replana", a "jeringa" conta ainda com termos do *argot* "criollo" (isto é, o falar pícaro dos limenhos) e alguns anglicismos, estes últimos trazidos principalmente através dos meios de comunicação.

em consequência das migrações internas[11] e um crescimento desordenado que reúne, num mesmo espaço, o arcaico e o moderno, Lima tem se tornado uma cidade cada vez mais popular não só nos aspectos social e cultural, mas também no linguístico.

Assim, se até pouco tempo atrás o padrão culto da língua era desprezado ou ignorado apenas por pequenos grupos marginais, tais como ladrões e prostitutas, nos dias de hoje é patente a reação de grande parte dos jovens às formas aprendidas na escola. Para Escobar, trata-se de "una *respuesta social* frente a un *estímulo linguístico*" (p. 31, grifo do autor), um ato de rebeldia protagonizado pelos jovens dos setores populares urbanos contra as ditas "pessoas educadas", geralmente professores ou figuras destacadas no cenário nacional.

Nesse sentido, a criação e utilização de *argots* entre os jovens podem ser compreendidas, grosso modo, como um ato de afirmação e valorização da cultura popular frente à cultura instituída, isto é, a cultura da elite branca *criolla*[12]. Tanto isso é verdade que uma grande parte desses usuários está composta de filhos ou netos de migrantes andinos que chegaram a Lima entre os anos 50 e 80, bem como de moradores das zonas pobres de distritos tradicionais tais como Barrios Altos, Callao e Rímac.

Nos últimos anos, porém, o uso da "jeringa" vem adquirindo bastante popularidade não só entre os adolescentes e jovens das classes populares, mas também entre grupos de adultos e entre certos indivíduos pertencentes às classes mais favorecidas. Dessa forma, esse *argot* começa a ultrapassar os limites do juvenil e passa ser empregado também como uma espécie de código "da malandragem", isto é, uma forma de falar que permite ao indivíduo demonstrar sua "viveza" frente a um ambiente

---

[11] Constituindo-se como uma das principais questões sociais presentes na América Latina, as migrações entre campo e cidade não raro são motivadas pelo grau de concentração da terra, pelas precárias condições de vida no campo e pela falta de oportunidades de emprego, as quais, somadas ao crescimento demográfico, desembocam num movimento de saída para lugares (real ou supostamente) mais prósperos. No caso peruano, somam-se a esses fatores o aprofundamento da crise econômica no país com queda significativa do PIB, o crescimento da produção de coca na região da selva e a escalada de violência provocada pelos grupos terroristas, em especial na serra central (INEI, 1995). À medida que estes migrantes iam chegando às cidades litorâneas, principais receptoras do fluxo migratório, aumentava a pressão sobre os serviços públicos tais como saúde e educação, mas principalmente criavam-se novas demandas de moradia, infra-estrutura urbana e emprego, as quais o Estado peruano se via simplesmente incapaz de atender. Dessa forma, a ocupação de terrenos vazios em áreas periféricas, sobretudo da capital, constituiu-se numa opção para essa massa populacional, que ao estabelecer-se ali inaugurariam os chamados "pueblos jóvenes" (comunidades de migrantes), mais adiante transformados em distritos oficiais (MATOS, 2004).

[12] Na América hispânica, o termo "criollo" costuma ser empregado em alusão ao habitante nativo (DRAE, 2001). No caso em questão, a palavra "criollo" alude aos habitantes da costa peruana, especialmente à elite branca que habita a capital.

hostil, isto é, às dificuldades enfrentadas numa típica metrópole de terceiro-mundo. Tanto isso é verdade que muitos de seus termos têm sido adotados hoje pelas mídias impressa e televisiva como um recurso para estabelecer a cumplicidade com o leitor ou espectador, sobretudo com aqueles oriundos das classes populares (MARTÍN-BARBERO, 2003).

Apesar de haver florescido em uma realidade cultural específica, há diversos aspectos que aproximam a "jeringa" de outros socioletos, tornando-a única e, ao mesmo tempo, universal. Do ponto de vista de sua universalidade, podemos destacar sua origem popular, seu caráter urbano e seu estreito relacionamento com os meios de comunicação de massa, características que compartilha hoje com o "lunfardo" argentino (TERUGGI, 1974), com o "parlache" colombiano (CASTAÑEDA, 2005) e com a "coa" chilena (VICUÑA, 1910), por exemplo. Outra semelhança com esses socioletos é a grande presença de muitos de seus termos na linguagem popular, em outras formas de *argot* e, até mesmo, na língua comum, o que demonstra seu grande apelo linguístico e social.

1.3. *Argot*, coloquial e popular: delimitando conceitos.

Antes de seguirmos adiante, discutiremos questões referentes aos conceitos de *argot*, *coloquial* e *popular* a fim de obtermos uma visualização mais clara do que é de fato a "jeringa". Como vimos na seção anterior, esse socioleto dispõe de muitas palavras e expressões antes restritas a um perfil específico de usuários que são hoje amplamente utilizadas em conversações cotidianas, fato que poderia gerar no leitor a impressão de estarmos tratando aqui da linguagem popular dos peruanos ou de um uso coloquial da língua castelhana, o que não é nossa intenção neste trabalho.

Em primeiro lugar, não podemos ignorar o problema da obscuridade etimológica que circunda o termo *argot* e sua confusão com *jargon*, cuja consequência é uma imprecisão conceitual acompanhada de ambiguidade[13]. Segundo Calvet (1994), a

[13] De acordo com os dicionários Houaiss (2001) e DRAE (2001), da palavra *jargon* (do francês antigo, "gorjeio dos pássaros") derivam *gíria*, *jargão* (português) e *jerga* (espanhol). Apesar de esses termos aparecerem como verbetes independentes nos dicionários, não há limites muito claros entre um e outro, pois ambos são descritos como "língua de marginais", "língua de grupos profissionais", "língua incompreensível", entre outras definições semelhantes. Já a palavra *argot* aparece somente no DRAE e tal como as anteriores, pode significar tanto "língua incompreensível" (1. Jerga, jerigonza) quanto "língua de ofício". Na língua portuguesa, costuma-se empregar (segundo o senso comum) a palavra *gíria* para referir-se ao vocabulário utilizado por um determinado grupo sociocultural ou para aludir a certas palavras, anteriormente restritas a determinados grupos, que migraram para a linguagem coloquial. Já a

palavra *argot* designava em sua origem uma comunidade de malfeitores, sendo o termo *jargon* utilizado inicialmente para referir-se à linguagem desse grupo (*jargon* possui uma raiz onomatopaica que designa o ruído da garganta, isto é, gargarejo, linguagem ininteligível). Somente no século XVII, a palavra *argot* passou a denominar a própria fala da comunidade, de modo que *jargon* e *argot* tornaram-se sinônimos.

Dessa forma, o *argot* caracteriza-se por ser um tipo de língua especial, de grupo, cuja principal função, segundo Calvet (1994), era de limitar a comunicação a um pequeno círculo de iniciados, a chamada *função críptica*. Devido a isso, são empregados pelos falantes procedimentos de formação que mascaram o sentido ou a forma das palavras, a exemplo das metáforas e das inversões silábicas (metáteses). Uma segunda função básica do *argot* seria a de situar seus usuários perante a norma culta, isto é, seu uso tornou-se uma espécie de marcador de identidade, um signo diferenciador, o que o autor vai chamar de *função emblemática ou simbólica.*

Em terceiro lugar, observa-se a *função lúdica*, pois segundo o autor, os *argots* podem ter também um caráter de jogo ou brincadeira, como ocorre, por exemplo, no "verlan" francês, onde se observa a inversão de sílabas ou segmentos de uma palavra com a finalidade de imprimir-lhe um caráter de comicidade. Nesse sentido, pode-se dizer que esta função está diretamente ligada à anterior, uma vez que o humor gera cumplicidade e ajuda a reforçar os laços de coesão identitária entre os usuários de um determinado *argot*.

Por último, verificamos ainda uma *função expressiva*, a qual se revela por meio da relação irônica, crítica, violenta ou de desprezo que os significantes empregados mantêm com o seu referente.

Atualmente, o uso da "jeringa" pelos habitantes da capital peruana tem se prestado ainda para facilitar a aproximação entre distintas classes sociais e integrar diferentes gerações, o que demonstra a grande popularidade desse *argot* entre os limenhos.

De acordo com o psicanalista peruano Julio Hevia, sua utilização pelo público adulto deve-se principalmente ao desejo de rejuvenescimento presente nas sociedades modernas (a "síndrome" do *forever young*), hipótese já levantada por Rector (1994) em

---

palavra *jargão* refere-se ao vocabulário utilizado por grupos de profissionais tais como advogados, marinheiros, pescadores etc. (o "juridiquês", por exemplo, pode ser considerado uma espécie de *jargão*). Na língua espanhola, por sua vez, os termos *jerga* e *argot* são empregados indistintamente para referir-se a *gíria* ou *jargão*.

seu livro “A fala dos jovens”, no qual tratou de analisar a gíria da juventude oriunda das grandes metrópoles brasileiras sob uma perspectiva sociolinguística. Por outro lado, estão aqueles indivíduos que, embora distantes da realidade que circunda a “jeringa”, não raro recorrem a ela em situações mais informais, geralmente entre amigos, como estratégia para “quebrar o gelo” de uma conversa ou reforçar a cumplicidade com o outro, conforme comenta o linguista peruano Agustín Panizo. Segundo Panizo, a disseminação de expressões e termos da “jeringa” junto aos estratos superiores da sociedade se justifica inclusive pelo caráter pragmático desse socioleto, uma vez que facilita a comunicação de seus membros com indivíduos dos setores populares, a exemplo do taxista e do policial, entre outros personagens que habitam a capital peruana[14].

Uma vez definido o conceito de *argot* e as situações que motivam seu emprego pelos falantes, passemos agora aos conceitos de *coloquial* e de *popular* a fim de demonstrar que, apesar de a “jeringa” exercer influência sobre essas duas dimensões da língua – haja vista seu emprego por grupos sociais diferentes do que seria o esperado, consequência de sua grande popularidade entre os peruanos – não deve ser confundida com nenhuma delas.

A *linguagem coloquial*, como salienta Briz (1998), não é um fenômeno peculiar dos estratos mais baixos da sociedade, e sim uma modalidade linguística, isto é, um nível de fala. Está marcada por traços de cotidianidade, informalidade e espontaneidade, podendo ser encontrada em vários tipos de discurso (conversação, carta, anúncio publicitário etc.) e utilizada por indivíduos dos mais diferentes níveis sócio-econômicos. Em outras palavras, trata-se de uma forma de registro mais fluida que a forma culta, sendo por isso utilizada nas relações cotidianas.

Já o conceito de *popular* está diretamente ligado às características sócio-culturais do indivíduo, isto é, aos níveis de língua médio-baixo e baixo. Segundo Briz (1998), o *popular* distingue-se em quatro grandes campos, que são o nível médio

[14] Informações extraídas de uma entrevista concedida pelo linguista Agustín Panizo, pelo publicitário Fedor Larco e pelo psicanalista Julio Hevia ao Programa 3G (exibido pelo canal peruano Plus TV em julho de 2007), cujo tema era “La jerga nacional”. Disponível em:
http://www.youtube.com/watch?v=wvIi-NH5-9I (parte 1)
http://www.youtube.com/watch?v=LoANs1oj0iE (parte 2.1)
http://www.youtube.com/watch?v=ktPdkzP3jOg (parte 2.2)
http://www.youtube.com/watch?v=a1jY5WptYTE (parte 3)
http://www.youtube.com/watch?v=fUTO-brcL7Q (parte 4)
http://www.youtube.com/watch?v=_uT7gUaIACU (parte 5) (Acesso em 15/05/2010)

formal, nível médio informal, nível popular formal e nível popular informal. Quanto mais baixo é o nível, mais o *popular* aproxima-se do *vulgar*, isto é, de um linguajar grosseiro com conotações pejorativas.

Segundo Cabello (2002), o mundo do crime constituiu uma sociedade fechada até o século XIX, quando seu isolamento social começou a romper-se em consequência, sobretudo, de uma destruição das divisões sociais. Tal acontecimento acabaria resultando numa banalização da linguagem secreta dos malfeitores, isto é, a migração de termos e expressões anteriormente restritas a esse grupo para a língua comum. Isso não significa dizer que o *argot* tenha desaparecido por completo, porém é evidente que houve uma transformação de sua proposta original a partir do momento em que ele passou a ser utilizado pelo grande público. Como nos afirma Calvet (1994), a *função críptica* cedeu lugar à *função emblemática*/*identitária*.

Nesse sentido, concluímos que, apesar de muitos de seus termos terem sido incorporados à língua corrente (coloquial) e de seus usuários fazerem parte de estratos sociais considerados baixos (populares), a "jeringa" é sem dúvida nenhuma um exemplo de *argot*, uma vez que foi concebida no interior de um grupo específico com finalidades bem determinadas.

1.4. Recursos linguísticos empregados na "jeringa".

Como vimos anteriormente, o *argot* possui pelo menos duas funções básicas que são as seguintes: encobrir o significado de uma palavra (*função críptica*) ou marcar o pertencimento do indivíduo ao grupo (*função identitária*). Secundariamente, o uso do *argot* pode servir ainda para expressar sentimentos (*função expressiva*) ou brincar com o interlocutor (*função lúdica*). Segundo Calvet (1994), essas funções não existem separadas da forma, pois o *argot*, sendo uma língua de grupo, procurará manifestar sua diferença através de procedimentos de criação lexical retirados da língua comum.

Tais procedimentos, como mencionamos anteriormente, poderão incidir tanto sobre o significante quanto sobre o significado de uma palavra. No primeiro caso, pode ocorrer 1) a subtração de uma parte da palavra (truncamento), 2) o acréscimo de uma sequência qualquer a essa palavra (sufixação) ou 3) a transformação das palavras de acordo com regras fixas, como ocorre, por exemplo, no "verlan", onde observamos a inversão dos segmentos ou sílabas de uma palavra. Sobre esse último, trata-se de um

procedimento bastante comum na “jeringa” (ali chamada de “vesre”), sendo empregado também em outros *argots*, como por exemplo no “lunfardo” argentino.

Quanto aos casos de sufixação, é possível observar no socioleto em questão duas diferentes modalidades, que são a derivação, em que se acrescenta um sufixo verbal a um substantivo qualquer, geralmente a terminação –ear (Ex.: “cholo” ‘migrante andino’ > “cholear” ‘xingar de cholo’) e a “falsa sufixação”, em que se acrescenta à palavra uma terminação inexistente na língua, a qual exerce a função de sufixo (Ex.: “puta” ‘prostituta’> “putifai”). Em menor escala, podemos encontrar também casos de infixação (Ex.: “lado” ‘lado’ > “laredo”), procedimento herdado da “replana” e raramente utilizado na “jeringa”.

Além dos procedimentos acima mencionados, a *“*jeringa*”* conta ainda com um recurso pouco comum: o *“*floreo verbal*”*, também chamado de *analogia fonética*[15] (RAMÍREZ, 1996), de *amplificação* (BENDEZÚ, 1977) ou ainda de *atração paronímica* (CASTAÑEDA, 2005). Segundo esse processo, uma palavra é substituída por outra com a qual compartilha uma sequência fônica inicial, resultando numa espécie de jogo linguístico[16].

A tabela a seguir nos permite visualizar a maneira como tais operações funcionam na prática através de exemplos retirados da própria “jeringa”. Como já dissemos anteriormente, trata-se de alterações puramente formais, nas quais o sentido da palavra original é mantido mesmo após a transformação.

[15] O fenômeno em questão difere dos casos de analogia apresentados por Gonçalves, Andrade e Almeida (2010), onde a sequência fônica escaneada remeterá sempre a um elemento morfológico (seja ele base, afixo ou segmento), fato que possibilitará sua substituição na palavra-matriz (como no caso de “boacumba” para designar um tipo de macumba que não é má ou “criona” para designar uma criança que é brava como uma onça), no “floreo” não há qualquer tipo de interação entre princípios morfológicos e semânticos, isto é, trata-se de um fenômeno puramente formal.

[16] A própria palavra que dá nome ao nosso socioleto é fruto desse processo, como vimos no item 1.1 do capítulo 1.

Recurso empregado	Palavra original	Palavra após alteração	Significado na *jeringa*
Derivação	cráneo	cranear	Pensar
	dato	datear	Fornecer informação
	to look	luquear	Olhar
Falsa sufixação	chato(a)	chaturri	Pessoa de baixa estatura
	verde	verdimio	Cor verde
	puta	putifacia/putifai	Prostituta
Infixação	lado	laredo	Lado
	comercio	comefercio	Comércio
Metátese (*verlan/vesre*)	calle	lleca	Rua
	cholo	lorcho	Migrante andino
	calato	tolaca	Nu
Floreo verbal	marido	mariachi	Cônjuge
	chape	chapetex	Beijo
	sí	cintura	Advérbio de afirmação
Truncamento	señora	seño	Senhora
	señorita	ñori	Senhorita
	chuchumeca	meca	Prostituta

Figura 1: Recursos formais empregados na "jeringa" (alterações no nível do significante)

Passemos, agora, aos procedimentos semânticos empregados pelo *argot* de maneira geral, e consequentemente, pela "jeringa". Segundo Calvet (1994), a metáfora e a metonímia não se restringem às linguagens de grupo, mas são amplamente utilizadas nas conversações cotidianas. Entretanto, os usuários do *argot* empregam esses recursos de uma forma bastante intensa, pois apesar de lidarem com um número limitado de domínios – geralmente as relações com familiares e amigos, o mundo do trabalho e do dinheiro, as relações amorosas e as formas de diversão, segundo apontam Calvet (1994) e Hevia (2008) –, têm por costume criar muitas palavras para nomear um mesmo referente.

A título de exemplificação, podemos citar as diferentes formas utilizadas pelos usuários desse socioleto para referir-se à mulher: "seño, señito" ou "tía" 'senhora, mulher mais velha', "ñori" 'senhorita, mulher jovem', "jerma", "costilla" ou "flaca" 'namorada' (podendo o último termo significar também 'garota'), "hembrita" 'parceira sexual', "sucursal" 'amante', "la firme" 'esposa', "la marcación" ou "la batida" 'esposa ou namorada controladora' etc. Apesar de todas fazerem alusão a um mesmo objeto, não podemos dizer que estamos diante de sinônimos, uma vez que cada qual destaca um traço semântico, isto é, enfatiza um aspecto em particular da mulher: matriarca, esposa, namorada, ciumenta, controladora, amante etc.

Situação semelhante pôde ser observada entre *Les Coquillards*, quadrilha de

assaltantes do século XV que, atuando na região da Borgonha (França), costumava criar dezenas de palavras para designar as diferentes modalidades de roubo empregadas pelos seus membros, segundo aponta Calvet (1994). Nesses casos, o nível de especialização do léxico é tão alto que, mesmo após a perda da *função críptica*, ainda é difícil para um falante comum identificar as nuances semânticas de cada palavra. Quando isso acontece, normalmente o falante passa a empregar a palavra com uma acepção mais geral, acabando por "empobrecer" seu sentido original.

Vejamos, agora, outra tabela contendo mais alguns exemplos retirados da "jeringa":

Recurso empregado	Palavra	Significado original	Significado na *jeringa*
Metáfora	Mancha	Nódoa, mácula	Multidão, grupo de amigos
	Jalar	Puxar	Dar carona
	Sazonado(a)	Temperado	Bêbado
Metonímia	Las cuatro letras	As quatro letras	Nádegas (= poto)
	Cáncer	Doença	Cigarro

Figura 2: Recursos semânticos empregados na "jeringa" (alterações no nível do significado)

Além dos casos mencionados, existe ainda a possibilidade de combinações entre diferentes processos, como no termo "lompa", em que houve inicialmente uma síncope na palavra "pantalón" 'calça-comprida' (resultando na forma "palón") e, em seguida, uma metátese. Outro exemplo é a palavra "trome" 'mestre', resultado de sucessivas alterações na palavra "maestro": primeiramente, observamos uma metáfora ("maestro" = professor = aquele que é o melhor num determinado oficio), em seguida a queda de segmentos ("metro") e, por último, uma inversão silábica ("trome").

1.5. Revisão bibliográfica.

Nas últimas décadas, a bibliografia disponível sobre a variação linguística presente na capital peruana tem-se voltado prioritariamente para o estudo de peruanismos, "jerga criolla"[17] e outras manifestações linguísticas dos setores populares

[17] Segundo Pino (1968), peruanismos e "jerga criolla" (também chamada de "argot limeño" em Bendezú, 1977) diferenciam-se entre si nos seguintes aspectos: 1) o peruanismo surge como uma necessidade de

(PINO, 1968; BENDEZÚ, 1977; FOLEY, 1983; LARCO, 2000, entre outros), para o estudo do *argot* delinquencial (a já mencionada *"*replana") e outros grupos de caráter marginal, tais como os cambistas de dólares[18] (CARRIÓN, 1978; RAMÍREZ, 1996; GÁLVEZ, 2002; GÁLVEZ & ROCHA, 2006, entre outros) ou ainda para considerações acerca do *argot* estudantil (ALCOCER, 2001, entre outros).

Embora reconheçamos as influências e contribuições de cada um desses códigos linguísticos na formação da *"*jeringa*"*, é importante frisar que tais trabalhos limitam-se quase sempre à descrição lexicográfica, ao estudo dos campos léxico-semânticos ou, no máximo, a seu ordenamento taxonômico. Neste último caso, observamos com frequência a tentativa de se mapearem processos de formação de palavras, sobretudo em relação a termos utilizados pela "replana*"*, a exemplo dos trabalhos de Bendezú (1977), Carrión (1978), Ramírez (1996) e Gálvez (2002). Suas explicações teóricas, porém, não dão conta da diversidade de processos encontrados na *"*jeringa", seja do ponto de vista formal (nos casos em que a palavra envolve questões morfológicas, fonológicas e/ou prosódicas) ou semântico (nos casos em que a palavra envolve questões cognitivas e ou/pragmáticas), uma vez que tendem a ser interpretados como irregulares e imprevisíveis pela maior parte desses estudiosos.

Segundo Bendezú (1977), as classes populares do Peru se valem de diferentes recursos para enriquecer seu vocabulário ou para proporcionar efeitos expressivos sobre sua fala, os quais poderão incidir sobre a estrutura gráfica e sonora das palavras ou ainda sobre seu sentido. Dentre os recursos do primeiro grupo, os quais ele denomina de *formales*, observamos a abreviação (Ex.: "bicicleta" 'bicicleta' > "bici"), a apócope (Ex.: "mamita" 'mãezinha' > mami) a aférese (Ex.: "hermano" 'irmão' > "mano"), a aglutinação (Ex.: "Corre, ve y dile" 'fofoqueiro' > "correveidile")[19], a amplificação (Ex.: "robo" 'roubo' > "Roberto"), a infixação artificial (Ex.: "chofer" 'motorista' > "chofofer"), a sufixação arbitrária (Ex.: "cholo" 'migrante andino'> "cholintranqui") e a

---

nomear uma nova realidade, enquanto o *argot* visa apenas "perverter" o sentido original da palavra. A palavra "anticucho", por exemplo, refere-se a um prato tipicamente peruano e, na linguagem argótica, designa 'antecedentes criminais'; 2) são considerados peruanismos termos cujos similares em castelhano não possuem a mesma força expressiva daqueles utilizados no Peru (Ex.: "calatear" em vez de "desnudar" 'despir'); 3) consideram-se peruanismos aqueles termos cujo uso conseguiu ultrapassar a barreira do grupo para estender-se a outros setores da sociedade peruana (Ex.: "conchudo" em vez de "descarado" 'sem-vergonha').

[18] Famosos por manejar moedas falsas e por outras formas de engano, os cambistas de dólares tiveram seu léxico estudado por Gálvez & Rocha (2006).

[19] Convém destacar que esses quatro primeiros recursos são utilizados na fala coloquial de quase todos os países de língua espanhola, não sendo, portanto, exclusivos da "jeringa".

metátese (Ex.: “callejón” ‘rua estreita’ > “jonlleca”). Dentre os do segundo grupo, denominados por ele de *ingeniosos*, verificamos a metáfora (Ex.: “sombrero” ‘chapéu’ > “cumbre” “cume’), o animismo (Ex.: “Se duerme en la yerba el sol” ‘O sol dorme na grama’), a metonímia ou sinédoque (Ex.: “cigarrillo” ‘cigarro’ > “cáncer” ‘câncer’) e a onomatopeia (Ex.: “orina” ‘urina’ > “pichi” ‘xixi’).

Ao discorrer sobre a *“*replana*”*, o *argot* dos malfeitores peruanos, Carrión (1978) chama a atenção para uma de suas características essenciais, a qual, podemos dizer, é compartilhada também pela *“*jeringa*”*: o fato de ambos possuírem um léxico próprio composto de um fundo comum (o qual incluiria, nesse caso, diversos *argots* do mundo hispano) e um conjunto de “procedimentos lexicogenéticos” que serviriam para ampliá-lo. Dessa forma, Carrión distingue dois procedimentos principais de transformação de palavras, os quais vão afetar respectivamente "la *configuración sonora* de las palabras" ou "la *significación* de ellas" (1978, p. 276, grifo do autor): os *metaplasmos* e os *metasememas*, respectivamente.

No primeiro caso, o autor vai destacar os fenômenos da supressão, adição e permuta de sílabas e/ou fonemas em diferentes posições no interior da palavra. No caso da supressão, esta pode ocorrer no início da palavra (Ex.: “chuchumeca” > “meca” ‘prostituta’), em seu interior (Ex.: “maestro” > “metro” ‘mestre’) ou no final (Ex.: “penitenciaria” > “peni” ‘penitenciária’), sendo a síncope pouco frequente na *“*replana*”* e a apócope, bastante frequente. Quanto à adição, sequências fónicas podem ser adicionadas no início da palavra (Ex.: “cana” ‘prisão’ > “encanar” ‘aprisionar’), em seu interior (Ex.: “comercio” ‘comércio’ > “comefercio”) ou ao final dela (Ex.: “escape” ‘fuga’ > “escapero” ‘ladrão que foge com facilidade’; “verde” ‘verde’ > “verdimio”, “botella” ‘garrafa’ > “botânica” ‘botânica’), sendo a prótese e a epêntese pouco frequentes (em relação à prótese, os casos existente envolvem geralmente derivação prefixal) e a epítese (ou paragoge), bastante frequente e de tipo variado.

Sobre essa última categoria, a saber, os casos de adição final, Carrión (1978) chama a atenção para os três tipos existentes, que são a sufixação padrão (como é o caso de “escapero”), a “sufixação parasitária” ou “falsa sufixação” (como é o caso de “verdimio”, cuja terminação não corresponde a um sufixo corrente na língua espanhola) e o “floreo verbal” (como é o caso de “botánica”, palavra utilizada pra referir-se a “botella”). Segundo o recurso do “floreo”, há ainda a possibilidade de o falante empregar nomes próprios para aludir a pessoas ou situações (como é o caso de

“Brígida”, antropônimo utilizado para referir-se a “Brigada Criminal” ‘grupo especializado na investigação de crimes’ e “Cervantes” para referir-se a “cerveza” ‘cerveja’).

Em relação à permuta de sílabas ou segmentos no interior da palavra, Carrión (1978) se referia claramente ao recurso da metátese, o qual afirma ser bastante produtivo na gíria marginal. Exemplo disso são os usos de “grone” para referir-se a “negro” ‘negro’ e “roca” para referir-se a “carro” ‘carro’.

Quanto ao segundo mecanismo de criação de palavras, cunhado por Carrión (1978) de *metasemema*, o autor procura focar em "las tres grandes figuras de la retórica tradicional" (p. 278), a saber: a metáfora (Ex.: “policía” ‘policial’ > “huayruro” ‘espécie de semente’, cuja associação ocorria devido à semelhança entre as cores do “huayruro” e do antigo uniforme policial), a metonímia (Ex.: “puñal” ‘punhal’ > acero ‘aço’) e a sinédoque (Ex.: “coca” > “hoja” ‘folha de coca’). A esses processos acrescenta ainda a antífrase, como é o caso da expressão “libro de misa” para referir-se a ‘cartas de baralho’.

Por fim, o autor menciona também casos onde pode haver a combinação de processos formais e semânticos, cuja consequência é, na maior parte das vezes, a geração de uma cadeia inesgotável de sinônimos. Exemplo disso é a palavra “comisario” ‘comissário’, que, após apócope, transforma-se em “comi”, depois na palavra “cómico” ‘humorista’ por efeito de “floreo verbal” e, finalmente, em “payaso” ‘palhaço’, por questões de sinonímia com a palavra anterior.

À semelhança do que afirma Carrión (1978), Ramírez (1996) conclui que há três recursos aos quais os marginais peruanos apelam na hora de compor seu vocabulário, um de caráter *fonético*, o outro *morfológico* e o terceiro, de caráter *semântico*. No primeiro caso, ocorre o que ele chama de “deformações fonéticas por conta da adição de falsos sufixos” (Ex.: “puta” ‘prostituta’ > “putifacia”), “desvio final com terminações atípicas” (Ex.: “verde” ‘verde’> “verdimio”) e “jogos ortográficos” (Ex.: “oro” ‘ouro’ > “orégano” ‘orégano’). Ainda no que se refere às transformações fonéticas, o autor cita os casos de “analogia”, que são o uso de palavras foneticamente semelhantes para denominar seres (Ex.: “sirvienta” ‘empregada’ > “servilleta” ‘guardanapo’) ou antropônimos (Ex.: “mareado” ‘bêbado’ > “Mariátegui”).

Quanto aos mecanismos morfológicos de transformação, Ramírez os divide em dois tipos: procedimentos de abreviação e procedimentos de permutação. No primeiro

caso, verificamos a supressão da sílaba final ou inicial da palavra (Ex.: “penitenciaria” ‘penitenciária’ > “peni”; “chuchumeca” ‘prostituta’ > “meca”). Quanto aos casos de permutação, podemos observar a inversão de sílabas em palavras dissílabas (Ex.: “negro” ‘negro’ > ”grone”) ou a metátese no caso de a palavra possuir três ou mais sílabas (Ex.: “borracho” ‘bêbado’ > “choborra”).

No tocante aos recursos semânticos, verificamos por um lado a “analogia semântica” (Ex.: “cocaína” ‘cocaína’ > “blanca” ‘branca’) e, por outro, as “metáforas e lexias” (Ex.: “orinar” ‘urinar’ > “achicar la bomba” ‘diminuir a bomba’). Em seguida, o autor finaliza com alguns casos em que há a combinação destes recursos, a exemplo do que ocorre na palavra “lompa”, na qual houve, inicialmente, uma síncope na palavra original (“pantalón” ‘calça-comprida’> “palón”) e, em seguida, uma metátese (“lompa”).

Outro trabalho que se ocupou de analisar as características formais do *argot* no Peru é o de Gálvez (2002), em que utilizou como *corpus* palavras e expressões da linguagem juvenil retiradas do romance “El escarabajo y el hombre”, de autoria de Reynoso (1970). Seguindo a mesma linha de Carrión (1978) e Ramírez (1996), a autora procura sistematizar os processos *fonológicos*, *morfológicos* e *semânticos* presentes nessa variedade linguística de forma bastante minuciosa.

Entre os processos *fonológicos*, estão as operações envolvendo metátese, elisão e empréstimo de palavras estrangeiras. Para os casos de metátese, Gálvez vai listar quatro tipos: a “metátese estrita” (Ex.: “carro” ‘carro’ > “roca”), “com adequação silábica” (Ex.: “cholo” ‘migrante andino’ > “lorcho”), “com assimilação” (Ex.: “botón” ‘botão’ > “tombo” ‘policial’) e “com redução” (Ex.: “maestro” > “metro” > “trome” ‘mestre’). Quanto aos casos de elisão, a autora distingue dois tipos: síncope (Ex.: “cuñado” ‘cunhado’ > “cuñao” ‘compadre, amigo’) e apócope (Ex.: “francamente” > “franco” ‘francamente’). No que se refere aos empréstimos, a autora demonstra que a *“replana”* sofre influências do inglês (Ex.: “to look” > luquear ‘olhar’), do italiano (Ex.: “mangiare” ‘comer’ > “manyar” ‘entender’), do francês (Ex.: “gaga” ‘caduco, louco’ > “gagá” ‘burguês’) e de *argots* estrangeiros, a exemplo do caló espanhol[20] (Ex.: “gil” ‘idiota, tonto’).

Quanto aos processos *morfológicos*, Gálvez vai enumerar as diferentes

[20] Variante do *romaní*, o *caló* é a língua utilizada pelo povo cigano que habita o território espanhol. Fonte: http://es.wikipedia.org/wiki/Idioma_cal%C3%B3 (Acesso em 20/02/2011).

modalidades de formação de palavras por derivação, discernindo entre processos simples (derivação por prefixação ou por sufixação, podendo ser esta última verbal, nominal ou adjetival) e complexos (derivação por prefixação e sufixação, podendo ser estas do tipo verbal ou adjetival). Ainda dentro dessa categoria mencionará também os casos de composição (Ex.: "hombre-marihuana" 'homem-maconha') e "floreo verbal".

Em relação aos processos *semânticos*, cita o uso de metáforas, metonímias, sinédoques, antífrases e eufemismos, demonstrando como é frequente nesse socioleto a prática da "ressemantização"[21], seja ela de verbos, substantivos ou adjetivos.

Diferentemente dos autores anteriores, Gálvez chama a atenção para a existência de operações envolvendo a estrutura oracional, as quais denomina de processos *sintático-semânticos*, a exemplo das reduções de frases (Ex.: "la concha de su madre" 'a buceta da sua mãe' > "conchesumadre"), usos figurados (Ex.: "estar desinformado" 'estar desinformado'> "estar en la calle" 'estar perdido') da existência de lexias oracionais (Ex.: "llorar" 'chorar' > "irse en plan de llanto" 'ir-se aos prantos'), frases modais/temporais/de quantidade/de lugar (Ex.: "en gran cantidad" 'em grande quantidade' > "como mierda" 'pra caralho'), eufemismos (Ex.: "de la puta madre" 'show de bola, sinistro' > "de la pitrimitri") e interjeições (Ex.: "¡de ninguna manera!" 'de maneira nenhuma' > ¡la hueva! 'nem fodendo!')[22].

Como podemos ver nesses trabalhos, há uma profusão de nomenclaturas cuja real necessidade deve ser questionada, pois certas taxonomias, em lugar de auxiliar o leitor na identificação desses processos, acabam por confundi-lo ainda mais. É interessante notar ainda a inexistência de um consenso entre esses autores com respeito às nomenclaturas utilizadas, apesar de os processos de criação de palavras a que aludem serem geralmente os mesmos. Especialmente com relação aos processos de "floreo verbal" e de "falsa sufixação", falta clareza na descrição, o que é, sem dúvida, uma consequência de seu caráter atípico. A confusão fica evidente, sobretudo, no trabalho de Ramírez (1996), no qual são criadas cinco diferentes nomenclaturas ("deformações fonéticas por adição de falsos sufixos", "desvio final com terminações atípicas", "jogos

[21] Segundo Gálvez (2002), a "ressemantização" é um processo em que uma palavra da língua ganha novas acepções para além de seu sentido original. Exemplo disso é o verbo "enfriar" utilizado no lugar de 'matar', o substantivo "chivo" 'bode' em alusão ao indivíduo homossexual e o adjetivo "viejo" para referir-se a 'pai'.

[22] Nesses casos, optamos pela utilização de equivalentes pragmáticos em lugar de realizar uma tradução literal dos termos.

ortográficos", "analogia" utilizando palavras comuns e "analogias" utilizando antropônimos) para designar fundamentalmente duas coisas diferentes: os casos de "falsa sufixação", em que termos a incorporação de uma terminação com valor de sufixo (embora não o seja de fato) e de "floreo verbal", em que duas palavras compartilham a mesma sonoridade, sendo uma empregada no lugar da outra.

Uma última observação é quanto à falta de rigor metodológico na seleção e na análise dos dados, especialmente em relação aos trabalhos de Carrión (1978), Bendezú (1977) e Ramírez (1996). A exceção de Gálvez (2002), que procura apoiar sua análise sobre palavras retiradas de um *corpus* literário, os demais autores não demonstram a origem dos dados aos quais fazem referência, embora afirmem tratar-se de exemplos extraídos da língua oral. Além disso, todos seguem a mesma metodologia de análise, que é a descrição dos recursos linguísticos utilizados pelos falantes das classes populares e ilustração por meio de termos da gíria marginal. Trata-se de um enfoque essencialmente taxonômico, sem compromisso com uma análise mais profunda a respeito do tema, como o seria se tratássemos de buscar, por exemplo, explicações sobre o porquê de se emergirem certas formas na "jeringa" em vez de outras, bem como se tratássemos de entender qual ou quais dispositivos formais são ativados a partir da aplicação de um determinado comando em uma palavra da língua corrente.

1.6. Conclusão.

No início deste capítulo, caracterizamos a "jeringa" no que concerne a suas origens, ao perfil de seus usuários, às funções que seu uso exerce sobre os falantes e às matrizes linguísticas e argóticas que a compõem. Em seguida, realizamos alguns esclarecimentos a respeito do conceito de *argot* e suas especificidades frente aos conceitos de *popular* e de *coloquial*, demonstrando que a "jeringa", apesar de haver-se disseminado entre diferentes públicos, é em sua gênese uma língua de grupo.

Já na quarta seção, tratamos de expor os processos formais e semânticos dos quais os usuários desse socioleto lançam mão na hora de criar novas palavras. Comentamos também acerca dos campos semânticos aos quais a "jeringa" faz referência, demonstrando que existe uma infinidade de palavras para um reduzido número de temas.

Na quinta seção, expusemos os trabalhos mais relevantes sobre a gíria marginal

produzidos por autores peruanos, a partir dos quais se conclui que não há muita uniformidade nas nomenclaturas utilizadas, apesar de os processos de criação de palavras apresentados serem geralmente os mesmos.

Após esse capítulo de apresentação da "jeringa" e antes de passarmos à análise dos dados coletados com base na teoria proposta, discutiremos questões referentes ao *corpus*, tema do próximo capítulo.

Capítulo 2
O *corpus*

2.1. Introdução.

O presente capítulo tem por objetivo justificar a escolha do *corpus* sobre o qual nossa pesquisa se apoia, bem como apresentar algumas de suas especificidades com base em Gargurevich (2002). Em seguida, trataremos de examiná-lo segundo o conceito de gênero discursivo encontrado em Bakhtin (1997) e Marcuschi (2002, 2004), buscando esboçar ainda algumas considerações sobre o gênero *fofoca* de acordo com os trabalhos de Aderaldo (2004), Casali (2007) e Silva (2010). Ainda neste capítulo, aproveitaremos para esclarecer acerca de nossa metodologia de coleta de dados.

Devido à inviabilidade de uma pesquisa de campo, a qual exigiria o emprego de maior tempo e recursos na elaboração do presente trabalho, optou-se pelo uso do *corpus* jornalístico. Existe hoje, no Peru, uma série de tabloides sensacionalistas voltados para as classes populares, os chamados "diarios chicha" (sobre os quais falaremos de forma detalhada na próxima seção deste capítulo). Dirigidos a um público de menor escolaridade e reduzido poder aquisitivo, esses jornais utilizam abertamente termos da "jeringa" ou do *argot* marginal em suas notícias, aludindo quase sempre ao mundo do espetáculo ou a temas mórbidos, uma vez que têm como objetivo entreter o leitor mais do que propriamente informá-lo. Para nossa pesquisa, utilizamos dados coletados da coluna "Ya fuiste"[23] do tabloide "Ajá"[24] (versão *on-line*), no qual a jornalista Lupe Miranda conta "los últimos chismes" ('as últimas fofocas') sobre o mundo do espetáculo, cunhada pela "jeringa" de "farándula lorcha"[25].

O tabloide "Ajá" é produzido e veiculado pelo grupo peruano EPENSA (Empresa Periodística Nacional S.A.), que também veicula os diários "Ojo", "Correo" e "El Bocón": o primeiro, de caráter popular massivo; o segundo, integrante da chamada imprensa *standard* e o terceiro, de conteúdo esportivo. Segundo dados da Compañía

[23] A expressão "Ya fuiste" é largamente utilizada pelos jovens e significa algo como "Você já era", numa alusão aos artistas que são alvo das fofocas da colunista.
[24] O termo "Ajá" pode ser considerado tanto uma interjeição de surpresa (sendo nesse caso acompanhado de sinais de exclamação) quanto um advérbio de afirmação.
[25] "Farándula" é uma palavra utilizada para referir-se ao mundo do espetáculo, e "lorcho", como vimos No item 2 do primeiro capítulo, é uma metátese da palavra "cholo", termo de caráter pejorativo utilizado para referir-se aos migrantes andinos e seus descendentes. Além da expressão "farándula chola" ou "farándula lorcha", podemos encontrar ainda a forma "Chollywood", isto é, a *Hollywood* dos "cholos".

Peruana de Estudios de Mercado y Opinión Pública (SAC-CPI) para maio e junho de 2010, esse conjunto de jornais reunia o maior número de leitores em nível nacional: cerca de 2.458.000 pessoas os consumiam diariamente, fato que demonstra sua grande difusão entre as classes populares[26].

Embora possa existir no meio jornalístico e em outros meios, tal como o literário, o *argot* é de uso basicamente oral, de modo que sua transcrição para a linguagem escrita será sempre problemática. De acordo com Calvet (1994), perde-se muito ao passar-se de um registro a outro, pois é comum encontrar no *argot* fenômenos essencialmente fonéticos, tais como elisões, quedas de consoante, variações vocálicas, entre outros. Por essa razão, a coluna em questão apresentou-se como uma excelente fonte de dados, pois vemos ali o esforço em representar-se graficamente cada um dos procedimentos encontrados na "jeringa" com razoável fidelidade[27]. Para efeito de quantificação, usaremos como amostra dados coletados dos textos publicados durante um mês (entre os dias 08/06 e 08/07/10) na edição *on-line* do referido jornal.

2.2. Os jornais populares no Peru.

Segundo Gargurevich (2002), a imprensa massiva e popular (a chamada "prensa amarilla") nasceu a partir das migrações internas que mudaram o rosto da capital. Com a chegada de um alto contingente de andinos a Lima entre os anos 50 e 80, foi-se criando um novo perfil de leitores que demandava novas formas de expressão e novos modelos de identificação. Consequência disso é o surgimento do tabloide vespertino "Última Hora", editado no ano de 1950 pelos mesmos donos de "La Prensa", diário representante dos interesses de grandes latifundiários. Com o objetivo de marcar uma postura política frente ao outro diário vespertino, "La Crónica de la tarde", aquele tabloide passaria a obter grande êxito a partir do momento em que decidiu mudar suas estratégias, apostando numa forma de se comunicar até então desconhecida pelo mundo jornalístico: a utilização, em suas manchetes, de termos da gíria delinquencial e a variação da temática de modo a atender aos interesses imediatos das camadas populares.

[26] Fonte: www.epensa.com.pe (Acesso em 10/09/11).

[27] Além da presença de termos da "jeringa", a referida coluna chamou nossa atenção devido à espontaneidade da linguagem, a julgar pela quantidade de onomatopeias, exclamações, reticências, alterações fonéticas etc. A impressão que se tem é que esses elementos foram empregados de forma proposital pela autora com o objetivo de simular a linguagem oral, visando a estabelecer assim uma maior cumplicidade com o leitor.

Essa mudança nos padrões de noticiar contribuiu para estimular, na década seguinte, o aparecimento de outros diários da mesma linha, a exemplo dos tabloides "Extra" e "Ojo". Depois de um período de silêncio que compreenderia os anos de regime militar (1968-1980), essa mesma imprensa popular retornaria nos anos 80 dentro de um novo cenário: o movimento cultural musical provinciano chamado de "cultura chicha", o qual inauguraria não somente um novo gênero musical, como também uma nova estética[28].

Dentro desse contexto, surge então o tabloide "El Popular", que, em pouco tempo, se tornou campeão de vendas e liderou o mercado limenho por vários anos. Constituindo-se no "primo pobre" do jornal "La República", essa publicação inaugurou um padrão que se estenderia posteriormente a outros diários "chicha": esteticamente, a utilização do formato tabloide, o abuso de cores fortes e a presença de letras garrafais na primeira página, bem como de *vedettes* seminuas obrigatoriamente fotografadas de costas. Quanto ao conteúdo, há uma notável inclinação por temas mórbidos ou do mundo do espetáculo, os quais são comunicados ao leitor em linguagem coloquial e, na maioria das vezes, empregando termos da "jeringa". Além dessas características, estão o baixo preço e o número reduzido de páginas, o que torna esses jornais ainda mais atrativos para os segmentos menos favorecidos, interessados mais em seu caráter de entretenimento que de informação (para ver alguns exemplos, cf. Anexo II desta dissertação).

Após o advento de "El Popular", muitos outros diários de inspiração "chicha" tiveram lugar nas bancas de Lima, especialmente durante a crise política e social protagonizada pelo governo Fujimori (1990-2000). Dessa forma, nasceram jornais como "El mañanero", "El chino", "El tío", "La Reforma", "El chato" e "La yuca"[29], os quais

[28] Segundo Quispe (2000), o termo "chicha", que até os anos 60 havia sido utilizado unicamente para referir-se a uma bebida ancestral feita de *maíz morado* (espécie de milho roxo) e frutas, acabaria assumindo uma conotação negativa entre as décadas posteriores, em função de acontecimentos de cunho político e cultural: em primeiro lugar, por dar nome à música produzida pelos migrantes serranos e, consequentemente, ao ambiente onde era veiculada, os famosos "chichódromos". Em segundo lugar, por fazer-se presente num contexto de ampla flexibilização das normas e dos valores. Nesse sentido, a reeleição fraudulenta do presidente Alberto Fujimori, a conversão de parlamentares de oposição ao regime e a manipulação deliberada de informação por parte dos diários populares contribuiriam decisivamente para relacionar o termo "chicha" ao engano, à transgressão e à informalidade. Além da dimensão moral, vale dizer também que esse termo evoca ainda uma estética peculiar (o *kitsch* peruano), sendo associado quase sempre ao mau gosto e ao escandaloso devido à combinação de cores fortes, estampas e estilos diferenciados, a exemplo das cores que ilustra o jornal "Ajá", *corpus* de nosso trabalho.

[29] Sem guardar nenhuma relação com o processo comunicativo em si, o nome desses jornais não raro tem origem na linguagem coloquial ou estão associados com a picardia, evidentemente buscando chamar a atenção do público. "El mañanero", por exemplo, faz alusão às relações sexuais matinais, enquanto que

eram manipulados pelo governo em conjunto com alguns canais televisivos, fazendo campanhas de oposição aos inimigos do regime.

Na última década, entretanto, pode-se dizer que a imprensa "chicha" tem passado por uma espécie de reforma, pois embora suas publicações mantenham ainda o mesmo caráter sensacionalista e a mesma estética, já não servem mais a fins políticos. Atualmente são abordados temas mais voltados para o cotidiano das classes populares, tais como notícias do mundo artístico e dos esportes, informações sobre acontecimentos locais etc. Exemplos desses novos jornais são "Ojo", "Trome" e "Ajá", sendo este último utilizado como *corpus* de nosso trabalho. Entre os tabloides considerados "sérios" pelo público limenho, estão "Perú 21" e "Correo", todos comercializados ao preço ínfimo de 50 centavos de *sol*[30].

2.3. A *coluna de fofocas*: um gênero jornalístico.

Segundo Bakthin (1997), todas as esferas da atividade humana estão relacionadas com a utilização da língua, a qual se realiza na forma de enunciados. O enunciado reflete as peculiaridades e finalidades de cada uma dessas esferas, seja através de sua forma ou de seu conteúdo. A cada esfera de utilização da língua correspondem tipos relativamente estáveis de enunciados, que é o que o autor denomina de gênero discursivo.

Apesar da relativa previsibilidade estrutural, Marcuschi (2002) ressalta que os gêneros não se definem por características linguísticas, mas sim como atividades sócio-discursivas. Em outras palavras, o conceito de gênero contempla a língua em seus aspectos social, histórico e cognitivo, e não em suas peculiaridades formais. Segundo essa perspectiva, não basta dominar a forma linguística para dominar um determinado gênero, mas sim saber utilizar as ferramentas que a língua dispõe para realizar objetivos específicos em situações sociais particulares.

"El chino" ('o japa'), "El tío" ('o tiozinho') e "El chato" ('o nanico') se referem claramente ao aspecto físico de Fujimori. Mas talvez o caso mais interessante seja o do tabloide "La yuca" *(*'a mandioca'), batizado assim pelo fato de o mesmo Fujimori, sendo engenheiro agrônomo, haver-se apresentado durante uma reportagem acompanhado do referido tubérculo. A partir de então teria origem tanto jornal quanto a expressão "meter la yuca", que na "jeringa" significa algo como 'sacanear', à semelhança do que "fazia" com o país à época.

[30] Esse valor equivale a aproximadamente trinta centavos de real (câmbio de janeiro de 2012).

De acordo com Bakthin (1997), os gêneros podem ser classificados em dois grandes grupos: os gêneros primários, que abrangem as formas de comunicação mais simples, voltadas para a realidade existente e relacionadas com uma comunicação verbal mais espontânea (a exemplo da piada e da entrevista) e os gêneros secundários, derivados do primeiro, porém, presentes em circunstâncias de uma comunicação culturalmente mais complexa, geralmente escrita (a exemplo do romance e da publicidade).

A despeito dessa distinção, Marcuschi (2004) concebe a relação entre fala e escrita não como polos opostos, mas como duas diferentes modalidades de uso da língua que se unem num *continuum*. Através desse entrecruzamento, vários gêneros tornaram-se possíveis, sendo o gênero *coluna de fofoca* um deles: neste caso, observamos a migração de um gênero tipicamente oral para publicações de caráter escrito, como por exemplo revistas e jornais.

De acordo com Silva (2010), a *fofoca* é um fenômeno social bastante presente no cotidiano das pessoas, cujo objetivo costuma ser de integrar e/ou entreter o grupo. Há ainda uma função moralizadora na *fofoca*, uma vez que ela implica contar histórias que realçam os erros dos outros e sublinham comportamentos tidos como padrão por um determinado grupo social. Atualmente, existem várias definições, conceitos e descrições acerca da natureza do fenômeno *fofoca* segundo diferentes perspectivas (sociológica, histórica, psicológica etc.)[31], porém poucos são os trabalhos cujo enfoque seja eminentemente linguístico, a exemplo do que propõe Aderaldo (2004).

Ao tratar de mapear os gêneros segundo sua presença na mídia impressa brasileira, Casali (2007) vai propor cinco categorias, que são os gêneros *referencial*, *ficcional*, *credual*, *exposicional* e *lúdico*. Para essa autora, o subgênero *fofoca*, objeto de análise neste trabalho, está inserido dentro do gênero denominado por ela de *exposicional*. O referido subgênero tem como objetivo expor eventos e/ou personalidades, podendo ser estes eventos ficcionais ou reais.

Aderaldo (2004), por sua vez, afirma que o gênero *fofoca* tem sido constantemente atualizado na imprensa escrita brasileira contemporânea, sendo suas características principais as seguintes: 1) no nível superestrutural de organização textual, o arranjo global dos textos em termos dos tipos textuais que apresentam; 2) no nível macroestrutural, o processo de tematização (nesse caso, a relação entre público e

[31] Para mais informações acerca desses trabalhos, cf. Wieser (2009) e Silva (2010).

privado) e 3) no nível microestrutural, a referenciação dos objetos-de-discurso (através da utilização de antropônimos e expressões nominais específicas) e a modalização dos enunciados (de maneira a descomprometer o locutor sobre aquilo que anuncia).

Apesar de esses trabalhos fazerem alusão ao contexto brasileiro, suas observações podem ser aplicadas sem nenhuma restrição ao que ocorre na mídia escrita peruana de caráter massivo. Na verdade, a difusão de jornais populares parece haver-se tornado uma tendência mundial, em que grandes empresas de comunicação criam versões mais compactas de modo a alcançar consumidores de menor poder aquisitivo. E embora tenha havido uma mudança na perspectiva desses jornais, isto é, o abrandamento da linha sensacionalista em favor da exploração de temas mais relacionados ao cotidiano, parte de seu conteúdo ainda se dedica ao entretenimento, o qual inclui crônicas policiais, piadas, sessão de esportes, fotos de mulheres seminuas e especialmente, *colunas de fofocas* (cf. OLIVEIRA, s/d).

Alimentado pelo escândalo e pelo exagero, geralmente por conta de alguma ação ilícita (consumo de drogas, violência contra a mulher etc.), alguma intriga ou algum relacionamento moralmente reprovável, o universo da *fofoca* parece aproximar-se muito ao dos setores populares, e mais especificamente aos espaços da família e da vizinhança. Talvez por essa razão esses diários sejam tão consumidos por aqueles grupos, haja vista o quantitativo de leitores apresentados na introdução deste capítulo (cerca de 2.458.000 exemplares vendidos diariamente somente para as publicações do grupo EPENSA).

Como vimos anteriormente, a relação entre fala e escrita se caracteriza por ser um *continuum*, de modo que não podemos falar na existência de polos opostos de uso da língua. O gênero jornalístico *coluna de fofocas*, com todas as suas especificidades, exemplifica bastante bem esse caráter não-dicotômico entre escrito e oral, pois ao mesmo tempo em que faz uso da linguagem escrita, possui um estilo descontraído, informal e que simula espontaneidade, como numa conversa face a face. No caso específico de nosso *corpus*, a coluna “Ya fuiste”, fica patente o esforço da autora por representar a sonoridade da fala (daí o uso excessivo de interjeições e o alongamento ou

alçamento de vogais)[32], de modo que o referido gênero poderia ser facilmente localizado no cruzamento entre os tipos primário e o secundário.

2.4. Metodologia de coleta de dados

Como dito anteriormente, utilizamos como amostra dados coletados da coluna "Ya fuiste" durante o período de um mês (entre os dias 08/06 e 08/07/10) na edição *on-line* do diário "Ajá". Optamos por restringir-nos a esse intervalo de tempo devido ao razoável número de dados encontrados (39 ao todo), não tendo sido necessário recorrermos, portanto, a outras edições do jornal.

Concernente aos casos de metátese, foram encontrados 14 dados[33], num total de 11 palavras dissílabas e três trissílabas. Entre as dissílabas estão **"jerma"** < "mujer" 'mulher, namorada' (4 ocorrências), **"telo"** < "hotel" 'motel' (1 ocorrência), **"lorcho"** < "cholo" 'migrante andino' (2 ocorrências), **"tegen"** < "gente" 'gente, pluralidade de pessoas' (8 ocorrências), **"lleca"** < "calle" 'rua' (1 ocorrência), **"zafuer"** < "fuerza" 'força' (1 ocorrência), **"yapla"** < "playa" 'praia' (1 ocorrência), **"cofla"** < "flaco" 'moço, namorado' (1 ocorrência) e **"llauca"** < "Callao" 'cidade vizinha a Lima' (2 ocorrências), **"[a la] merfi"** < "firme" 'de fato, de verdade' (10 ocorrências) e **"[me] tacuen"** < "me cuentan" 'me contam' (3 ocorrências). Entre as trissílabas estão **"tolaca"** < "calato" 'nu, despido' (1 ocorrência), **"dorima"** < "marido" 'marido' (2 ocorrências) e **"choprove"** < "provecho" 'proveito' (1 ocorrência). Não tivemos dificuldades na coleta desses dados, uma vez que o fenômeno da metátese se manifesta de forma muito semelhante em todas as palavras, o que facilita seu reconhecimento.

Com relação aos casos de "floreo verbal", foram registrados 25 dados[34], a saber: **"cubichi"** < "cubano" 'cubano' (3 ocorrências), **"trampolín"** < "tramposo" 'mentiroso, enganador' (4 ocorrências), **"conchán"** < "conchudo" 'cara-de-pau' (3 ocorrências),

---

[32] Para efeito de ilustração, podemos enumerar palavras e expressões tais como "¡Ayayayyy!", "¡Uhmmmm!", "¡Nooo, pues"!, "¡Fuiiiiraaa!", "Cheesu...", "¡Quéee!", "Qué bueeena...", "Ja, ja, ja", entre muitas outras que parecem simular a linguagem oral (cf. Apêndice I).

[33] Duas dessas palavras vinham em meio a locuções ("a la merfi", "me tacuen"), fato que não exerce qualquer influência no resultado da análise otimalista, uma vez que a análise foi realizada com base no produto da metátese, e não da expressão como um todo. Preferimos, porém, deixar claro que essas palavras fazem parte de uma locução por razões de ordem semântica.

[34] Cinco dessas palavras vinham em meio a locuções ("dar forata", "de passarela" "dar un voltarén", "¿qué talco?", "al toquepala"). À semelhança do caso anterior, o fato de a palavra ser empregada dentro de uma locução não exerce qualquer influência no resultado da análise otimalista, mas possui grande relevância do ponto de vista semântico.

“segurolas” < “seguro” ‘com certeza, de fato’ (1 ocorrência), **“chaplín”** “chapa” < ‘apelido’ (2 ocorrências), **“clarínes”** < “claro” ‘com certeza, sim’(1 ocorrência), **“barrunto”** < “barrio” ‘bairro, vizinhança’ (1 ocorrência), **“Limonta”** < “Lima” ‘capital peruana’ (2 ocorrências), **“chapetex” <** “chape” ‘beijo’ (1 ocorrência), **“francolines”** < “francamente” ‘com certeza, de fato’ (1 ocorrência), **“solano”** < “ solo” ‘sozinho’ (1 ocorrência), **“celofán”** < “celoso” ‘ciumento’ (1 ocorrência), **“mariachi”** < “marido” ‘marido’ (7 ocorrências), **“zambrana”** < “zamba” ‘mulher negra’ (3 ocorrências), **“zambrano”** < “zambo” ‘homem negro’ (1 ocorrência), **“zamborja”** < “zambo” ‘homem negro’ (1 ocorrência), **“caín”** < “caído” ‘sem dinheiro’ (1 ocorrência), **“patín”** < “pata” ‘amigo’ (4 ocorrência), **“piñata”** < “piña” ‘azarado’ (1 ocorrência), **“chicoma”** < “chico” ‘pequeno’ (1 ocorrência), **“[dar] forata”** < “fuera” ‘dar um fora’ (1 ocorrência), **“[de] pasarela”** < “de pasada” ‘de passagem’ (1 ocorrência), **“[dar un] voltarén”** < “dar uma vuelta” ‘dar uma volta’ (1 ocorrência), **“¿[qué] talco?”** < “¿qué tal?” ‘como vai?’ (2 ocorrências) e **“[al] toquepala”** < “al toque” ‘ao momento’ (1 ocorrência). A maior dificuldade na identificação desses dados reside no fato de que o “floreo” lida com palavras pré-existentes na língua, mas nem sempre essas palavras estão dicionarizadas. Muitas vezes o produto do “floreo” equivale a *antropônimos, topônimos* ou *oniônimos*[35], de modo que tivemos de recorrer a *sites* de busca para ajudar-nos a realizar essa seleção.

2.5. Conclusão.

No início deste capítulo, vimos que a imprensa massiva no Peru nasceu como consequência dos movimentos migratórios internos. Devido à presença de novos atores sociais na capital peruana, foram criados jornais que pudessem atender às demandas específicas desse contingente populacional, os quais se caracterizavam pelo registro coloquial, temas voltados para o cotidiano, preços reduzidos e muito sensacionalismo.

Já na seção seguinte, realizamos breves considerações acerca do conceito de gênero discursivo e, mais especificamente, sobre o gênero *fofoca*. Devido à presença de elementos provenientes tanto da linguagem oral quanto da escrita, concluímos que o gênero jornalístico *coluna de fofocas* se trata de uma espécie de gênero intermediário entre essas duas modalidades da língua.

[35] *Oniônimo* é o termo que se usa para referir-se a nomes comerciais (HOUAISS, 2001).

A quarta seção, por sua vez, informa quais foram os dados encontrados no *corpus*, seu número de ocorrências e as dificuldades enfrentadas durante sua seleção.

No capítulo que segue, abordaremos o que propõe a Teoria da Otimalidade, isto é, evidenciaremos seus pressupostos e suas ferramentas de análise, bem como a metodologia a ser empregada na análise dos dados coletados.

Capítulo 3
A Teoria da Otimalidade

3.1. Introdução.

No presente capítulo, veremos de que forma a Teoria da Otimalidade (doravante TO), dado o seu caráter inovador, pode nos auxiliar na análise de fenômenos pouco estudados pela gramática tradicional.

Inicialmente, exporemos as principais diferenças entre essa teoria e os modelos serialistas de inspiração gerativista, bem como as vantagens da Otimalidade frente a esses modelos. Na seção seguinte, veremos os elementos que compõem a arquitetura da TO e as premissas básicas sobre as quais essa teoria se apoia. Já na terceira seção, explicaremos os tipos principais de restrições existentes, a saber, as restrições de fidelidade e as de marcação. Por último, demonstraremos como se processa uma análise otimalista através da apresentação de três exemplos hipotéticos.

3.2. A TO e os modelos serialistas.

Surgida no início dos anos 90 com Prince & Smolensky (COSTA, 2001; CAGLIARI, 2002; GONÇALVES *et. al*., 2009), a TO pode ser descrita como um quadro teórico ambicioso e inovador, uma vez que pretende, através de um número limitado de ferramentas (as chamadas restrições universais), analisar todo e qualquer fenômeno linguístico existente, independentemente de sua natureza ou da língua em questão.

Assim como outros modelos de inspiração gerativista, defende a existência de uma Gramática Universal, isto é, um conjunto finito de conhecimentos inatos (princípios) que permite ao indivíduo produzir e estruturar sentenças de forma infinita. Nesse sentido, a faculdade da linguagem pode ser descrita como uma capacidade biológica e universal comum todos os seres humanos, enquanto que as diferenças estruturais entre as línguas podem ser explicadas por conta de uma variação no conjunto de parâmetros priorizados por cada uma delas (KENEDY, 2008).

Como comentam Gonçalves & Piza (2009), os modelos serialistas de inspiração gerativista pressupõem que a tarefa da teoria linguística é definir a forma de superfície (*output*) para uma forma subjacente (*input*) a partir da aplicação de um conjunto de regras ordenadas. Apesar de eficiente em muitos casos, tais abordagens apresentam limitações na medida em que não admitem o conflito entre regras ou princípios, por acreditar que estes devem ser obedecidos à risca durante o processo. Por conta disso, o que se costuma fazer diante de uma circunstância como essa é modificar ou reformular algum princípio, ou então incluir filtros entre os estágios do processo, de modo a evitar o conflito (COSTA, 2001).

A TO, por sua vez, defende uma análise com base em restrições, em vez de regras ou princípios, por acreditar que seu uso torna a descrição mais econômica, uniforme e universal (GONÇALVES & PIZA, 2009). Enquanto as regras dizem respeito aos padrões de uma língua específica, as restrições são de caráter universal. Outra vantagem da TO é que ela admite a interação entre restrições e, mais do que isso, o conflito entre elas, resultando na violabilidade de uma ou outra, de modo a atender às exigências da própria língua ou do fenômeno em questão.

3.3. A arquitetura da TO e suas cinco premissas básicas.

A TO pode ser descrita como um quadro teórico de inspiração não-derivacional (não-serialista) cujo diferencial é a utilização de restrições em vez de regras ou princípios no tratamento dos mais variados fenômenos linguísticos. A TO trabalha com restrições universais elencadas hierarquicamente (segundo sua relevância na língua ou no fenômeno estudado) cuja principal característica é a possibilidade de violação pelos candidatos, que são formas possíveis na língua para o *input* a ser analisado. Uma vantagem de lidar com restrições hierarquizadas é a possibilidade de se trabalhar com vários níveis de análise linguística de uma só vez (morfológico, fonológico etc.), de onde advém o seu caráter paralelista.

O *input* é a forma subjacente e o *output* é a forma de superfície, isto é, a forma considerada ótima para um determinado *input* apresentado. Na TO, a interação entre esses elementos é mediada por dois mecanismos, GEN (“generator” ‘gerador’) e EVAL (“evaluator” ‘avaliador’): o primeiro é responsável por gerar expressões linguísticas que constituirão o conjunto de candidatos a serem avaliados, e o segundo elege a melhor

forma de superfície com base no conjunto de restrições universais (CON) (CAGLIARI, 2002).

Para que um candidato seja considerado ótimo, os demais deverão violar restrições dominantes na escala hierárquica, mesmo que este candidato tenha violado depois outra restrição qualquer. A violação de uma determinada restrição, portanto, só será permitida na medida em que tiver como objetivo satisfazer uma restrição mais alta na hierarquia.

Em suma, a TO apresenta cinco premissas básicas, que são as seguintes: 1) Universalidade (restrições estão presentes em todas as línguas); 2) Violabilidade (as restrições são violáveis, porém essa violabilidade deverá ser mínima); 3) Hierarquização (restrições estão organizadas hierarquicamente segundo as exigências de cada língua); 4) Inclusividade (candidatos devem respeitar condições gerais de boa-formação) e 5) Paralelismo (a avaliação leva em conta todo o conjunto de candidatos e toda a hierarquia de restrições, sem qualquer serialismo) (COSTA, 2001).

3.4. As restrições na TO: definição e tipos.

Nesta seção, veremos algumas das restrições utilizadas na análise otimalista, ilustrando com exemplos que permitam sua compreensão. O termo "restrição" alberga sob a mesma rubrica dispositivos de diferentes naturezas, tais como regras, parâmetros, filtros, condições etc., porém sob uma ótica universal. Em outras palavras, não existe, para a TO, restrições aplicáveis somente a uma língua em particular, mas sim um conjunto de restrições que poderão ser violadas ou obedecidas de acordo com a hierarquia específica de cada língua.

A despeito da infinidade de restrições existentes, observamos que, na maior parte dos casos, candidatos a *output* conseguem emergir somente a partir do conflito entre restrições de marcação e de fidelidade, que são duas grandes famílias de restrições. A primeira diz respeito à identidade entre *input* e *output*, isto é, segundo essas restrições, o *output* deve ser o mais fiel possível ao *input*. Já o segundo tipo está ligado a condições de boa-formação, pois de acordo com essas restrições, o *output* deve respeitar maximamente os padrões da língua.

As restrições denominadas LIN (linearidade) e CONTIG (contiguidade), por exemplo, dizem respeito ao grau de fidelidade entre *input* e *output*. No caso de LIN,

uma mudança na sequenciação linear dos segmentos do *output* em relação ao *input* deverá ser penalizada. CONTIG, por sua vez, exige que a camada contígua de elementos do *input* permaneça no *output*, como demonstram os exemplos abaixo:

Input: "chofer" 'motorista' → ***Output***: "fercho"
(nesse caso, observa-se uma violação a LIN, uma vez que o segmento [f] não aparece imediatamente após o segmento [o] no *output*)

Input: "borracho" 'bêbado'→ ***Output***: "choborra"
(nesse caso, observa-se uma violação a CONTIG, uma vez que as sílabas [tʃo] e [řa] não estão contíguas no *output*)

Passemos, agora, às restrições de marcação, as quais dizem respeito à estrutura das línguas, favorecendo estruturas menos marcadas. A fim de exemplificar essa família de restrições, apresentamos *COMPLEX (não-complexidade) e RhTYPE=I (tipo rítmico = iambo), esta relacionada ao acento e aquela, à estrutura das sílabas. A primeira restrição exige que o *output* possua apenas um elemento em cada constituinte silábico, devendo ser marcada uma violação caso a palavra apresente algum constituinte complexo. Já a segunda determina que todo pé métrico[36] seja iâmbico, isto é, deverá apresentar proeminência final. A fim de visualizar melhor a natureza dessas restrições, apresentamos os seguintes exemplos:

Input: "café" 'café' → O***utput***: "feca"
(nesse caso, observa-se uma violação a RhTYPE=I, uma vez que o pé apresenta proeminência inicial no *output*)

Input: "zamba" 'mulher negra' → ***Output***: "zambrana"

[36] Segundo Hayes (apud SACEDA, 2005), o pé (Σ) é uma categoria prosódica intermediária entre a palavra e a sílaba e constitui a unidade rítmica básica de uma língua. Trata-se de uma agrupação binária de elementos, que podem ser moras ou sílabas; se estiver composto de sílabas, apenas uma delas será considerada tônica, podendo haver proeminência à esquerda ou à direita. De acordo com a posição do núcleo proeminente, o pé pode ser *trocaico* (quando a sílaba tônica está situada à esquerda) ou *iâmbico* (quando a sílaba tônica está situada à direita). No primeiro caso, o troqueu pode ser silábico (não há sensibilidade ao peso silábico [ex.: estas]) ou moraico (por ser sensível ao peso silábico, deverá ser maximamente bimoraico, podendo estar composto de uma sílaba bimoraica [ex.: sol] ou de duas monomoraicas [ex.: casa]). Já no caso do iambo, admite-se apenas uma forma, podendo estar representada por uma sílaba pesada [ex.: sol], duas leves [ex.: café] ou uma leve e uma pesada [ex.: canal].

(nesse caso, observa-se uma violação a *COMPLEX, uma vez que o *onset* da segunda sílaba é ramificado no *output*)

De acordo com o ranqueamento dessas restrições, poderão surgir dois tipos de *outputs*: aqueles mais marcados e mais fiéis ao *input* (o que ocorrerá caso FIDELIDADE domine MARCAÇÃO) ou aqueles menos marcados e menos fiéis ao *input* (o que ocorrerá caso MARCAÇÃO domine FIDELIDADE). Segundo Costa (2001), a emergência de formas linguísticas mais fiéis ao *output* ajuda a prevenir alterações desnecessárias, embora Gonçalves & Piza (2009) acreditem que a tendência geral seja a emergência de formas não-marcadas, uma vez que o foco da TO está no produto (*output*), e não nas representações subjacentes.

Além dessas duas grandes famílias de restrições, existem ainda outros tipos, como, por exemplo, as restrições de alinhamento e de molde. As restrições de alinhamento fornecem possibilidades de combinação de margens de categorias de mesmo nível (morfológico com morfológico) ou de níveis diferentes (morfológico com prosódico): de acordo com a restrição ALLFOOT (R), por exemplo, o pé de uma palavra tem de estar alinhado à direita da palavra prosódica[37] (MCCARTHY & PRINCE, 1994a apud GONÇALVES, ANDRADE & RONDININI, 2009, p.235). Assim, a palavra "chuchumeca" 'prostituta' viola uma vez essa restrição porque a margem direita de um dos pés não coincide com a margem direita da PWd: [(**ʧu**.ʧu)(**mé**.ka)]

Já o segundo grupo de restrições equipara categorias morfológicas a categorias prosódicas: segundo a restrição MWd=FOOTBIN, por exemplo, toda palavra morfológica[38] corresponde a um pé binário (moraico ou silábico), fato que colabora para a emergência de palavras mínimas (GONÇALVES, ANDRADE & RONDININI, 2009), isto é, formadas por um pé bimoraico monossilábico, como em "sol" 'sol' ou por

[37] Segundo Nespor & Vogel (apud SACEDA, 2005), a palavra prosódica (ω), também chamada de fonológica, é o constituinte prosódico acima da sílaba que também contribui para o ritmo da fala. Deve conter apenas um acento primário e estar composta de no mínimo um pé, o qual deverá ser binário. Assim sendo, a palavra prosódica mínima deverá ser binária (segundo análise silábica ou moraica), como é o caso de "norte", mas poderá ser também comportar mais de um pé, como é o caso de "americano". Se uníssemos esses dois elementos, teríamos uma palavra morfológica, por ser a palavra originada um composto ("norte-americano").

[38] A palavra morfológica, segundo Mattoso Câmara Jr. (apud BISOL, 2004), se identifica pela classe morfológica e compreende *palavras lexicais* (isto é, classes abertas, como nome, adjetivo e verbo) e *palavras funcionais* (isto é, classes fechadas, como conjunção e preposição). Uma palavra morfológica pode conter mais de uma palavra prosódica (Ex.: "cachorro-quente") e vice-versa (Ex.: "disse-lhe"; "um rapaz").

um pé bimoraico dissilábico, como em “ojo” ‘olho’. Assim, a palavra “calato” ‘nu’ viola uma vez essa restrição uma vez que possui mais de duas sílabas em sua composição.

3.5. O *tableau*.

O processo de avaliação, na TO, é apresentado sobre a forma de *tableau* (GONÇALVES & PIZA, 2009), em que cada candidato será analisado de acordo com o *ranking* de restrições ali presente. Será considerado ótimo o candidato que melhor satisfizer a hierarquia restrições responsáveis pela avaliação, como observamos no exemplo hipotético abaixo:

Input	Restrição A	Restrição B	Restrição C
Candidato 1	*!		**
Candidato 2 ☜			****
Candidato 3		*!	*

Figura 3: *Tableau* hipotético 1

No *tableau* em questão, o candidato 2 é considerado ótimo (indicado pelo símbolo ☜), pois embora apresente um maior número de violações, se comparado aos demais (as violações estão representadas por asteriscos), observa-se que nenhuma dessas violações incide sobre restrições altamente ranqueadas na escala hierárquica, diferentemente dos candidatos 1 e 3, nos quais houve uma violação fatal (representadas por um asterisco e um sinal de exclamação). Em ambos os casos, as áreas hachuradas indicam que tais restrições já não possuem qualquer poder de interferir no desempenho daqueles candidatos, uma vez que a violação de restrições mais relevantes para o fenômeno acabou por determinar sua eliminação da “disputa”.

Nesse caso em particular, portanto, a emergência do candidato 2 apoia-se no fato de que os outros candidatos haviam sido já excluídos da análise; porém, haverá casos em que a otimidade de um candidato será determinada pelo somatório de violações cometidas por esse mesmo candidato a uma restrição qualquer, como vemos a seguir:

Input	Restrição A	Restrição B	Restrição C
Candidato 1	*!		
Candidato 2			***!
Candidato 3 ☜			**

Figura 4: *Tableau* hipotético 2

Nesse segundo exemplo hipotético, vemos que a restrição A determina a eliminação do primeiro candidato, já que os demais não cometeram nenhuma violação a essa restrição. Tampouco haverá qualquer violação para a restrição seguinte, de modo que a decisão ficará a cargo da restrição C: nessa etapa da análise, observamos que tanto o candidato 2 quando o candidato 3 cometem violações, porém o candidato 2 comete uma violação a mais que o candidato 3, o que definirá sua saída da "disputa" em favor daquele candidato.

Um último exemplo que vale a pena comentar é aquele em que a emergência de um candidato se dá por uma restrição que não se encontra necessariamente no topo da hierarquia, como observamos no *tableau* que segue:

Input	Restrição A	Restrição B	Restrição C
Candidato 1	*		*!
Candidato 2 ☜		*	
Candidato 3		*	*!*

Figura 5: *Tableau* hipotético 3

No caso em questão, as restrições A e B não se encontram crucialmente hierarquizadas (o que é representado pela linha pontilhada), de modo que não existe qualquer conflito entre elas. Dessa forma, a violação da restrição A pelo candidato 1 não determinará sua eliminação da "disputa", da mesma forma que a violação da restrição B pelos candidatos 2 e 3 tampouco acarreta sua eliminação. A decisão, portanto, acaba sendo feita pela restrição C, cuja violação fatal pelos candidatos 1 e 3 possibilita a emergência do candidato 2.

3.6. Conclusão.

No início do presente capítulo, vimos que a TO pode ser considerada uma teoria muito mais econômica se comparada às demais, pois através dela é possível trabalhar com diversos níveis de análise linguística de uma só vez (fonético, morfológico, prosódico etc.), em vez de se aplicar regra por regra, como fazem os modelos serialistas. Outra vantagem de se empregar a TO na análise de fenômenos linguísticos advém da utilização de restrições em vez de regras, pois dessa forma nenhuma estrutura analisada poderá ser considerada agramatical simplesmente por não obedecer a uma determinada regra ou princípio.

Na seção que segue, vimos que a TO se apoia em cinco premissas básicas, que são a universalidade, a violabilidade, a hierarquização, a inclusividade e o paralelismo. Ainda nessa seção, vimos que a TO conta com dispositivos cuja finalidade é auxiliar na análise de um determinado fenômeno linguístico: o *input* (forma mental), o *output* (forma concreta, tal como aparece na fala), GEN (gerador de candidatos a *output*), EVAL (avaliador dos candidatos) e CON (conjunto de restrições universais).

Já na quarta seção, vimos os tipos básicos de restrições existentes, bem como exemplos que auxiliam sua compreensão. Enquanto as restrições de marcação são responsáveis por garantir padrões de boa-formação no *output*, as de fidelidade militam a favor da identificação máxima entre *input* e *output*.

Na quinta e última seção, apresentamos três exemplos hipotéticos visando a demonstrar como é realizada uma análise otimalista. No primeiro caso, a emergência do candidato ótimo veio determinada pela sua não-violação a restrições mais altas na hierarquia; já no segundo caso, a otimidade do candidato só pôde revelar-se pelo somatório de violações para uma determinada restrição frente ao outro candidato; no terceiro exemplo, por fim, sua emergência ocorreu em função de uma restrição que não estava altamente ranqueada na hierarquia.

Nos dois capítulos que seguem, apresentaremos uma proposta de análise para os fenômenos da metátese e do "floreo verbal" com base nos dados encontrados no *corpus*. Antes de iniciar uma descrição otimalista dos fenômenos, trataremos de conceituá-los com base na literatura disponível para, em seguida, examinar de que forma funcionam na "jeringa". Por último, trataremos de delimitar quais são as restrições relevantes para o fenômeno e de que forma seu ranqueamento determina a emergência de determinado candidato. Por fim, procederemos à análise dos casos retirados do *corpus* e realizaremos algumas observações acerca do material analisado.

Capítulo 4
A metátese na “jeringa”

4.1. Introdução.

O presente capítulo tem por objetivo analisar a metátese na “jeringa”, procedimento que consiste na reordenação das sílabas ou dos segmentos de determinada palavra com o objetivo de (a) encobrir seu significado real (a já mencionada *função críptica*), (b) imprimir novas conotações (a chamada *função identitária*) ou (c) brincar com o interlocutor (*função lúdica*). Para isso, iniciaremos esta terceira parte de nosso trabalho com algumas considerações acerca desse fenômeno, procurando fornecer exemplos tanto de caráter diacrônico quanto sincrônico.

Em seguida, apresentaremos dois tipos de *argots* em que o fenômeno da metátese atua, com o objetivo de demonstrar suas peculiaridades frente à “jeringa”. Realizaremos, ainda, uma descrição geral do fenômeno visando a reconhecer o modo como ele opera no socioleto em exame, utilizando como exemplos os casos encontrados no *corpus*. Posteriormente, trataremos de delimitar que tipo de restrições são relevantes para o fenômeno e de que forma seu ordenamento contribui para a emergência de determinado candidato. De posse dessas restrições, procederemos à análise dos casos retirados do *corpus* e realizaremos algumas observações acerca do material analisado.

4.2. A metátese (conceituação).

Segundo a perspectiva tradicional (ABAD, 1986; CRYSTAL, 1988; DUBOIS, 2007), a metátese tem sido caracterizada como um processo de permutação ou deslocamento de sons no interior de uma palavra, devendo ocorrer sob condições específicas. Exemplos de metátese podem ser encontrados nos estudos de linguística histórica, como é o caso de “sempre” (do latim “semper”), “quebrar” (do latim “crepare”) e “primeiro” (do latim “primariu”). São também consideradas metáteses produtos de “erros” de desempenho, como é o caso de “largatixa” (em lugar de “lagartixa”), “estauta” (em lugar de “estátua”) e “drobar” (em lugar de “dobrar”).

Porém, de acordo com Hume (2001), a definição delineada acima pode ser considerada simplista e se deve tanto à natureza distinta desse processo quanto à sua

(alegada) menos frequente aparição no plano sincrônico se comparado a outros processos, tais como a assimilação, a dissimilação e o apagamento. Apesar de ter havido um incremento, nos últimos anos, nos estudos de metátese com base em dados obtidos de línguas naturais, falta conhecimento acerca das múltiplas formas de metátese possíveis nas línguas. Desconhecem-se, também, as condições sob as quais ela ocorre, os motivos que levam à sua manifestação e como ela interage com outros processos que afetam a estrutura sonora das línguas (HUME, 2001).

A consequência disso é que nenhuma teoria fonológica, seja ela de base linear ou não-linear, conseguiu ainda formalizar o fenômeno de modo a fornecer uma explicação unificada do mesmo. Por conta disso, a metátese continua a ser vista como um processo esporádico e irregular, restrito a "erros de *performance*" (em inglês denominado de *spoonerisms*), à fala infantil ou a mudanças sonoras provocadas por restrições na estrutura fonotática da língua.

Segundo Hora, Telles e Monaretto (2007), entretanto, o uso da metátese não pode ser considerado aleatório, uma vez que decorre da conjugação entre fatores estruturais e sociais. Para esses autores, há restrições que claramente condicionam sua ocorrência, como, por exemplo, a direcionalidade, o domínio prosódico e o contexto segmental. No que tange ao social, demonstram que o uso de metátese limita-se apenas a variedades não-padrão do Português Brasileiro, não se firmando, portanto, como um processo lexical nessa língua.

À semelhança do PB, nas demais línguas de origem latina, como o espanhol e o francês, a metátese parece restringir-se apenas ao nível diastrático, haja vista sua presença em socioletos como o "verlan", o "lunfardo" e a "jeringa". Isso justifica o fato de ser fortemente regulada por fatores externos à fonologia, isto é, aqueles que envolvem percepção, produção, cognição e sociedade (HUME, 2001). Por outro lado, não podemos desprezar o fato de que muitas línguas naturais têm lançado mão desse recurso também com a finalidade de promover ajustes fonéticos, e é com base nesses casos que o caráter marginal tradicionalmente conferido à metátese deverá ser questionado.

De acordo com Hume (2001), o emprego da metátese em um contexto de baixa saliência, por exemplo, tem por finalidade ressaltar o contraste entre os sons, de forma a facilitar sua percepção pelo ouvinte, como é o caso do Lituano (cf. SEO & HUME, 2001): sempre que tivermos a ordem fricativa / oclusiva numa palavra, esta será

preservada desde que uma vogal apareça em posição imediatamente posterior à consoante oclusiva (Ex.: “mezg-a” ‘tricotar’ /3ª p. pretérito), porém se a oclusiva for seguida de outra consoante, ocorrerá metátese (Ex.: “meks-k” ‘tricotar’ / imperativo sing.; “meks-ti” ‘tricotar’ / infinitivo).

Recorre-se à metátese, também, em situações em que há a necessidade de otimizar a articulação de uma sequência consonantal fora dos padrões gerais do sistema, de forma a evitar grupos impronunciáveis. Exemplo disso é o que ocorre na língua Dɛg, falada no centro-oeste de Gana (cf. HUME, 1997): de acordo com os padrões desta língua, somente são permitidos os grupos consonantais dorsal/coronal, dorsal/labial e coronal/labial, jamais o inverso. Segundo Hume (2001), a formação do plural em Dɛg é feita através da adição do sufixo /rV/ a um nome ou verbo, porém, quando o produto dessa adição apresenta uma sequência consonantal que foge ao padrão mencionado, ocorrerá uma metátese seguida de uma epêntese (observe-se a adição de um *schwa* depois da consoante coronal): nos exemplos [dem] ‘casa’ e [sɪwɛ] ‘morrer’, os plurais serão respectivamente [derᵊmi] e [sɪᵊwɪ]. Note-se que a metátese será empregada nesse caso como uma estratégia para se preservar a ordem exigida pela língua, isto é, uma consoante coronal deverá sempre anteceder uma labial. No caso de não haver metátese, a labial precederia a coronal, situação não permitida pela língua em questão.

A metátese pode ocorrer, ainda, como produto de uma tendência a simplificar representações cognitivas relativas à realidade sentida. Essa tendência de generalização é a base para a formação de categorias nos sistemas cognitivos gerais, resultando naquilo que se costuma chamar de analogia. Também a necessidade, durante o processo comunicativo, de utilizar-se de formas passíveis de aceitação e reconhecimento pelo interlocutor tem sido referida como outra razão para a metátese, o que lhe confere um papel social.

Diante desse quadro, vemos que a metátese está muito mais presente no plano sincrônico do que afirma a literatura. Além dos casos acima mencionados, existem dezenas de outras línguas em que a reordenação segmental é comum, a exemplo do aymara e do quéchua (cf. DAVIDSON, 1977), do árabe palestino (cf. HERZALLAH, 1987; YOSHIDA, 1993), do cherokee (cf. FOLEY, 1980; FLEMMING, 1996), do georgiano (cf. HEWITT, 1995; BUTSKHRIKIDZE & VAN DE WEIJER, 2001), do

hebreu (cf. BAT-EL, 1989; 1992; DOR, 1993) e do húngaro (cf. VAGO, 1980), apenas para citar as mais conhecidas[39].

4.3. Descrição geral do fenômeno em outros *argots*.

Como vimos anteriormente, a metátese é um processo que decorre da interação de fatores estruturais e sociais, podendo ser empregada não somente para preservar os padrões da língua, como é o caso do Lituano e do Dɛg, mas também como marca de uma classe social, a exemplo da variedade popular do PB. Da mesma maneira, lançam mão desse recurso determinados grupos na tentativa de produzir um código peculiar, a exemplo do "smoi" finlandês (PETERS, 2006), do "šatrovački" servo-croata[40], do "podaná" grego[41], do "caroleno" mexicano, da "revesina" panamenha, do "back slang" britânico, do "verlan" francês e do "vesre" riopratense (TERUGGI, 1974). A respeito desses dois últimos *argots*, mais discutidos na literatura pertinente, passaremos a falar nas subseções que seguem.

4.3.1. O "verlan".

Metátese do termo "l'envers", o "verlan" (LEFKOWITZ, 1989; CALVET, 1994; PETERS, 2006) pode ser descrito como uma espécie de código linguístico fechado (*argot à clef*) no qual os membros do grupo invertem as sílabas de uma palavra com o objetivo de encobrir seu sentido, marcar sua diferença perante os demais ou simplesmente brincar com a forma. Segundo Calvet (1994), suas origens são obscuras, porém há indícios de que o "verlan" tem sido empregado na França pelo menos desde o século XVI.

Durante muito tempo, esse procedimento permaneceu restrito somente a alguns termos, estando seu uso limitado entre delinquentes e criminosos, à semelhança do "vesre" empregado pela "replana" (a gíria dos marginais peruanos). Já a partir dos anos 60, essa forma de falar começou a disseminar-se entre uma parte dos jovens,

---

[39] Na página http://metathesisinlanguage.osu.edu/database.cfm, desenvolvida por pesquisadores da Universidade de Ohio, existe um banco de dados contendo uma lista de línguas em que aparece o fenômeno da metátese, bem como uma pequena explicação sobre como ela se processa em cada caso e as respectivas referências bibliográficas.

[40] Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/%C5%A0atrova%C4%8Dki (Acesso em 01/01/2012)

[41] Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Verlan (Acesso em 01/01/2012)

especialmente moradores dos subúrbios parisienses, a maioria filhos de imigrantes. Mas com a aparição da música "Laisse béton"[42], de Renaud, no ano de 1977, o "verlan" finalmente tornou-se conhecido do grande público, passando a ser explorado pela mídia (inclusive a publicitária) e dando mostras de grande produtividade nos anos 90.

Atualmente, o "verlan" continua a ser utilizado por grupos marginais, marcando sua presença nas prisões (*Santé*, por exemplo, é conhecida como "Tesán") e nas periferias das principais cidades francesas. É grandemente utilizado entre os jovens e adolescentes que habitam esses espaços como um marcador de identidade, sobretudo entre os de origem árabe (os chamados *beurs*) e negra (conhecidos como *blacks*). Além disso, o "verlan" tem sido utilizado também entre os jovens das classes mais favorecidas como uma mostra de rebeldia em relação aos pais e outras autoridades, bem como um recurso estilístico entre indivíduos de diferentes origens (CALVET, 1994). Segundo Lefkowitz (1989), esse socioleto tem ganhado popularidade também entre os intelectuais, que o utilizam como forma de demonstrar sua conscientização acerca dos problemas vivenciados pelas classes oprimidas e de estabelecer laços com esses grupos.

Quanto ao processo de metátese no "verlan", este pode atuar não só em palavras dissílabas e trissílabas, mas igualmente em monossílabos e em polissílabos (LEFKOWITZ, 1989; CALVET, 1994; PETERS, 2006), desde que essa transformação respeite os padrões fonotáticos da língua francesa (note-se, por exemplo, a preferência por iambos em vez de troqueus). No caso dos dissílabos, o processo parece ser bastante simples, tanto para palavras formadas por sílabas abertas quanto por sílabas fechadas (Ex.: "branché" > "chébran"; "bonjour" > "jourbon"). Já no caso dos trissílabos, a regra pode ser aplicada de três diferentes formas: para uma palavra cuja sequência silábica seja 1-2-3, podemos ter como produto as formas 2-3-1 (Ex.: "cigarette" > "garetsi"), 3-2-1 (Ex.: "portugais" > "gaitupor") ou ainda 3-1-2 (Ex.: "enculé" > "léancu").

Quando estão diante de monossílabos, os falantes podem recorrer a duas possibilidades básicas: quando a sílaba é fechada, o monossílabo é transformado em dissílabo (Ex.: "punk" > "punkeu" > "keupon") e quando a sílaba é aberta simplesmente se inverte a ordem dos segmentos (Ex.: "fou" > "ouf"). Já no caso de palavras polissílabas, geralmente se opta pelo truncamento antes de submetê-las ao processo de metátese (Ex.: "porte-monnaie" > "portné" > "népor") ou se divide a palavra em grupos

[42] O título da canção "Laisse béton" (em português, significa algo como "Deixa pra lá") é o produto de uma "verlanização" da palavra "tomber".

de sílabas, sendo cada grupo analisado como uma palavra dissílaba (Ex.: “appartement” > “teumen-appart”).

De acordo com Lefkowitz (1989), ao “verlan” tem sido agregado ainda um processo novo, a chamada “reverlanização”, segundo o qual palavras desse socioleto que migraram para a linguagem coloquial passam por uma nova metátese de modo a recuperar sua função secreta (Ex.: “femme” [fam] > [famə] > [məfa] > [məf] = [møf] > [møfə] > [fəmø] = [fømø])[43]. Para essa autora, a grande vantagem do *“verlan”* frente a outros códigos é que ele tem conseguido atravessar barreiras de classe e resistir ao tempo, graças a sua capacidade de se reinventar.

4.3.2. O “vesre” no “lunfardo”.

Da mesma forma que o “verlan”, o “vesre” é um termo que se forjou a partir da metátese da palavra espanhola “revés”, sendo utilizado para denominar um dos vários processos de criação lexical presentes no “lunfardo”. Embora as origens desse *argot* remontem a fins do século XIX, há indícios de que o “vesre” vem sendo empregado desde o século XVII. Prova disso é a utilização, por Góngora, da palavra “tordo” em lugar de “doctor” há cerca de quatrocentos anos (ALPOSTA, 2005), além da presença de vocábulos em “vesre” numa obra editada por Hidalgo em 1609, intitulada "Romances de germanía de varios autores" (TERUGGI, 1974).

Segundo van Mourik (2011), as raízes do “lunfardo” encontram-se na fala dos primeiros imigrantes italianos e espanhóis que, em consequência da crise econômica europeia, buscaram estabelecer-se na região riopratense e, em especial, nas cidades de Buenos Aires e Montevideo. Durante as últimas décadas do século XIX, aqueles centros urbanos começaram a reunir grupos de procedência bastante diversa (não somente europeus, mas também gente oriunda da zona rural desses países) que possuíam em

[43] Semelhantemente, a “jeringa” também lança mão de procedimentos de encriptação de palavras desse próprio socioleto com o objetivo de torná-las cada vez menos reconhecíveis para os não iniciados, produzindo o que alguns chamam de “ultrajeringa” (Ex.: “camisa” ‘camisa’ > “mica” > “Micaela” > “Micaela Bastidas” > “Bastidas”; “cabro” ‘indivíduo homossexual’ > “cabrito” > “brito” > “britânico”). Durante entrevista ao programa 3G (cf. nota 14 do cap. 1), o publicitário Larco Degregori vai mostrar o longo percurso feito pela palavra camisa até transformar-se em Bastidas: primeiro ocorre apócope (“cami”), seguida de metátese (“mica”) e em seguida, por “floreo verbal”, chega-se a um antropônimo (“Micaela”). A partir daí, recorre-se a um conhecimento extralinguístico (nesse caso histórico) com base no qual se acrescenta um termo à palavra, de modo que camisa passa a ser, em vez de “Micaela”, “Micaela Bastidas” (em alusão à companheira de Túpac Amaru II). Por fim, alguns falantes, por razões de economia linguística, passem a dizer simplesmente “Bastidas” quando queiram referir-se à peça do vestuário, o que não necessariamente implica no descarte das formas anteriores (“mica”, “Micaela”).

comum a dificuldade de adaptação, a marginalidade e a pobreza. Aglomerados em bairros insalubres, os chamados "arrabales", esses grupos começaram a criar códigos próprios e estreitar o contato entre si, o que de certa forma ajudava a compensar o isolamento social a que estavam submetidos.

Tendo sido chamado inicialmente de "lengua de los chorros" ('língua dos ladrões'), o "lunfardo" é empregado hoje por uma amplitude de falantes, independente de classe social ou nível intelectual graças à sua difusão através do tango e da literatura. Durante as primeiras décadas de seu desenvolvimento, o "lunfardo" era utilizado apenas por escritores sem muito prestígio, mas a partir do surgimento dos poetas de la Púa e Fernández (este conhecido como "Yacaré"), a literatura lunfardesca começou a ter uma significativa repercussão. Também o tango, tendo-se originado entre os habitantes dos "arrabales", contribuiu grandemente para que o "lunfardo" se tornasse conhecido não só entre os demais níveis da sociedade riopratense, mas também no exterior graças à popularidade das letras de Gardel. Com o aumento progressivo do número de falantes, o "lunfardo" perderia de vez seu *status* de marginalidade para consagrar-se definitivamente como parte da cultura riopratense, movimento que culminaria com a fundação, em 1962, da chamada Academia Porteña del Lunfardo.

Quanto à sua composição, o "lunfardo" reúne atualmente uma série de empréstimos (principalmente italianismos, galicismos, anglicismos e palavras de origem galego-portuguesa)[44], os quais foram adaptados à pronúncia riopratense e à escrita castelhana.

Outra característica interessante é a forte presença do "vesre", fenômeno que costuma aparecer em palavras dissílabas, trissílabas e, menos frequentemente, em polissílabas. Como exemplo de dissílabas estão "zápi"[45] (< "pízza" 'pizza'), "cámba", (< "bacán" 'bacana'), "chacón" (< "cóncha" 'órgão sexual feminino'), "gotán" (< "tángo" 'tango') e "chochán" (< "chángho" 'porco'). Quanto às trissílabas, podemos ilustrar com os exemplos "ajóba" (< "abájo" 'abaixo'), "gomía" (< "amígo" 'amigo'),

[44] Como exemplo de italianismo, observa-se "pichicata" ou "pichi", que vem do verbo "picchietare" e significa 'injeção' ou 'indivíduo drogado'; no caso dos galicismos a maioria foi incorporada diretamente do *argot* francês, a exemplo de "Marlú", que significa 'proxeneta' e deriva do termo "marloux". Já a palavra "naife" significa 'faca' e deriva do inglês "knife", enquanto a palavra "calote" deriva do português e significa 'roubo'.

[45] A partir desse momento, todos os exemplos de metátese (bem como a palavra original) portarão acento agudo com o objetivo de indicar a sílaba tônica das palavras, ainda que tal sílaba não seja acentuada graficamente.

“chebóli” (< “bolíche” ‘discoteca’), “dolóbu” (< “bolúdo” ‘estúpido, idiota’), “yobáca” (“cabállo” ‘cavalo’) e “miónca” (“camión” ‘caminhão, ônibus’). Já as polissílabas, por sua vez, costumam aparecer em menor número, como demonstram os exemplos “zolcillónca” ou “cillónca” (< “calzoncíllo” ‘cueca’), “yorúga” (< “uruguáyo” ‘uruguaio’) e “yotivénco” (< “conventíllo” ‘cortiço’)[46].

Note-se que, à diferença do “vesre” empregado na “jeringa”, o “vesre” riopratense possui formas bastante variadas, sobretudo no que se refere à possibilidade de formação de palavras com acentuação oxítona (Ex.: “tángo” > “gotán”, “chángcho” > “chochán”), aos padrões de inversão nos trissílabos (além das sequências 3-2-1 e 3-1-2, como em “gomía” e “chebóli”, respectivamente, observamos ainda as sequências 1-3-2, como em “ajóba” e 2-3-1, como em “miónca”) e à produção de metátese em palavras polissílabas (como é o caso de “zolcillónca” e “yotivénco”, embora observemos a preferência pelo padrão trissilábico, a julgar pelas formas “cillónca” e “yorúga”). Tais modificações, altamente aceitas pelo “vesre” em sua variedade riopratense, são impraticáveis na “jeringa”, como veremos mais adiante.

4.4. Descrição geral do fenômeno na “jeringa”.

Como vimos nas seções anteriores, a metátese pode atuar nas palavras de uma língua desde que respeitando certos padrões de formação, sejam esses os padrões gerais da língua, do dialeto ou do socioleto em questão. Não será diferente com a “jeringa”, pois ao mesmo tempo em que compartilha algumas vozes com o “lunfardo”, tais como “ñóba” (< “báño” ‘banheiro’), “chobórra” (< “borrácho” ‘bêbado’) e “télo” (< “hotél” ‘motel’), é capaz de criar também suas formas particulares, estabelecendo com isso um padrão próprio de “vesre”.

Antes de começar a esboçar nossas primeiras considerações acerca de como esse fenômeno ocorre na “jeringa”, importa ressaltar que tais conclusões foram baseadas numa comparação entre os dados encontrados em nosso *corpus* e entre um pequeno glossário de “vesre” riopratense disponível no site “Taringa” (“Un diccionario ‘vesre’

[46]Fonte: http://www.taringa.net/posts/info/1350347/Un-diccionario-vesre-para-los-bonchas.html (Acesso em 20/01/2012). Nos casos de palavras grafadas com **ll** (como é o caso de “cabállo”, “calzoncíllo” e “conventíllo”), o produto da metátese poderá ser grafado também com **y**, uma vez que ambas as letras correspondem a um mesmo fonema no espanhol riopratense, a saber, [ʃ]. Isso ocorre, sobretudo, pelo fato de o “vesre” tratar-se de um fenômeno essencialmente oral.

para los bonchas”)[47], do qual decidimos lançar mão em caráter experimental. Dessa forma, as considerações que seguem agora são apenas preliminares, dada a dificuldade de se lidar com todos os termos de ambas as variedades de “vesre” ao mesmo tempo.

Diferentemente do “vesre” riopratense, observa-se na “jeringa” a manutenção da sílaba tônica, ainda que isso implique uma mudança no padrão acentual (Ex.: “tángo” ‘tango’ > “gotán”: para preservar a tonicidade da primeira sílaba, a palavra tornou-se oxítona[48]). Já no “vesre” peruano isso parece não ocorrer, visto que há uma tendência para a acentuação paroxítona: assim, “cálle” ‘rua’ transforma-se em “lléca”, “fuérza” ‘força’ transforma-se em “záfuer” e “pláya” ‘praia’ transforma-se em “yápla”, isto é, a tonicidade silábica é ignorada em favor da manutenção do padrão acentual paroxítono, o que não ocorrerá quando a sílaba tônica for a última (Ex.: “chofér” ‘motorista’ > “fércho”).

Uma segunda particularidade do “vesre” peruano frente ao riopratense é a “preferência” pela sequência 3-2-1 no caso dos trissílabos, uma vez que essa sequência implica uma menor violação da contiguidade entre sílabas e, consequentemente, uma maior proximidade entre a palavra original e a derivada, como mostraremos no item 4.6.2 deste capítulo. Uma das poucas exceções a essa tendência parece ser “chopróve”, metátese da palavra “provécho” ‘proveito’, em que observamos a transposição silábica em conformidade com uma ordem 3-1-2, e não com a ordem 3-2-1, como seria na forma esperada “chovépro”[49].

Outra diferença detectada entre o “vesre” riopratense e peruano é a possibilidade de desestruturação silábica, como é o caso de “bolúdo” ‘tonto, idiota’ > “dolóbu”. Note-se que nesse caso a forma esperada seria “dolúbo”, mas curiosamente a forma “dolóbu” está mais popularizada entre os falantes. Apesar de tratar-se de uma exceção no *“*lunfardo*”*, visto que parecem existir, nesse socioleto, poucas formas em que observamos a transposição de segmentos, não podemos deixar de mencioná-la pelo fato de tratar-se de uma forma bastante difundida.

---

[47] Disponível em http://www.taringa.net/posts/info/1350347/Un-diccionario-vesre-para-los-bonchas.html (Acesso em 20/01/2012)

[48] Isso parece ocorrer principalmente em função do peso silábico, uma vez que o acento lexical tende a cair sobre a sílaba pesada das palavras. Outros exemplos: “gotán” (< “tángo” ‘tango’), “chochán” (< “chángho” ‘porco’), “tegén” (<“génte” ‘gente’).

[49] À semelhança do que ocorre com “provécho”, no caso da palavra “borrácho” ‘bêbado’, a forma “chobórra” (sequência 3-1-2) é também “preferida” em detrimento da forma esperada “chorrábo” (sequência 3-2-1). Sobre as razões que justificariam essa “preferência”, trataremos de abordá-las em trabalhos futuros.

Por último, observa-se a presença de metátese, no “vesre” riopratense, em umas poucas palavras polissílabas, à diferença do “vesre” peruano, para o qual essa possibilidade parece não ser permitida. Isso porque a “jeringa” prioriza formas de apenas um pé[50], como é o caso de “tácuen” (< “cuéntan” ‘contam’), “jérma” (< “mujér” ‘mulher, namorada’), “mérfi” (< “fírme” ‘de fato, de verdade’) e “toláca” (< “caláto” ‘nu, despido’) (cf. item 4.5).

Além dos termos coletados em nosso *corpus*, existe, ainda, uma série de outras formas bastante recorrentes nas conversações cotidianas ou ainda presentes em diversos meios de comunicação, tal como os dissílabos “lómpa” (< “pantalón” ‘calça-comprida’) e “míca” (< “camísa” ‘camisa’), sobre os quais seria interessante discutir visto que sinalizam padrões de formação um tanto quanto diferentes dos dados a serem explorados nessa pesquisa. Nesse caso, verificamos palavras inicialmente compostas de três sílabas que, após submeterem-se aos processos de síncope e de apócope, respectivamente, sofrem também metátese (CARRIÓN, 1978; RAMÍREZ, 1996).

Apesar de essas palavras se apresentarem como bastante desafiadoras para uma análise otimalista, no presente trabalho nos limitamos a examinar os casos encontrados no *corpus*, deixando esses exemplos para futuras pesquisas sobre o tema.

4.5. Restrições atuantes no fenômeno.

Essa seção tem por objetivo apresentar, sob a perspectiva da TO, as restrições atuantes na formação de palavras na “jeringa” mediante o processo de metátese. Como vimos no capítulo anterior, uma das principais diferenças entre essa teoria e as teorias de inspiração derivacional é que ela trabalha com restrições em vez de regras ou princípios, possibilitando, assim, a análise de fenômenos linguísticos de qualquer natureza.

O levantamento das restrições atuantes no processo analisado será realizado com base nos dados retirados do *corpus*, pois, de acordo com a TO, são as próprias formas de superfície (*output*) as responsáveis por revelar as restrições relevantes no fenômeno em questão (GONÇALVES & PIZA, 2009). Em outras palavras, afirmam os autores, é somente com base na fala concreta que podemos perceber quais restrições estão em jogo

[50] Sobre o conceito de pé, cf. nota 36 desta dissertação.

naquele processo e de que forma elas se organizam a fim de permitir a emergência do candidato ótimo.

As restrições a serem apresentadas neste capítulo fazem referência a dois padrões distintos: o padrão dissilábico e o padrão trissilábico. Apesar dessa diferença, ambos os padrões caracterizam-se pela acentuação paroxítona, por possuir apenas um pé silábico e por apresentarem transposição de sílabas ou segmentos em seu interior. Não foram encontrados casos de palavras polissílabas na "jeringa", pois dessa forma, teríamos mais de um pé formando uma única palavra, o que não parece ser uma característica do fenômeno, a julgar pelos exemplos encontrados no *corpus*.

4.5.1. Restrições atuantes no padrão dissilábico.

Comecemos, então, com o levantamento das restrições atuantes no padrão dissilábico. Como dito na seção anterior, as formas dissílabas produzidas a partir de metátese deverão possuir, segundo esse *argot*, acentuação paroxítona, ainda que o *input* seja oxítono. Exemplo disso é o que ocorre em "mujér" 'mulher', que após metátese, transforma-se em "jérma", fato que demonstra uma preocupação com questões rítmicas. Sendo assim, consideramos que a primeira restrição será **RhTYPE=Ts**, segundo a qual o pé métrico de toda forma emergente deverá ser um troqueu do tipo silábico, isto é, deverá apresentar proeminência inicial (GONÇALVES, ANDRADE & RONDININI, 2009). Dessa forma, ocorre violação nos casos em que a última sílaba for tônica, pois nesse caso teríamos um iambo em vez de um troqueu, como em "jermú".

Outro aspecto do padrão que importa ressaltar é sua forte resistência à homonímia: por ser a metátese um processo de formação de palavras, seu resultado sempre vai se apresentar como uma forma nova na língua, isto é, não haverá coincidência entre formas criadas e palavras pré-existentes. Exemplo disso é o que ocorre com a palavra "sáco" 'paletó', que após ser submetida ao processo de metátese transforma-se em "córsa", em vez de "cósa" (MENDOZA & GÁLVEZ, 2005). Nesse caso, a inserção de uma epêntese em rótico (nesse caso, um r simples) no meio da palavra invertida (na posição de coda da sílaba tônica) parece ser um recurso para evitar

a homonímia, o que ocasiona o aparecimento de uma forma diferente de outra pré-existente, que seria um candidato esperado[51].

Com base nos exemplos encontrados em nosso *corpus*, pode-se afirmar que nenhum deles coincide com uma forma da língua e poucos são os casos em que a primeira sílaba da palavra é idêntica a alguma forma de uso corrente. Exemplo disso é a preferência por "mérfi" em vez de "méfir" (no lugar do *input* "[a la] fírme" 'de fato, de verdade'), bem como por "tácuen" em vez de "técuan" (no lugar do *input* "[me] cuéntan" 'me contam'), uma vez que "me" e "te" são clíticos na língua espanhola.

Assim sendo, concluímos que outra restrição a integrar nossa hierarquia será **UNIQUENESS**, a qual deverá apresentar-se de forma não-hierarquizada com RhTYPE=Ts, uma vez que não parece haver qualquer relação de dominância entre elas. Segundo Belchor (2009, p. 85), esta restrição "promove o bloqueio de determinada forma linguística caso haja, na língua, outra forma com configuração fonológica idêntica", sendo, portanto violada todas as vezes em que o candidato – ou sua sílaba inicial – corresponder a um item lexical ou gramatical pré-existente naquela variedade de espanhol.

Como vimos anteriormente, a essência do processo de metátese está na alteração da ordem das sílabas ou dos segmentos de determinada palavra, de modo que a terceira restrição a compor nossa hierarquia será **LINEARITY**. Nesse caso, devemos marcar uma violação cada vez que um par de segmentos adjacentes do *output* não estiver na ordem em que figura no *input*[52], a exemplo do que ocorre nas formas "mérfi" e "méfir", candidatos a *output* para o *input* "firme" 'de fato, de verdade'. No primeiro caso, assistimos a duas violações, uma vez que os segmentos [i] e [r] não permaneceram adjacentes na palavra nova, bem como os segmentos [r] e [m]. Já no segundo caso, verificamos apenas uma violação, a qual ocorrerá devido à separação dos segmentos [r] e [m] no *output*.

Dessa forma, um candidato cujos segmentos ou sílabas sofreram reordenamento somente conseguirá emergir caso LIN esteja ranqueada numa posição mais baixa em

[51] Segundo o DRAE (2001), a palavra "córsa" já existe na língua espanhola e significa 'natural da Córsega', sendo, portanto, um gentílico. Talvez por ser uma palavra desconhecida ou com baixa frequência de uso na variedade popular do espanhol peruano, optou-se por utilizá-la no lugar de "cósa" 'coisa', esta muito mais empregada pelos falantes de modo geral.

[52] Para essa restrição, fizemos uma adaptação da definição de McCarthy & Prince, 1995 (cf. GONÇALVES, ANDRADE & RONDININI, 2009, p. 233), segundo a qual LIN será violada sempre que houver uma "troca de posição dos elementos de S1 com relação a S2".

relação às demais restrições, pois se estivesse no topo da hierarquia todos os candidatos seriam penalizados e o candidato ótimo acabaria não emergindo. Em outras palavras, o fenômeno emerge em função da violabilidade de LIN, mas essa violação deverá ser mínima, de modo a assegurar, da melhor maneira possível, o rastreamento da forma de base.

Sendo assim, um aspecto a ser considerado é o número de violações possíveis para essa restrição. Sendo a troca de posição uma característica marcante do fenômeno, LIN será sempre violada, porém o candidato ótimo será aquele a fazê-lo minimamente. Segundo Hume (2001), não existem casos de metátese envolvendo três ou mais violações a LIN, uma vez que reordenamentos drásticos tornariam a palavra irreconhecível para o falante/ouvinte, prejudicando sua identificação e, consequentemente, sua aceitação na língua.

Em último lugar, isto é, no final da hierarquia, deverá aparecer uma restrição de natureza estrutural, a saber, **ONSET**. Trata-se de uma restrição que zela pela boa formação das sílabas, evitando, com isso, que venham a emergir formas marcadas (sílabas sem ataque). De acordo com essa restrição, todas as sílabas devem possuir ataque, de modo que haverá violação todas as vezes em que uma sílaba iniciar por vogal, a exemplo do candidato "ólcho", forma não aceita como *output* para o *input* "chólo" 'migrante andino'.

De posse das restrições acima elencadas, é possível montar uma hierarquia de análise para os dissílabos, que, de acordo com nossos dados, se apresenta da seguinte forma: **RhTYPE=Ts, UNIQ >> LIN >> ONSET**. Segundo essa representação, as restrições à esquerda dominam as restrições à direita, sendo **RhTYPE=Ts** e **UNIQ** as restrições mais relevante para o padrão e **ONSET**, a menos relevante.

4.5.2. Restrições atuantes no padrão trissilábico.

Conforme vimos na seção 4.5, as formas dissílabas e trissílabas encontradas no *corpus* se assemelham entre si por possuírem apenas um pé silábico e por apresentarem acentuação paroxítona, bem como a transposição de sílabas ou segmentos em seu

interior[53]. Dessa forma, consideramos que a primeira restrição a integrar essa hierarquia será também **RhTYPE=Ts**, a qual pressupõe que o pé métrico de toda forma emergente seja um troqueu do tipo silábico, isto é, com proeminência inicial[54]. Dessa forma, ocorre violação nos casos em que a última sílaba for tônica, pois nesse caso teríamos um iambo em vez de um troqueu. Exemplo disso é o que ocorre na forma "rimá", candidato a *output* para o *input* "marído" 'marido'.

A próxima restrição a compor o *ranking* estabelecido para a análise do padrão trissilábico é ***COMPLEX$_{\mathbf{ONSET}}$]$_{\mathbf{MWd}}$**, uma restrição de marcação contextualizada que milita contra a aparição de *onsets* complexos no final de uma palavra morfológica (MWd, abreviação da forma inglesa *Morphological Word*). De acordo com essa restrição, será penalizado todo candidato que apresentar um *onset* ramificado na borda direita da palavra, a exemplo de "chovépro", candidato a *output* para o *input* "provécho" 'proveito'.

Há ainda duas características fundamentais na formação dos trissílabos empregados na "jeringa", que é o respeito à contiguidade silábica e à linearidade dos segmentos tais como estão dispostos no *input*, de acordo com o qual deverão ser incorporadas duas restrições ao final da hierarquia: **CONTIGUITY σ** e **LINEARITY**.

A primeira delas, irrelevante na análise de formas compostas de duas sílabas, é fundamental na caracterização da metátese em palavras trissilábicas da "jeringa", pois, de acordo com nossos dados, a forma ótima será sempre aquela que não infringir essa restrição, definida da seguinte maneira: sílabas contíguas em S1 deverão ser também contíguas em S2, de modo que uma violação ocorrerá cada vez que a adjacência de sílabas for rompida em S2[55].

Já no caso de LIN, essa restrição determina que seja marcada uma violação cada vez que um par de segmentos adjacentes do *output* não estiver na ordem em que figura no *input*. Embora **CONTIG σ** milite contra a alteração de posição dos segmentos com

[53] A única diferença entre ambos os casos é a presença, nas formas trissílabas, de uma sílaba a mais à esquerda, isto é, antecedendo a tônica. Essa sílaba, porém, será considerada desgarrada, não podendo constituir sozinha um pé métrico. Assim, continuamos a ter em nosso *corpus* formas de apenas um pé.

[54] Para essa restrição, fizemos uma adaptação da definição de Prince & Smolensky, 1993 (cf. GONÇALVES, ANDRADE & RONDININI, 2009, p. 243), segundo a qual "pés métricos são trocaicos (apresentam proeminência inicial)".

[55] De acordo com McCarthy & Prince, 1995 (cf. GONÇALVES, ANDRADE & RONDININI, 2009, p. 232), CONTIG será violada "cada vez que a adjacência de elementos em S1 for rompida em S2". Como nossos dados revelam uma preocupação com a contiguidade das sílabas e não dos segmentos da palavra, tomamos a liberdade de adaptar essa restrição, transformando-a em CONTIG σ.

relação ao segmento vizinho, LIN será responsável por garantir a manutenção da ordem dos segmentos na palavra como um todo.

Em suma, essa restrição faz-se necessária na medida em que a essência do processo de metátese está na alteração da ordem das sílabas ou dos segmentos de determinada palavra, porém não de forma drástica. Sendo a troca de posição uma característica marcante do fenômeno, LIN será sempre violada, porém, como já vimos na seção anterior, o candidato ótimo será aquele a fazê-lo minimamente. À semelhança do que observamos para os dissílabos, o fenômeno da metátese emerge em função da violabilidade de LIN, mas essa violação deverá ser mínima, de modo a assegurar, da melhor maneira possível, o rastreamento da forma de base.

Uma vez definidas as restrições relevantes para o padrão trissilábico, é possível montar uma hierarquia de análise, que, de acordo com nossos dados, se apresenta da seguinte forma: **RhTYPE=Ts >> *COMPLEX$_{ONSET}$] $_{MWd}$ >> CONTIG σ >> LIN**. Segundo essa representação, as restrições à esquerda dominam as restrições à direita, sendo **RhTYPE=Ts** a restrição mais relevante para padrão e **LIN** a menos relevante.

A partir da seleção das restrições e de seu ordenamento hierárquico, podemos proceder à análise de nossos dados, trabalho ao qual estará dedicada a seção seguinte.

4.6. Análise dos dados.

Como vimos no capítulo 2, foram encontradas no *corpus*, ao todo, catorze palavras apresentando metátese, sendo 11 dissílabas e três trissílabas. A fim de observarmos como o fenômeno da metátese opera na "jeringa", selecionamos cinco das catorze palavras ali presentes, podendo a análise das nove restantes ser conferida no anexo I desta dissertação. Dentre as formas escolhidas, temos três dissílabas e duas trissílabas, a saber: "[me] tácuen" (< "[me] cuéntan" 'contam'), "jérma" (< "mujér" 'mulher'), "télo" (< "hotél" 'motel'), "toláca" (< "caláto" 'nu, despido') e "chopróve" (< "provécho" 'proveito').

Conforme vimos no capítulo II, as avaliações dos candidatos serão apresentadas em forma de *tableau*, em que (☜) indica o candidato ótimo, (*) representa uma violação a uma determinada restrição e (*!) indica que um candidato violou fatalmente alguma restrição, sendo por isso eliminado. Quando isso ocorrer, as áreas referentes às restrições seguintes deverão estar hachuradas, pois, uma vez eliminado, as demais

restrições não terão qualquer poder de interferir no desempenho daquele candidato. Quanto à formalização dos candidatos, a palavra prosódica e o pé estarão delimitados por colchetes e parênteses, respectivamente. Já os pontos indicam fronteira entre sílabas, o negrito servirá para destacar a sílaba proeminente de cada pé, o acento agudo destacará a sílaba tônica da palavra lexical e os números embaixo de cada candidato corresponderão à ordem em que os segmentos do *input* figuram no *output*.

4.6.1. Análise das formas dissílabas.

Antes de iniciar esta seção, importa ressaltar que nem todas as restrições serão abordadas nas análises que seguem, o que ocorre devido ao fato de que determinadas restrições são atuantes em alguns dados, porém não em outros. Esclarecemos, ainda, que tanto a representação fonológica do *input* quanto a transcrição fonética dos candidatos será feita com base em Martins (2000).

O primeiro *input* a ser analisado será /kwéNtan/, forma para a qual apresentamos quatro candidatos possíveis, segundo consta no *tableau* abaixo:

Input: /kwéNtan/ 1234567	RhTYPE=Ts	UNIQ	LIN
a)[(**tá**.kwen)] ☜ 561234			** 4-5; 6-7
b)[(**táŋ**.kwen)] 5671234		*!	* 4-5
c)[(**té**.kwan)] 531264		*!	**** 2-3; 3-4; 4-5; 5-6; 6-7
d)[(ta.**kwén**)] 561234	*!		** 4-5; 6-7

Figura 6: Análise do *input* /kwéNtan/

No *tableau* em questão, estamos diante de duas restrições hierarquizadas de forma não-crucial, isto é, não há uma relação de dominância entre elas, situação que no *tableau* encontra-se representada pelas linhas pontilhadas. Devido a isso, uma violação a RhTYPE=Ts por si só não é suficiente para eliminar o candidato (d) e garantir a permanência dos demais, uma vez que (b) e (c) cometem uma violação cada à UNIQ. O único candidato a não cometer nenhuma violação a esse par de restrições será (a),

devendo, portanto, ser considerada a forma “ótima”, isto é, aquela que efetivamente vai emergir na fala.

Observe-se que o candidato (a) não está livre de cometer violações posteriores, como demonstra o *tableau* acima. Apesar disso, essas violações a LIN não possuem qualquer poder de interferir na otimidade desse candidato, visto que os demais candidatos violaram restrições mais altas na hierarquia, fato que ocasionou sua eliminação.

Passemos, agora, à análise do *input* /muxér/, para o qual selecionamos quatro candidatos, conforme pode ser observado no *tableau* que segue:

Input: /muxér/ 12345	RhTYPE=Ts	UNIQ	LIN
a)[(**hér**.ma)] ☜ 34512			* 2-3
b)[(her.**mú**)] 34512	*!		* 2-3
c)[(**húr**.me)] 23514			**!** 1-2; 2-3; 3-4; 4-5
d)[(ře.**hún**)] 54321	*!		**!** 1-2; 2-3; 3-4; 4-5

Figura 7: Análise do *input* /muxér/

Semelhantemente ao que ocorre no *tableau* anterior, a contagem de violações para a eliminação de algum candidato deverá dar-se levando em consideração o par de restrições RhTYPE=Ts e UNIQ, uma vez que ambas se encontram no topo da hierarquia. Assim sendo, cometerão uma violação cada a RhTYPE=Ts os candidatos (b) e (d), violação esta que será considerada decisiva para sua eliminação devido ao fato de que os demais candidatos não chegam a cometer nenhuma violação a esse par de restrições.

Com relação a LIN, é importante notar que todos os candidatos cometem alguma infração a essa restrição, inclusive o candidato considerado ótimo. Por conta disso, a eliminação dos candidatos passa a ser determinada não apenas pelo fato de estes haverem ou não violado LIN, mas sim pela quantidade de vezes que essa restrição foi violada.

Observe-se que o maior número de violações é cometido pelos candidatos (c) e (d), porém, em relação a (d), isso não fará qualquer diferença pelo fato de este candidato já haver sido eliminado pela primeira restrição. Para o candidato (c), entretanto, um número tão grande de violações significa sua saída da "disputa" e, consequentemente, a escolha do candidato (a).

Antes de seguirmos adiante, importa salientar que a alteração do segmento final do *output* "jérma" (isto é, a presença de [a] em lugar de [u]) se dá posteriormente à metátese, não sendo consequência de nenhum processo fonético, mas de uma adaptação morfológica por parte do falante: por tratar-se de um substantivo feminino, imprime-se a marca de gênero através do acréscimo da desinência.

Para finalizar a análise dos dados procedentes da "jeringa", passemos, agora, ao *input* /otę´l/, para o qual selecionamos quatro candidatos, conforme observamos no *tableau* abaixo:

Input: /otę´l/ 1234	RhTYPE=Ts	UNIQ	LIN	ONSET
a)[(**té**.lo)] ☜ 2341		*	* 1-2	
b)[(le.**tó**)] 4321	*	*!	*** 1-2; 2-3; 3-4	
c)[(**tę´l**.o)] 2341		*	* 1-2	*!
d)[(**lé**.to)] 4321		*	**!* 1-2; 2-3; 3-4	

Figura 8: Análise do *input* /otę´l/

Da mesma maneira que no exemplo anterior, assistimos à eliminação de um candidato logo de início pelo fato de este haver cometido duas violações ao par de restrições que se encontra no topo da hierarquia. Assim, permanecem na "disputa" os candidatos (a), (c) e (d), apesar de cada um deles haver cometido uma violação à UNIQ: (a) e (d) pelo fato de apresentarem coincidência entre sua primeira sílaba e clíticos da língua espanhola (a saber, "te" e "le") e o candidato (c) pelo fato de sua primeira sílaba equivaler a uma forma corrente na língua, isto é, a forma truncada "tel", oriunda da palavra "teléfono" 'telefone'.

Quanto à restrição LIN, cometem três violações cada os candidatos (b) e (d), duas a mais que os candidatos (a) e (c), fato que determina a permanência dos primeiros na "disputa". Por conta disso, precisamos de uma nova restrição que atue sobre esses dois candidatos e faça emergir a forma ótima: de acordo com a hierarquia acima proposta, essa restrição é ONSET.

Segundo essa restrição, a qual atenta para os padrões de boa formação da língua, sílabas possuem ataque. Assim sendo, uma forma como a representada pelo candidato (c) será considerada impossível na língua espanhola, não só por apresentar uma sílaba contendo apenas núcleo, mas também pelo fato de essa sílaba estar precedida de outra terminada em coda. Em consequência disso, emergirá como forma ótima aquela representada pelo candidato (a).

4.6.2. Análise das formas trissílabas.

Passemos, agora, à análise dos trissílabos, a começar pelo *input* /kAláto/, para o qual selecionamos quatro candidatos, conforme consta no *tableau* a seguir:

Input: /kAláto/ 123456	RhTYPE=Ts	*COMPLEX$_{ONSET}$]$_{MWd}$	CONTIG σ	LIN
a)[to.(**lá**.ka)] ☜ 563412				** 2-3; 4-5
b)[ka.(**tα´.**lo)] 125436				***! 3-4; 4-5; 5-6
c)[(to.**lá**)] 5634	*!		* ka-lá	*** 1-2; 2-3; 4-5
d)[la(**ká.**to)] 341256			*! lá-to	** 2-3; 4-5

Figura 9: Análise do *input* /kAláto/

Em relação à primeira restrição, observamos a eliminação do candidato (c) uma vez que este não obedece ao pé métrico priorizado na "jeringa", a saber, o troqueu silábico. Quanto a *COMPLEX$_{ONSET}$]$_{MWd}$, por sua vez, não haverá nenhuma violação a essa restrição devido ao fato de nenhum dos candidatos elencados possuir *onset* complexo em sua borda direita.

No que tange a CONTIG σ, os candidatos (c) e (d) cometem uma violação cada por apresentarem uma quebra da contiguidade silábica: no primeiro caso, a transposição

de sílabas na palavra, seguida do apagamento da sílaba [ka], determinam a perda da contiguidade entre [ka] e [la]; já no segundo caso, perdeu-se a contiguidade entre as sílabas [la] e [to], sendo essa violação considerada fatal para esse candidato. Quanto ao candidato (b), a dissolução das sílabas originais – [la] e [to] – acaba por impossibilitar sua avaliação do ponto de vista da contiguidade silábica.

Por fim, a restrição LIN será violada por todos os candidatos, em maior ou menor escala: cometerão duas violações cada os candidatos (a) e (d) contra três violações cada dos candidatos (b) e (c). Uma vez que os candidatos (c) e (d) haviam sido já eliminados por conta de restrições anteriores, emergirá como forma ótima aquela representada pelo candidato (a).

Finalizamos esta seção com a análise do *input* /proBétʃo/, para o qual selecionamos igualmente quatro candidatos, conforme consta no *tableau* que segue:

Input: /proBétʃo/ 1234567	RhTYPE=Ts	*COMPLEX$_{ONSET}$]$_{MWd}$	CONTIG σ	LIN
a) [tʃo.(**pró**.βe)] ☜ 6712345			* βé.tʃo	* 5-6
b) [tʃo.(**βé**.pro)] 6745123		*!		** 3-4;5-6
c) [bé.(**pró**.tʃo)] 4512367			* bé.tʃo	**! 3-4;5-6
d) [(**bé**.pro)] 45123			* bé.tʃo	**! 3-4;5-6

Figura 10: Análise do *input* /proBétʃo/

No *tableau* em questão, nenhum candidato viola RhTYPE=Ts por serem todos formas paroxítonas. Já em relação à segunda restrição, observamos que o candidato (b) comete uma violação fatal por ser o único a apresentar em sua borda direita um *onset* ramificado, isto é, composto de duas consoantes.

Quanto à restrição CONTIG σ, todos os candidatos restantes devem ser penalizados por apresentarem uma quebra de contiguidade entre as sílabas [βe] e [tʃo]: no caso dos candidatos (a) e (c), essa contiguidade será interrompida em consequência da transposição das sílabas para outras posições no interior da palavra, enquanto que no caso de (d), observamos a transposição silábica seguida de um apagamento da sequência [tʃo].

No que se refere à LIN, por sua vez, todos os candidatos cometem alguma violação: observamos duas violações cada dos candidatos (b), (c) e (d) e apenas uma violação do candidato (a). Assim sendo, emergirá como forma ótima aquela representada pelo candidato (a).

4.7. Conclusão.

No início deste capítulo, caracterizamos o processo de metátese segundo as perspectivas tradicional e otimalista, demonstrando que, apesar de ser vista pela maioria dos estudiosos como um fenômeno irregular, a metátese está mais presente no nível sincrônico das línguas do que possa parecer. E isso pode ocorrer tanto por motivações estruturais de determinada língua como também por motivações sociais, como é o caso do "vesre" peruano.

Em seguida, passamos a enumerar algumas formas de *argot* em que o emprego da metátese é mais recorrente na atualidade, com especial destaque para o "verlan" francês e para o "vesre" riopratense. Já na seção seguinte, apresentamos as peculiaridades do "vesre" peruano frente à variedade riopratense, pois apesar de o primeiro haver influenciado o segundo, hoje o "vesre" peruano pode ser considerado uma variedade independente do "vesre" empregado pelos falantes de "lunfardo".

Na quinta seção, tratamos de, com base nos dados coletados do *corpus*, construir uma hierarquia de restrições para cada um dos padrões detectados, que foram os padrões dissilábico e trissilábico. Na sexta seção deste capítulo, realizamos a análise de cinco das catorze formas encontradas no *corpus* sob uma perspectiva otimalista, estabelecendo, para isso, um *tableau* em que apareciam quatro formas possíveis na língua (candidatos) para o *input* selecionado. O objetivo da análise, como visto acima, foi demonstrar, por meio de restrições rigidamente ranqueadas, qual dessas formas conseguia prevalecer, assumindo assim o papel de *output*.

À semelhança do presente capítulo, no capítulo a seguir realizaremos algumas considerações acerca de um recurso também largamente empregado pelos usuários da "jeringa", o chamado "floreo verbal".

Capítulo 5
O “floreo verbal” na “jeringa”

5.1. Introdução.

O presente capítulo tem por objetivo conceituar e delimitar o chamado “floreo verbal”, fenômeno que, apesar de pouco comentado na literatura, tem sido altamente difundido entre os usuários da “jeringa”. Para isso, iniciaremos expondo a diversidade de nomenclaturas existente entre diferentes autores, buscando discutir sua adequação com base em Dubois (2007) e Coutinho (1976).

Já na seção seguinte, realizaremos uma descrição geral do fenômeno visando a reconhecer o modo como ele opera no socioleto em exame, utilizando como exemplos os casos encontrados no *corpus*. Ainda nessa seção, relataremos algumas das dificuldades obtidas na recolha dos dados.

Posteriormente, trataremos de delimitar que tipo de restrições são relevantes para o fenômeno e de que forma seu ordenamento contribui para a emergência das formas que de fato se realizam na “jeringa”. De posse das restrições, procederemos à análise dos casos retirados do *corpus* e finalizaremos com algumas observações acerca do material analisado.

5.2. O “floreo verbal” (conceituação).

Denomina-se “floreo verbal” o ato de substituir uma palavra por outra com a mesma sonoridade, produzindo, com isso, “pseudo-apelativos” (CARRIÓN, 1978), a exemplo de “Roberto” (< “robo” ‘roubo’) e “trampolín” (< “tramposo” ‘mentiroso, enganador’). Assim como o “vesre”, acumula as funções *críptica* (de ocultamento do sentido), *identitária* (expressa o pertencimento a um grupo) e *lúdica* (visa a brincar com a forma das palavras)[56], às quais Castañeda (2005) acrescenta ainda a *função eufemística*. Em outras palavras, recorre-se ao “floreo” também quando se busca atenuar o peso de um vocábulo frente ao interlocutor.

Diferentemente do *“*vesre*”*, não se sabe ao certo a origem desse fenômeno, uma

[56] Ou humorística, segundo Teruggi (1974).

vez que não parecem existir estudos específicos sobre o tema. O que há, na verdade, é uma pequena menção em alguns poucos trabalhos, como aqueles já citados na seção 1.5 do capítulo primeiro, bem como nos trabalhos de Teruggi (1974) e Castañeda (2005)[57].

A expressão "floreo verbal", segundo Carrión (1978), teria sido criada pelo filólogo espanhol Joan Corominas e, de acordo com o autor, serviria para designar uma situação de jogo linguístico, uma vez que a palavra "floreo", conforme aparece no DRAE (2001), pode ser descrita como uma forma de "conversación vana y de pasatiempo", entre outras acepções. Dessa forma, a expressão "floreo verbal" significa algo como "falar muito e não dizer nada"; em outras palavras, alude a uma conversa superficial, que os interlocutores mantêm com a finalidade "matar o tempo".

Apesar de esta nomenclatura não ser a mais adequada para descrever o fenômeno, optamos por utilizá-la em nosso trabalho, uma vez que as outras designações existentes não são muito claras acerca das especificidades do processo ou possuem definições pré-estabelecidas, que não conferem com o que efetivamente ocorre no "floreo". Como mencionamos anteriormente, o fenômeno em questão tem recebido outras denominações, como *amplificação* (BENDEZÚ, 1977), *analogia fonética* (RAMÍREZ, 1996) e *atração paronímica* (CASTAÑEDA, 2005).

Quanto ao primeiro termo, *amplificação*, Bendezú (1977) vai empregá-lo em alusão ao efeito provocado pela adição de um sufixo ou de uma sequência fônica à palavra original, cuja consequência é um aumento em sua extensão. Entretanto, este termo não se mostra adequado, uma vez que a "amplificação" se dá não somente nos casos de "floreo verbal" (como é o caso da palavra "lentejas" 'lentilhas', empregada no lugar do substantivo "lentes" 'óculos'), mas, também, nos casos de "falsa sufixação" (como é o caso da palavra "cholintranqui", empregada no lugar do substantivo "cholo" 'migrante andino'). Na verdade, a origem de toda a confusão está no fato de que o autor não logra distinguir corretamente os casos de "floreo verbal" e "falsa sufixação", os quais se configuram como processos completamente diferentes[58].

Em suma, não encontramos qualquer referência ao termo *amplificação* em nenhum trabalho sobre o *argot* além da obra de Bendezú (1977), o que por si só já

[57] Esses trabalhos tratam, respectivamente, do "lunfardo" argentino e do "parlache" colombiano.
[58] Como vimos no capítulo primeiro, a "falsa sufixação" consiste na incorporação de uma terminação com valor de sufixo (embora não o seja de fato), ao passo que no "floreo verbal" há duas palavras que compartilham a mesma sonoridade, sendo uma empregada no lugar da outra.

invalida seu valor conceitual. Longe de denominar um processo de formação de palavras, esse termo tem sido utilizado pela Retórica para designar uma figura de linguagem cujo objetivo é desenvolver uma ideia realçando suas particularidades (CEIA, s/d).

Vejamos, agora, algumas especificidades do termo *analogia fonética*. Comumente, a palavra analogia tem sido utilizada com o sentido de semelhança, aproximação, e visa a exprimir a associação existente entre elementos distintos. Dessa forma, Ramírez (1996) recorre ao termo *analogia fonética* com o objetivo de traduzir a relação que se estabelece entre palavras que compartilham uma sequência sonora, a exemplo de "celoso" 'ciumento' e "celofán" 'celofane'. Entretanto, o conceito de *analogia fonética* tem sido empregado por diferentes autores não com esse sentido, mas sim como um recurso que visa à simplificação da linguagem, isto é, a supressão de suas irregularidades (COUTINHO, 1976). Exemplo disso é o que ocorre na expressão "insculpido e encarnado", a qual, por analogia fonética, acabou-se consagrando na forma "cuspido e escarrado", essa última de grande aceitação popular.

Por último, examinaremos a adequação do termo *atração paronímica* para designar o que ocorre no "floreo". De acordo com Dubois (2007), *atração paronimica* é o nome que se dá a um fenômeno da etimologia popular através do qual palavras de diferentes origens são empregadas de modo equivalente devido à sua semelhança formal, cuja consequência pode ser uma mudança semântica (a exemplo do emprego da palavra "dilatar" 'retardar, estender' no lugar de "delatar" 'denunciar') ou uma "deformação" fonética (a exemplo de "negromancia", usada em lugar de "necromancia" 'adivinhação através dos mortos').

Ao denominar de *atração paronímica* a relação existente entre palavras como "robo" 'roubo' e "Roberto", por exemplo, é como se Castañeda (2005) reconhecesse estar diante de palavras parônimas, o que não se comprova na prática: apesar de terem significados diferentes, essas palavras não se assemelham nem na pronúncia nem na grafia, de modo que a substituição de uma por outra se dá por motivações que vão muito além desse processo.

Uma vez discutida a validade dessas nomenclaturas na caracterização do processo em questão, passemos, a seguir, a uma descrição detalhada de como o mesmo ocorre na "jeringa".

5.3. Descrição do fenômeno na "jeringa".

Conforme comentamos anteriormente, a ausência de trabalhos específicos sobre o tema nos impede de conhecer a origem desse fenômeno, porém a presente pesquisa tem revelado um dado bastante interessante: ao contrário do que havíamos suposto inicialmente, o "floreo verbal" não é um fenômeno específico da "jeringa", podendo aparecer em *argots* oriundos de outros países hispano-falantes[59].

Segundo dados fornecidos pelo dicionário virtual "Tu Babel"[60], observamos uma coincidência de palavras e expressões presentes em nosso *corpus* e, ao mesmo tempo, empregadas por usuários de outros *argots*, a exemplo de "mariachi" no lugar de "marido" 'marido' (Peru, Honduras, Colômbia), "solano" no lugar de "solo" 'sozinho' (Peru, Nicarágua, Equador) e "clarín" no lugar de "claro" 'advérbio de afirmação' (Peru, El Salvador, México). Além disso, é possível encontrar ainda outros termos que se prestam ao "floreo": a palavra "patín" para referir-se a "patada" 'chute' (México, Honduras), "mariachi" para referir-se a "mareado" 'bêbado' (México), "¿qué talco?" sendo utilizada no lugar da expressão "¿qué tal?" 'como vai?' (Venezuela) e "¡qué solano!" empregada no lugar da expressão "¡qué sol!" 'que sol!' (Costa Rica). Outra fonte de dados bastante útil é o "Diccionario de Expresiones Mexicanas"[61], onde é possível encontrar palavras e expressões como "a patín" (< "a pata", "a pie" 'a pé'), "Acapulco" (< "acá, aquí" 'aqui'), "Miguel" (< "mío" 'meu'), "Simón" (< "sí" 'sim'), "Federico" (< "feo" 'feio'), "naranjas" (< "no" 'não'), entre outros exemplos.

O "floreo" pode ser descrito como um fenômeno de mascaramento lexical, cuja intenção na "jeringa" parece ser principalmente brincar com a forma das palavras. Normalmente, o produto do "floreo" corresponde a nomes próprios, que podem ser

---

[59] Embora não saibamos sua origem exata, tudo indica que o fenômeno do "floreo verbal" disseminou-se primeiro na Argentina através do "lunfardo", sendo posteriormente difundido entre falantes de outros países de língua espanhola. Por conta da forte presença de imigrantes italianos, muitos dos termos do "floreo" são nomes próprios, como "baratieri" (< "barato" 'barato'), "dureli" (< "duro" 'avarento'), "lorenzo" (< "loro" 'mulher feia') e "ligaroti" (< "ligador" 'paquerador'), o que Teruggi vai chamar de "pseudoapellidos". Apesar dessa profusão de antropônimos, o produto do "floreo" pode ser também palavras da língua corrente, a exemplo de "alcachofa" (< "alcahuete" 'delator') e "durazno" (< "duro" 'avarento'). (TERUGGI, 1974)

[60]Disponível em www.tubabel.com (Acesso em 10/01/2012). No dicionário em questão, os próprios usuários podem contribuir postando novos verbetes, enriquecendo assim o acervo do *site*. Existe, também, um serviço de bate-papo através do qual os internautas podem trocar ideias a respeito da diversidade léxica presente no mundo hispano-falante.

[61]Disponível em www.elportaldemexico.com/cultura/diccionarios/diccionarioexpresionesmexicanas.htm (Acesso em 10/01/2012).

antropônimos (Ex.: “chapa” ‘apelido’ > “chaplín”; “solo” ‘sozinho’> “solano”; “caído” ‘sem dinheiro’ > “Caín”), *topônimos* (Ex.: “conchudo” ‘cara-de-pau’ > “conchán”; “al toque” ‘num instante’ > “al toquepala”) ou *oniônimos* (Ex.: “chape” ‘beijo’ > “chapetex”; “cubano” ‘cubano’ > “cubichi”), mas também palavras da língua corrente (“claro” ‘advérbio de afirmação’ > “clarínes”; “barrio” ‘bairro, vizinhança’ > “barrunto”).

Outra característica do fenômeno é que o material acrescentado à base tem estrutura e valor de sufixo, apesar de não sê-lo do ponto de vista gramatical (Ex.: “chape” > “chapetex”, em que -etex se assemelha a um sufixo). Já o material aproveitado da base possui as propriedades de um radical (Ex.: “vuelta” ‘volta’ > ‘voltarén’, em que volt-/vuelt- se constitui no radical), embora nem sempre o seja na prática (Ex.: “marido” ‘marido’ > “mariachi”, onde mari- se assemelha a um radical embora não o seja no sentido canônico do termo).

Apesar de certas formas haverem-se consagrado pelo uso em detrimento de outras, mais de uma forma poderia atender aos objetivos do “floreo”. Não há nada que impeça, por exemplo, o emprego da palavra “chapatín”[62] em vez de “chaplín” pelo falante para referir-se à palavra “chapa” ‘apelido’. Tanto isso é verdade que em certas situações essa duplicidade irá ocorrer, a exemplo da palavra “zambo” ‘negro’, cujo produto do floreo poderá ser “zambrano” ou ainda “zamborja”, conforme detectamos no *corpus* utilizado nesse trabalho. Isso se dá por conta da própria natureza do fenômeno, que correlaciona formas da língua a partir dos dispositivos identificados. Em outras palavras, a forma mais difundida poderia perfeitamente coexistir com outras estruturas semelhantes, o que não compromete em nada a regularidade do fenômeno, como veremos mais adiante.

5.3.1. Sobre a dificuldade na seleção dos dados.

No capítulo 2 do presente trabalho, vimos que, ao contrário do “vesre”, tivemos certa dificuldade na seleção dos dados relativos ao fenômeno em questão. Isso ocorre principalmente pelo fato de o “floreo verbal” lidar com palavras pré-existentes na língua, mas nem sempre aquela forma estar dicionarizada. Muitas vezes, como já

[62] “Chapatín” é como se chama um dos personagens de Roberto Gomes Boláños (Chespirito), cujos seriados são bastante consumidos pelos peruanos.

dissemos anteriormente, o produto do "floreo" equivale a *antropônimos, topônimos* ou *oniônimos*, de modo que tivemos que recorrer ao Google[63] para conferir se a palavra em questão existia como uma forma corrente da língua ou se correspondia a um nome próprio.

Como sinalizamos na seção 1.5 do capítulo primeiro, nem os autores peruanos parecem haver entrado em um consenso acerca das diferenças que separam os processos de "falsa sufixação" e de "floreo verbal", o que é sem dúvida uma consequência de seu caráter atípico. Para um observador cuja língua materna não é o espanhol, tal distinção resulta ainda mais complexa, especialmente por conta da dificuldade de se identificar se dada terminação corresponde ou não a um sufixo da língua espanhola.

No *corpus* utilizado, encontramos três modalidades de "adição" de sequências ao final de substantivos e adjetivos[64]: a sufixação padrão (Ex.: "matoncito" 'metido a valente', em que -ón e -ito são sufixos da língua espanhola), a "falsa sufixação" (Ex.: "baratieri" 'barato', em que -ieri não corresponde a um sufixo corrente na língua espanhola)[65] e o "floreo verbal" (como é o caso de "zambrana", palavra pré-existente utilizada em alusão à "zamba" 'negra').

No primeiro caso, enquadra-se a maior parte dos exemplos encontrados, que são substantivos e adjetivos cujo sufixo lhes confere um sentido pejorativo, afetivo ou de intensidade. Entre as terminações mais recorrentes no corpus, encontram-se **-ito/ -ita** (Ex.: "nidito" 'casinha', "machito" 'muito macho', "amiguito" 'amiguinho', "maridito" 'maridinho', "caserita" 'quem frequenta muito um lugar ("de casa")', "manchita" 'grupinho', "culeguita" 'coleguinha', etc.), **–ón/ -ona** (Ex.: "jirafón" 'homem alto', "madurón" 'homem de meia-idade', "tardón" 'que chega sempre atrasado', "cachetón"

---

[63] Disponível em http://www.google.com (Acesso em 14/12/2011). Como optamos por restringir nossas buscas apenas a páginas em espanhol, utilizamos a seguinte ferramenta: Configurações de Pesquisa > Idiomas > Espanhol. Em seguida, inserimos a palavra ou locução (esta última sempre entre parêntesis, a fim de refinar os resultados) encontrada no *corpus* no campo relativo à busca para então proceder à pesquisa.

[64] No *corpus* em questão encontramos também casos de sufixação verbal, a exemplo do termo "chorear" 'roubar' ("choro" 'ladrão' + sufixo verbal –ear), porém não entraremos com detalhes neste tema por não ser este o propósito dessa seção.

[65] A "falsa sufixação" tem estado presente em diversos *argots*, a exemplo do *argot* francês (Ex.: "clochard" 'mendigo' transforma-se em "clodo", "cloduque", "clodomir", "clodoche" etc.) e do "lunfardo" argentino (Ex.: "misho" 'pobre'> "mistongo", "mistongueli"; "gil" 'tonto, idiota' > "gilastro"; "gratis" 'grátis' > "gratarola"). Na prática, esse procedimento assume o aspecto de uma paragoge, embora sua finalidade não seja a mesma desse fenômeno. Segundo Dubois (2007), a paragoge é um procedimento que consiste no acréscimo de um fonema não etimológico no final da palavra, sendo um processo muito frequente no italiano ao assimilar-se palavras estrangeiras terminadas em consoante (Ex.: Rafael > Rafaelle). Trata-se, portanto, de um tipo de metaplasmo que visa um ajuste aos padrões estruturais da língua, o que não é nem de longe o objetivo da "falsa sufixação".

‘bochechudo’, “ojona” ‘que tem olhos grandes’, “ricotona” ‘mulher atraente’, “calentona” ‘fogosa’), **–ado/ -ada** (Ex.: “colorado” ‘indivíduo branco de pele avermelhada’, “templado” ‘apaixonado’, “volado” ‘distraído’, “gomeada” ‘espancada’, “chalequeada” ‘protegida por seguranças’, “pinochada” ‘mentira’), **–or/ -ora** (Ex.: “goleador” ‘artilheiro’, “matadora” ‘mulher fatal’, “ganadora” ‘fofoqueira’),**–azo/ -aza** (Ex.: “templadazo” ‘muito apaixonado’, “rochezaso” ‘vergonha extrema’, “sapazo” ‘fofoqueiro, bisbilhoteiro’, “juergaza” ‘festão’, “pinochaza” ‘mentirosa’, “aburridaza” ‘entediada’), **–udo / -uda** (Ex.: “suertudo” ‘sortudo’, “calzonudo” ‘tonto, idiota’, “filuda” ‘afiada’), **–ero / -era** (Ex.: “cumbiambero” ‘cantor de cumbia[66]’, “franelero” ‘puxa-saco’, “juerguero” ‘que gosta de se divertir’, “pelotero” ‘futbolista’ , “cuentera” ‘mentirosa’, “chibolera” ‘papa-anjo’, “amiguera” ‘que tem muitos amigos’) e **-oso/ –osa** (Ex.: “tramposo” ‘mentiroso, enganador’, “faltoso” ‘mal-educado’, “mañoso” ‘safado, tarado’, “chismosa” ‘fofoqueira’, “lujosa” ‘luxuosa’, “rabiosa” ‘com raiva’).

Em menor número, encontramos os sufixos **–ote** (Ex.: “machote” ‘metido a macho’), **-izo** (Ex.: “chorizo” ‘ladrão’), **-illo**/ **-illa** (Ex.: “chiquillo” ‘jovenzinho’, “chaufilla” ‘chau’, “palomilla” ‘travesso, enganador’), **–uco / -uca** (Ex.: “feúco” ‘feio’, “morochuca” ‘morena’), **-urri**[67] (Ex.: “chaturri” ‘de baixa estatura’) e **-oco/ -oca**[68] (Ex.: “chicoca” ‘garota, moça’). Além disso, observamos em algumas palavras a combinação de dois sufixos, a exemplo de “matoncito” ‘metido a valente’ (-ón / -ito), “fortachón” ‘forte’ (-acho / -ón), “grandulón” ‘homem alto’ (-ulo / -ón), “chismosones”

[66] Gênero musical de origem colombiana criado por descendentes de escravos no início do século passado, tendo posteriormente incorporado outras matrizes além da africana. Atualmente tem se disseminado por vários países da América Latina, dividindo-se em diferentes subgêneros: *cumbia villera*, *cumbia mexicana*, *cumbia peruana* e *tecnocumbia*. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%BAmbia (Acesso em 16/08/2011).

[67] Apesar de não figurar em nenhuma das listas apresentadas pela “Gramática Descriptiva de la Lengua Española” (BOSQUE & DEMONTE, 1999), o sufixo **–urri** tem estado bastante presente no espanhol coloquial do Chile por influência do “lunfardo”, segundo aponta San Martín (2011). Ainda de acordo com esse autor, o sufixo em questão possui valor de diminutivo afetivo, a exemplo da palavra “minurri” (< “mina” ‘mulher, namorada’).

[68] À semelhança do sufixo anterior, não encontramos qualquer referência a ele nas listas apresentadas pela “Gramática Descriptiva de la Lengua Española”. Apesar disso, Carrillo (1967) afirma que o sufixo –oco/ -oca é altamente produtivo no espanhol do Chile, da Venezuela e de outras regiões americanas, possuindo um valor de diminutivo orientado no sentido afetivo. Já Scavnicky (1974) afirma que esse sufixo tem sido bastante utilizado em países da América Central, tais como Guatemala e Costa Rica, porém com valor pejorativo, isto é, em alusão a defeitos físicos e morais do referente.

‘fofoqueiros’ (-oso / -ón), “pechugona” ‘peituda’ (-uga[69] / -ona), “guapachosa” ‘bonitona’ (-acha / -osa) e “papuchín” ‘homem atraente’ (-ucho / -ín)[70].

Quanto aos casos de “falsa sufixação” detectamos no *corpus* apenas uma ocorrência, a saber, a palavra “figureti” ‘arroz-de-festa’, ‘exibido’. Embora a terminação –eti pareça tratar-se de uma espécie de “deformação” do sufixo –ete, não pudemos encontrar qualquer referência quanto ao uso dessa terminação em outras palavras da língua espanhola[71], diferentemente do que observamos para a terminação –urri, cuja forma tem estado presente em várias criações lexicais. Por outro lado, se consideramos o fato de -urri não possuir qualquer antecedente etimológico na língua, sendo utilizado apenas por determinado grupo social, a palavra “chaturri” deverá ser também encarada como produto de uma “falsa sufixação”.

Passemos, agora, aos casos de “floreo verbal”, objeto deste capítulo. Para essa modalidade de “adição”, foram encontrados um total de 25 dados conforme enumeramos no capítulo 2, entre eles oito antropônimos, cinco topônimos e quatro oniônimos (o termo “Limonta” é o único que se insere nas três categorias)[72]. Já os

---

[69] Embora a forma “pechuga” tenha se lexicalizado, etimologicamente observamos que se trata de uma derivação sufixal da palavra “pecho”, à qual lhe fora acrescido o sufixo -uga (ALEMANY, 1930).

[70] Ainda sobre este tópico, encontramos no *corpus* dois exemplos no mínimo interessantes: “morenaje” e “chismento”, que, apesar de aparentarem uma sufixação padrão (“moreno” > “moren**aje”**; “chisme > “chism**ento”**), o sufixo acrescentado não possui qualquer efeito sobre o significado final da palavra. “Nuevamente juntos para darle curso a la sin hueso que siempre tiene los *chismentos* recién saliditos del horno...” [Novamente juntos para mandar brasa na sem osso [língua] que sempre tem as fofocas recém-saidinhas do forno...” (AJÁ, 10/06/2010)]. No fragmento em questão, a palavra “chismento” significa simplesmente “chisme” ‘fofoca’, e não “chismoso” ‘fofoqueiro’, como parece ser à primeira vista. Semelhantemente, no trecho “Martín Farfán se ha convertido en el rápido y furioso de 'Recargados de risa'. El morenaje se luce con su moderna cañaza en el Studio 4 de Barranco (...)” [“Martín Farfán se transformou no ‘Rápido e Furioso’ de ‘Recargados de risa’ [programa humorístico peruano]. O moreno se exibe com seu moderno carraço no Studio 4 de Barranco (...)” (AJÁ, 06/07/2010)], o próprio contexto nos permite concluir que palavra “morenaje” equivale a “moreno”, e não à “morenice” como sua forma sugere. Por outro lado, “morenaje” e “chismento” não podem ser considerados produtos de uma “falsa sufixação” ou de “floreo verbal” na medida em que não aludem à palavra pré-existente na língua e tampouco apresentam terminações aleatórias (tanto -ento quanto –aje são sufixos reconhecidos na língua espanhola).

[71] A palavra “fugureti” deriva da palavra “figura” e possui conotação pejorativa. Segundo Lázaro Mora (1999), o sufixo –ete possui um valor tanto de diminutivo quanto de desprezo com relação ao referente.

[72] Primeiramente, consultamos o DRAE (2001) a fim de averiguar se essas palavras estavam dicionarizadas, mas, como nenhuma delas chegou a ser encontrada, tivemos que recorrer ao Google para checar se elas de fato existiam e qual a sua origem. De acordo com nossas buscas:

- **antropônimos**: “Chaplín”, “Segurola(s)”, “Solano”, “Zambrana”, “Zambrano”, “Limonta”, “Chicoma” são todos sobrenomes, já “Caín” é um prenome. OBS: 1) “Chaplín” faz referência ao ator Charles Chaplin e também a um tipo de bolacha famosa no Peru (“las galletas Chaplín”); 2) Em nossas buscas, “Segurola” vinha geralmente grafado sem o “s”.
- **topônimos**: “Zamborja” (Em alusão ao distrito limenho de “San Borja”), “Forata” (Represa localizada em Valencia, Espanha), “Toquepala” (Região mineira localizada em Tacna, Peru. É também o nome de uma rua localizada na região metropolitana de Lima), “Conchán” (Distrito localizado na província de Chota, departamento de Cajamarca, Peru. É também o nome de uma

demais dados fazem referência a nomes comuns, isto é, trata-se de palavras dicionarizadas: “clarín” ‘instrumento musical’, “piñata” ‘recipiente cheio de guloseimas que se costuma pendurar no teto das casas para ser rompido em festas infantis’, “barrunto” ‘pressentimento’, “francolín” ‘espécie de ave’, “celofán” ‘celofane’, “mariachi” ‘tradicionais músicos mexicanos’, “patín” ‘patins’, “talco” ‘talco’, “pasarela” ‘passarela’, “trampolín” ‘trampolín’.

Antes de terminar esta seção, importa esclarecer por que algumas palavras, inicialmente selecionadas como dado para uma possível análise, foram posteriormente retiradas do escopo da pesquisa. Em primeiro lugar, está a palavra “chaufilla”, forma empregada no lugar de “chau” que, para chegar a essa configuração final, passa por dois processos: primeiramente por “floreo verbal” (“chau” ‘tchau’ > “chaufa” ‘comida de origem cantonesa’) e, em seguida, por uma sufixação padrão (“chaufa” > “chauf**illa”**). Devido a essa dupla transformação, preferimos não inseri-la em nossa análise, uma vez que a forma final, tal como aparece no *corpus*, não pode ser considerada produto de “floreo verbal”.

Em segundo lugar, está a palavra “ropero”, cujo significado é claro: armário para guardar roupas. Apesar disso, sua aparição no *corpus* se dá de uma maneira bastante ambígua, pois, ao mesmo tempo em que aparenta ser o produto de “floreo verbal”, parece haver também uma relação metonímica do tipo continente/conteúdo entre esta palavra e seu referente (nesse caso, “ropa” ‘roupa’): “(...) el tal Carlos Barraza, siempre llega a la tela para sus conciertos y hasta se tira el *ropero* encima para agradar a sus fans, pero al final de sus shows por poco y acaba tolaca...” (AJÁ, 14/06/2010) [73]. Não só devido a essa ambiguidade optamos por retirá-la de nossa análise, mas também pelo fato de o produto do “floreo verbal” não pode ser uma palavra morfologicamente complexa (nesse caso, derivada), como veremos mais adiante.

Por fim, observamos as palavras “michi” e “Perumanta”, ambas produto de “floreo verbal”, porém excluídas do escopo de nossa pesquisa por conta de algumas particularidades. No caso de “michi”, trata-se de um apelativo que acabou por

---

praia no sul de Lima, muito visitada por surfistas), “Limonta” (Aldeia localizada na província de Lecco, no norte da Itália. No estado de Veracruz, México, há uma cidade com o mesmo nome).

- **oniônimos**: “Cubichi” (Empresa espanhola do ramo gráfico), “Limonta” (Empresa italiana do ramo têxtil) “Voltarén” (Nome fantasia de um medicamento), “Chapetex” (Antiga empresa peruana do ramo de calçados, cujo nome era grafado com “pp”).

[73] [“(...) o tal Carlos Barraza sempre chega bem vestido para seus shows e até joga o guarda-roupa em cima das fãs para agradá-las, mas no final dos shows por pouco e acaba pelado...”]

lexicalizar-se[74] e, ao mesmo tempo, um antropônimo de origem japonesa. Normalmente, é utilizada com sentido eufemístico para referir-se ao vulgarismo "mierda" – "¿Acaso no te acuerdas por qué *michi* te expectoraron del canal de cable y luego del ex canal de Papaúpa?..." (AJÁ, 01/07/2010) [75] – ou ainda em substituição ao termo "misio"[76] 'sem dinheiro' – "Ah, pero las amiguitas cumbiamberas de la actriz, varias veces le han dicho que se abra de ese volante que para *michi michi*..." (AJÁ, 13/06/2010) [77]. Por não se tratar de uma palavra de origem espanhola, preferimos deixá-la de lado no presente trabalho.

Quanto a "Perumanta", essa palavra dá nome a um grupo musical peruano que toca ritmos andinos, de modo que há uma relação semântica direta entre a base e a forma final ("Peru" > "Perumanta"), o que não é nosso foco neste trabalho. Além disso, a terminação -manta coincide, em sua forma, com o sufixo quéchua de caso ablativo -manta, o qual indica ponto de origem ou de partida (de, desde)[78]. Assim sendo, o termo "Perumanta" (em quéchua, "Piruwmanta") sugere algo como "música oriunda do Peru".

Uma vez definidos os dados a serem submetidos à análise, passemos agora à seleção das restrições atuantes na formação de palavras mediante o processo de "floreo verbal".

5.4. Restrições atuantes no fenômeno.

À semelhança do que realizamos no capítulo anterior, em que analisamos os casos de metátese, o levantamento das restrições atuantes no processo em questão foi feito com base nos dados retirados do próprio *corpus*, pois, de acordo com Gonçalves & Piza (2009), somente com base na fala concreta podemos perceber quais restrições estão

---

[74] Segundo alguns relatos, a palavra "michi", que atualmente é utilizada para nomear os gatos no Peru, teria sido inventada pelos habitantes do império inca ao ver que os espanhóis utilizavam a expressão *mishi mishi* para atrair os gatos. Fonte: http://es.wiktionary.org/wiki/michi (Acesso em 12/01/2012).

[75] ["Você por acaso não lembra por que merda te expulsaram do canal a cabo e logo do ex canal de Papaúpa?..."]

[76] Embora algumas fontes (a exemplo do dicionário "Tu Babel", já citado) afirmem que o termo "misio" provenha da palavra "misionero", sendo, portanto, uma forma truncada, Teruggi (1974) vai explicar, com base em Gobello & Payet (1960), que o termo "misio" (ou ainda "misho, mishio") provém do genovês "miscio", que quer dizer 'pobre'.

[77] ["Ah, mas as amiguinhas cumbiamberas da atriz várias vezes disseram pra ela que fuja desse meio-campista que vive *duro duro*..."]

[78] Fonte: http://facultad.pucp.edu.pe/ciencias-sociales/curso/quechua/gramatica.html (Acesso em 12/01/2012).

em jogo naquele processo e de que forma elas se organizam a fim de permitir a emergência do candidato ótimo.

Como vimos na seção 5.3 do presente capítulo, o "floreo" caracteriza-se por ser um fenômeno de mascaramento lexical, de modo que seu produto jamais poderá ser interpretado composicionalmente, ou seja, pela soma das partes. Assim sendo, não serão aceitas formas compostas por mais de um radical ou portadoras de afixos (Ex.: "pasatiempo" 'passatempo', "cubículo" 'cubículo'), devendo o produto do "floreo" possuir uma estrutura monomorfêmica e equivaler a uma palavra pré-existente na língua (Ex.: "trampolín" 'trampolím', "barrunto" 'pressentimento').

Apontamos, portanto, como primeira restrição **NO-MWd***, segundo a qual uma palavra morfológica (MWd, abreviação da forma inglesa *Morphological Word*) não poderá ser complexa (o asterisco à direita representa complexidade estrutural), devendo ser marcada uma violação para todo candidato que desrespeitar esse comando. No presente trabalho, entendemos como complexa toda palavra que, do ponto de vista sincrônico (isto é, no estágio atual da língua), seja reconhecida pelo falante como composta ou derivada. Para essa restrição, portanto, não são levadas em conta questões de natureza histórica ou etimológica; apenas a estruturação interna com relativa transparência para os falantes de língua espanhola[79].

Uma segunda característica marcante do fenômeno é que ele isola uma sequência da base (da esquerda para a direita) cuja estrutura equivale, em forma, a um radical em curso na língua. Em seguida, busca-se uma palavra cuja sequência inicial coincida com o radical da palavra base (Ex.: "**tramp**oso" 'mentiroso, enganador' > "**tramp**olín" 'trampolim'), isto é, a sequência fônica equivalente ao radical deverá estar maximamente contida no produto. Sendo assim, consideramos que a segunda restrição relevante é **MAX√**, a qual se caracteriza por ser uma restrição de identidade entre o *input* o *output*. De acordo com MAX√, uma violação deverá ser marcada sempre que a forma correspondente ao radical do *input* não estiver representada no *output*.

[79] A palavra "parásito" 'parasita', por exemplo, é composta do prefixo –para [ao longo de] e do radical –sito [que se nutre], ambos de origem grega. De igual maneira, a palavra "clavícula" é etimologicamente derivada da palavra latina "clave" 'chave', à qual se agregou o sufixo diminutivo -ŭla, transformando-se na forma "clavícula" 'pequena chave'. Para os falantes de "jeringa", entretanto, esses processos não são tão perceptíveis à primeira vista, diferentemente do que se vê nas formas "cubículo" 'cubo pequeno' e "chillón" 'som agudo', 'cor escandalosa'. Fontes: http://www.cnrtl.fr/etymologie/parasite e http://dicciomed.eusal.es/palabra/clavicula (Acesso em 17/01/2012).

Como vimos anteriormente, o "floreo" consiste na utilização de uma palavra da língua no lugar de outra desde que ambas compartilhem uma sequência sonora inicial que equivalha a um radical. Além dessa exigência, o "floreo" demanda também que o material acrescentado ao radical da base tenha o formato de um sufixo prototípico da língua espanhola, isto é, uma sequência dissilábica iniciada por vogal (Ex.: "chape" 'beijo' > "chap**etex**" 'empresa peruana do ramo de calçados')[80].

Assim sendo, apontamos como terceira restrição **SUFFIX≈V(C).(C)V(C)**, segundo a qual sufixos (SUFFIX) equivalem (≈) a estruturas dissilábicas (o ponto marca fronteira de sílabas) e iniciados por vogal (V). Ainda de acordo com essa restrição, deverá ser punido todo candidato cujo material à direita do "radical" não corresponda, em estrutura, a um sufixo prototípico (Ex.: "pata" 'amigo' > pat**ín** 'patins').

Em último lugar, isto é, no final da hierarquia, encontra-se uma restrição de natureza estrutural, a saber, ***COMPLEX**. Esta restrição favorece a aparição de estruturas menos marcadas na língua, nesse caso, sílabas com constituintes complexos (ataques, núcleos e codas). De acordo com *COMPLEX, portanto, deverá ser marcada uma violação cada vez que o candidato apresentar sílabas complexas em sua configuração, isto é, sílabas que contenham constituintes ramificados (Ex.: "**cr**ayola" 'giz de cera', candidato rejeitado pelo *input* "caído" 'sem dinheiro').

Com base nas restrições acima, podemos montar uma hierarquia para análise, que, de acordo com nossos dados, apresenta-se da seguinte forma: **NO–MWd*** >> **MAX√** >> **SUFFIX≈V(C).(C)V(C)** >> ***COMPLEX**. De acordo com nossa proposta, as restrições à esquerda dominam as restrições à direita, sendo NO-Mwd* a restrição mais relevante para o fenômeno e *COMPLEX a menos relevante.

---

[80] Por meio de observação empírica e com base na literatura disponível (SANTIAGO & BUSTOS GISBERT, 1999; RAINER, 1999; LÁZARO MORA, 1999; SERRANO-DOLADER, 1999), tendemos à conclusão de que a estrutura mais abundante entre os sufixos da língua espanhola é aquela descrita acima, como exemplificam os sufixos nominais **-ada** ("burrada"), **-ado/-ato** ("profesorado", "patronato"), **-aje** ("salvaje", "hospedaje"), **-azo** ("paletazo"), **-ión** ("moderación"), **-idad/-edad** ("amenidad", "brevedad"), **-ero** ("cenicero"), **-eza** ("agudeza"), **-ido** ("estallido"), **-ismo** ("cubismo"), **-ista** ("artista"), **-itud** ("amplitud") e **-ura** ("altura"); dos sufixos adjetivais **–edor** ("conmovedor"), **-ino** ("cervantino"), **-eño** ("madrileño"), **-esco** ("quijotesco"), **-udo** ("barbudo"), **-ado** ("comprado"), **-ido** ("partido"), **-oso** ("bondadoso"), **-aco** ("polaco"), **-ano** ("riojano"), **-ario** ("bancario"), **-átil** ("bursátil"), **-ego** ("manchego"), **-eno** ("chileno"), **-ense** ("circense"), **-este** ("agreste"), **-ino** ("caprino"), **-isco** ("morisco"); e dos sufixos verbais **–ear** ("besuquear"), **-izar** ("cristalizar"), **-ecer** ("florecer"), entre numerosas outras formas. A esses dados, soma-se a análise de Gonçalves (2006, p.233) para o português, segundo a qual "a grande maioria dos sufixos do português apresenta o mesmo formato da circunscrição negativa [do truncamento]: um dissílabo iniciado por vogal (...)". Por tratar-se de línguas aparentadas, inferimos que essa condição se estenda também ao espanhol, objeto de nosso trabalho.

A partir da seleção das restrições e de seu ordenamento hierárquico, podemos proceder à análise de nossos dados, trabalho ao qual está dedicada a seção seguinte.

5.5. Análise dos dados.

A fim de realizar a análise do material extraído do *corpus*, selecionamos sete dos 25 dados, podendo a análise dos restantes ser conferida no anexo II desta dissertação. Entre as formas escolhidas, temos "trampolín" (< "tramposo" 'mentiroso, enganador'), "mariachi" (< "marido" 'marido'), "zambrano" (< "zambo" 'homem negro'), "caín" (< "caído" 'sem dinheiro'), "[al] toquepala" (< "[al] toque" 'ao instante'), "[dar un] voltarén" (< "dar uma vuelta' 'dar uma volta') e "¿[qué] talco?" (< "¿[qué] tal?" 'como vai?).

Como vimos na subseção 3.3.1, o "floreo" requer uma relação de forma entre uma palavra da língua e outra pré-existente, de modo que, para encontrar candidatos possíveis na língua espanhola para um determinado *input*, tivemos de recorrer ao DRAE (2001). Porém, todas as vezes em que a pesquisa no DRAE rendeu poucos candidatos a *output* para um determinado *input*, optamos por complementar a busca com informações retiradas do Google[81].

Conforme vimos no capítulo II, as avaliações dos candidatos são apresentadas em forma de *tableau*, em que (☜) indica o candidato ótimo, (*) representa uma violação a uma determinada restrição e (*!) indica que um candidato violou fatalmente alguma restrição, sendo por isso eliminado. Quando isso ocorrer, as áreas referentes às restrições seguintes deverão estar hachuradas, pois, uma vez eliminado, as demais restrições não terão qualquer poder de interferir no desempenho daquele candidato.

Quanto à formalização dos candidatos, optamos pela representação gráfica uma vez que o fenômeno não envolve expedientes morfológicos ou prosódicos, à diferença dos casos de metátese. Assim, o negrito servirá para destacar o "radical" (isto é, a sequência inicial que se assemelha ao radical da forma de base) e os pontos delimitarão a fronteira entre "radical" e "sufixo" de cada candidato.

[81] Nessa etapa da pesquisa, recorremos a dois diferentes procedimentos: 1) buscar verbetes no DRAE que contivessem o mesmo radical do *input* ou pelo menos parte dele; 2) na falta de candidatos suficientes, utilizamos ainda palavras disponíveis em páginas selecionadas pelo Google, tais como *blogs*, redes sociais, páginas institucionais, entre outras.

Assim sendo, o primeiro *input* a ser analisado será “tramposo” ‘mentiroso, enganador’, forma para a qual apresentaremos cinco candidatos possíveis, segundo consta no *tableau* abaixo:

Input: **Tramp.**oso	NO-MWd*	MAX√
a)**Tramp.**olín ☜		
b)**Tran.**vía		*!
c)**Tran.**quilo		*!
d)**Tramp.**illa	*!	
e)**Tran.**seúnte		*!

Figura 11: Análise do *input* “tramposo” [82]

No *tableau* em questão, todos os candidatos caracterizam-se por serem palavras morfológicas não-complexas, à exceção do candidato (d), em cuja forma está presente um sufixo com valor de diminutivo (-illa). Trata-se de um substantivo derivado da palavra “trampa” ‘cilada, engano’ que acabou por lexicalizar-se, adquirindo um significado independente[83]. Por conta disso, esse candidato viola a primeira restrição, sendo essa violação considerada fatal, uma vez que os demais candidatos não cometem nenhuma infração.

No que tange à segunda restrição, que determina que a forma vinculada ao radical do *input* esteja maximamente contido em todos os candidatos, marcamos uma violação cada para os candidatos (b), (c) e (e) devido ao fato de nenhum deles apresentar o radical do *input*, tramp-, em sua forma integral. Dessa maneira, emerge como ótimo o candidato (a), uma vez que o candidato (d), apesar de não haver cometido nenhuma violação para MAX√, já havia sido eliminado por conta de NO-MWd*, restrição mais relevante na escala hierárquica.

Passemos, agora, à análise do *input* “[al] toque” ‘ao instante’, para o qual selecionamos também cinco candidatos, conforme pode ser observado no *tableau* que segue:

[82] “Trampolín” (‘trampolim’), “Tranvía” (‘bonde’), “Tranquilo” (‘tranquilo’), “Trampilla” (‘espécie de porta’), “Transeúnte” (‘Transeúnte’).
[83] “Trampilla”: espécie de porta presente no chão de um cômodo superior de uma casa, cuja finalidade é comunicá-lo com a parte inferior (DRAE, 2011).

Input: **Toqu.**e	NO-MWd*	MAX√
a) **Toqu.**epala ☜		
b)**Toc.**adisco	*!	
c)**Toqu.**etazo	*!	
d)**Toqu.**eteo	*!	
e)**To.**bogán		*!

Figura 12: Análise do *input* "toque"[84]

Nesse *tableau*, observamos uma situação inversa à anterior, já que a primeira restrição é violada fatalmente por três dos cinco candidatos, uma vez que todos representam formas morfologicamente complexas: enquanto o candidato (b) é uma palavra composta ("tocar" + "disco" = "tocadisco"), os candidatos (c) e (d) são formas derivadas da palavra "toque" ("toque" > "toquet**azo"**; "toque" > "toquet**ear"** > "toquet**eo"**). Na segunda restrição, somente o candidato (e) comete uma violação devido ao fato de não apresentar o radical do *input* em sua forma integral. Nesse sentido, emerge como *output* o candidato (a), pois além de não ser uma palavra morfologicamente complexa ("Toquepala" é um antropônimo), carrega o radical do *input* em sua totalidade.

O *input* a ser analisado agora, como veremos no *tableau* que segue, difere dos anteriores por tratar-se de uma forma atemática, devendo toda a palavra ser interpretada como radical:

Input: **Tal**	NO-MWd*	MAX√
a)**Tal.**co ☜		
b)**Ta.**cho		*!
c)**Tal.**onero	*!	
d)**Ta.**lla		*!
e)**Ta.**mal		*!

Figura 13: Análise do *input* "tal" [85]

[84] "Toquepala" (antropônimo), "Tocadisco" ('toca-discos'), "Toquetazo" ('toque forte'), "toqueteo" ('tocar repetidamente algo ou alguém'), "Tobogán" ('tobogã').

[85] "Talco" ('talco'), "Tacho" ('recipiente'), "Talonero" ('atendente de albergue'), "Talla" ('tamanho, medida'), "Tamal" ('espécie de pamonha de milho').

Como a primeira restrição impõe que o *output* seja uma palavra monomorfêmica, devemos marcar uma violação para o candidato (c), pois tratar-se de uma palavra derivada (”talón” ‘tipo de albergue’ > “talon**ero**” ‘atendente de albergue’). Por conta disso, esse candidato viola a primeira restrição, sendo essa violação considerada fatal, uma vez que os demais candidatos não cometem nenhuma infração.

Já na segunda restrição, que determina que o radical do *input* esteja maximamente contido em todos os candidatos, marcamos uma violação cada para os candidatos (b), (d) e (e) devido ao fato de nenhum deles apresentar o radical do *input* em sua forma integral. Dessa forma, emerge como forma ótima o candidato (a).

Seguimos, agora, com a análise do *input* “vuelta” ‘volta’, conforme consta no *tableau* abaixo:

Input: **Vuelt**.a	NO-MWd*	MAX√	SUFFIX≈ V(C).(C)V(C)
a)**Volt**.arén ☜			
b)**Volt**.aje	*!		
c)**Volt**.io			*!
d)**Vue**.lo		*!	*
e)**Volt**.ímetro	*!		*

Figura 14: Análise do *input* “vuelta” [86]

Dos cinco candidatos selecionados, violam fatalmente a primeira restrição as formas (b) e (e) por ser a primeira uma palavra derivada (“voltio” ‘volt’ > “volt**aje”** ‘voltagem’) e a segunda, por ser uma palavra composta (“voltio” + “metro” = “voltímetro”). À restrição MAX√, comete uma violação somente o candidato (d), uma vez que ele não apresenta o radical do *input* em sua totalidade.

Como essa segunda restrição não foi capaz de definir o resultado da otimidade, tivemos de incluir na análise a restrição SUFFIX≈V(C).(C)V(C), a qual avalia se o material acrescentado ao radical do *input* equivale estruturalmente a um sufixo prototípico da língua espanhola (dissilábico e iniciado por vogal). A essa restrição, observamos que os candidatos (c), (d) e (e) cometem uma violação cada por não apresentarem terminações condizentes com essa estrutura, porém, como os candidatos

[86] “Voltarén” (‘medicamento’), Voltaje (‘voltagem’), “Voltio” (‘volt’), “Vuelo” (‘voo’), “Voltímetro” (‘voltímetro’).

(d) e (e) haviam sido já eliminados por conta de restrições anteriores, emerge como forma ótima aquela representada pelo candidato (a).

Já o caso a seguir é bastante interessante na medida em que a forma ótima consegue emergir mesmo violando uma restrição mais alta na escala hierárquica:

Input: **Marid.**o	NO-MWd*	MAX√	SUFFIX≈ V(C).(C)V(C)
a)**Mari**.achi ☜		*	
b)**Mari**.nero	*!	*	*
c)**Mari**.ano	*!	*	
d)**Mari**.huana		*	*!
e)**Marid**.aje	*!		

Figura 15: Análise do *input* "marido" [87]

No *tableau* em questão, a primeira restrição determina a eliminação de três dos cinco candidatos devido ao fato de todos serem formas derivadas ("marina" 'marinha' > "marinero" 'marinheiro'; "María" > "mariano" 'relativo a Maria'; "marido" 'marido' > "maridaje" 'casamento'). Já à restrição seguinte, cometem uma violação cada os candidatos (a), (b), (c) e (d) por não apresentarem formalmente o radical do *input* em sua estrutura. Uma vez que os candidatos (b) e (c) já haviam sido eliminados pela restrição anterior, MAX√ não tem o poder de exercer qualquer influência sobre eles, de modo que a "disputa" continua entre os candidatos (a) e (d).

Uma vez que a restrição em questão não é capaz de fazer emergir o candidato ótimo, recorremos a SUFFIX≈V(C).(C)V(C) de modo a testar a otimidade de cada um deles. A essa restrição, cometem uma infração cada os candidatos (b) e (d), sendo essa violação determinante para a eliminação de (d). Dessa forma, emerge como *output* o candidato (a).

O penúltimo *input* a ser analisado é a palavra "caído" 'sem dinheiro', para a qual apresentamos os seguintes candidatos:

[87] "Mariachi" ('tradicionais músicos mexicanos'), "Marinero" ('marinheiro'), "Mariano" ('relativo a Maria'), "Marihuana" ('maconha'), "Maridaje" ('casamento').

Input: **Ca.**ído	NO-MWd*	MAX√	SUFFIX≈ V(C).(C)V(C)	*COMPLEX
a)**Ca**.ín ☜			*	
b)**Ca.**llao			*	*!
c)**C.**rayola		*!	*	*
d)**Ca.**dente	*!		*	
e)**C.**ráter		*!	*	*

Figura 16: Análise do *input* "caído" [88]

A primeira restrição determina a eliminação do candidato (d), uma vez que a palavra "cadente" 'cadente' é uma forma derivada do verbo "caer" 'cair', sendo, portanto, bimorfêmica. Em seguida, tanto o candidato (c) quanto o (e) cometem uma violação cada a MAX√ por não respeitarem a forma do radical do *input*, sendo essa violação considerada fatal para ambos.

Já no caso da restrição SUFFIX≈V(C).(C)V(C), todos os candidatos (tanto os remanescentes quanto os anteriormente eliminados) comentem uma violação cada por não apresentarem uma terminação com o formato de um sufixo prototípico, de modo que será preciso uma nova restrição capaz de fazer emergir o candidato ótimo. Essa restrição é *COMPLEX, segundo a qual o *output* não pode apresentar sílabas complexas, isto é, que contenham constituintes ramificados. De acordo com essa restrição, comete uma violação fatal o candidato (b) devido ao fato de sua última sílaba possuir núcleo ramificado ("Ca.ll**ao**"[89]), o que não sucede na forma ótima "Caín", representada pelo candidato (a).

Antes de encerrarmos o presente capítulo, apresentamos a análise de um caso bastante peculiar. Diferentemente do que vimos nos exemplos anteriores, foram encontrados no *corpus* dois *outputs* diferentes ("zambrano" e "zamborja") para um mesmo *input* ("zambo" 'homem negro'). O primeiro é facilmente explicado por meio da análise otimalista aqui realizada, enquanto o segundo parece diretamente ligado a questões semânticas, o que não é nosso foco neste trabalho.

[88] "Caín" (antropônimo), "Callao" (cidade vizinha a Lima), "Crayola" ('giz de cera'), "Cadente" ('cadente'), "Cráter" ('cratera').
[89] Pronuncia-se [ka**ǰɑ´u̯**], isto é, trata-se de uma palavra que contém ditongo decrescente.

Input: **Zamb.**o	NO-MWd*	MAX√
a)**Zamb.**rano☜		
b)**Zamb.**orja	*!	
c)**Zán.**gano		*!
d)**Zamb.**uco	*!	
e)**Zam.**poña		*!

Figura 17: Análise do *input* "zambo"[90]

No *tableau* acima, violam fatalmente a primeira restrição os candidatos (b) e (d): o primeiro por ser uma palavra composta e, portanto, morfologicamente complexa ("Zamborja" = justaposição do topônimo "San Borja", distrito de Lima) e o segundo, por tratar-se de uma palavra derivada ("zambuco" = ação de "zambucar" 'roubar no jogo'). Já a segunda restrição determina a eliminação dos candidatos (c) e (e) devido ao fato de nenhum dos dois apresentar o radical do *input* em sua totalidade. Assim sendo, emerge como forma ótima o candidato representado pela letra (a)[91].

Observe-se que o candidato (b), apesar de difundido entre os usuários de "jeringa", não se apresenta como resultado da otimização, uma vez que viola a restrição mais alta da hierarquia. Apesar disso, tem sido aceito por esse grupo de falantes como *output* para a forma "zambo" 'negro', haja vista sua aparição no *corpus*. A explicação para isso esteja talvez no fato de o "floreo" lidar não apenas com demandas de caráter formal, mas também de caráter semântico (como vimos acima, "San Borja" é um distrito da capital peruana). Embora não saibamos precisar o peso de fatores semânticos na "escolha" dos falantes, podemos afirmar que questões morfológicas exercem profunda influência no fenômeno do "floreo", a julgar pelos casos acima analisados.

5.6. Conclusão.

No início deste capítulo, tratamos de delimitar o conceito de "floreo" com base naquilo que ele não é, uma vez que não há nenhum estudo aprofundado sobre o tema, ao contrário da metátese, que é um fenômeno comparativamente mais divulgado entre os

[90] "Zambrano" (antropônimo), "Zamborja" (distrito de Lima), "Zángano" ('macho da abelha'), "Zambuco" ('trapaça no jogo'), "Zampoña" ('instrumento musical semelhante à flauta).
[91] A forma "zambrano" aparece em Carrión (1978) como "floreo" de "zambo", o que demonstra sua vitalidade entre os falantes.

linguistas. Vimos também que as denominações utilizadas por alguns autores não correspondem ao que efetivamente ocorre no “floreo”.

Na seção seguinte, observamos que o “floreo” não é um fenômeno particular da “jeringa”, podendo aparecer em *argots* oriundos de outros países hispano-falantes. Ainda nessa seção, vimos também que o “floreo” possui as seguintes características: 1) grande parte das formas resultantes corresponde a nomes próprios, que podem ser antropônimos, topônimos ou oniônimos; 2) o material acrescentado à base tem forma equivalente a de um sufixo; 3) por tratar-se de um fenômeno de mascaramento lexical, a forma mais difundida poderia perfeitamente coexistir com outras de estrutura semelhante. No caso do *input* “Lima” ‘capital peruana’, por exemplo, emerge como forma ótima o candidato “Limonta” ‘cidade localizada em Veracruz, México’, mas não há nada que impeça o emprego da palavra “limosna” ‘esmola’ em vez de “Limonta”, visto que as duas apresentam estrutura muito similar (radical do *input* contido integralmente no *output* e terminação com estrutura semelhante a de um sufixo prototípico).

Ainda nessa seção, falamos sobre alguns problemas enfrentados durante a seleção dos dados, o que ocorreu por duas razões: primeiro, devido à dificuldade de identificar se uma dada terminação era um sufixo ativo na língua espanhola e segundo, pelo fato de o produto do “floreo” equivaler geralmente a nomes próprios, os quais não se encontram dicionarizados. Durante essa seção, aproveitamos para descartar alguns dados por acreditar que eles não se enquadram nos parâmetros do “floreo”.

Na quarta seção, tratamos de, com base nos dados coletados do *corpus*, construir uma hierarquia de restrições que desse conta de explicar por que determinada forma de “floreo” tende a emergir entre os falantes em detrimento de outras aparentemente possíveis.

Na quinta seção deste capítulo, realizamos a análise de sete das 25 formas encontradas no *corpus* sob uma perspectiva otimalista, estabelecendo para isso um *tableau* em que apareciam cinco candidatos possíveis na língua para o *input* selecionado. O objetivo da análise, como visto acima, foi demonstrar, por meio de restrições rigidamente ranqueadas, qual dessas formas conseguia prevalecer, assumindo assim o papel de *output*. Somente no caso do *output* “zamborja” (< “zambo” ‘homem negro’) não conseguimos fazê-lo emergir através de uma análise otimalista, o que

parece dever-se a questões de ordem mais semântica e menos morfológica, diferentemente do que observamos para os demais dados.

Capítulo 6
Considerações Finais

Nesta dissertação, buscou-se analisar dois processos de formação de palavras empregados na gíria juvenil do Peru até então considerado "extraños y insólitos" pelas análises tradicionais (BENDEZÚ, 1977; CARRIÓN, 1978; RAMÍREZ, 1996; GÁLVEZ, 2002). Com base no instrumental teórico otimalista, segundo o qual nenhuma forma na língua pode ser considerada agramatical por violar determinada(s) restrição(ões), realizamos a análise de um total 39 dados, sendo 14 deles casos de metátese e 25 casos de "floreo verbal".

Para isso, selecionamos as restrições pertinentes a cada fenômeno com base nos próprios dados e, em seguida, escolhemos algumas formas possíveis na língua a fim de observar qual delas emergiria ao final do processo. Com exceção do candidato "zamborja" < "zambo" 'homem negro' (onde, além de questões formais, há também aspectos semânticos envolvidos), todas as demais formas emergentes coincindiram com aquelas encontradas no *corpus*, o que demonstra a grande eficiência da TO na análise de processos não-lineares de formação de palavras.

Isso se dá pelo fato de a TO, como vimos anteriormente, lidar de maneira paralela com demandas de diferentes níveis (morfológico e prosódico, por exemplo), não levadas em conta nas análises baseadas em RFPs (regras de formação de palavras). Através de restrições universais elencadas hierarquicamente, a avaliação dos candidatos é feita levando em conta todo o conjunto de candidatos e toda a hierarquia de restrições a um só tempo, sem qualquer serialismo.

No capítulo 4, dedicado à análise das formas contendo metátese, concluímos que existem dois padrões na "jeringa" (dissilábico e trissilábico), cada qual submetido a uma hierarquia específica de restrições. Apesar de uma pequena diferença estrutural, ambos os padrões se assemelham quanto à acentuação paroxítona, pela presença de apenas um pé métrico e por apresentarem transposição de sílabas ou segmentos em seu interior.

Para o padrão dissilábico, definiu-se o *ranking* de restrições **RhTYPE=Ts, UNIQ >> LIN >> ONSET**, o qual permitiu a seleção de formas ótimas trocaicas (silábicas), não-homófonas e com alteração mínima na ordem linear dos segmentos, tal como "mérfi" (< "fírme" 'de fato, de verdade') e "lléca" (< "cálle" 'rua'). Já para o

padrão trissilábico, definiu-se o *ranking* de restrições **RhTYPE=Ts >> *COMPLEX$_{ONSET}$] $_{MWd}$ >> CONTIG σ >> LIN,** responsável pela seleção de formas ótimas trocaicas (silábicas) e com no máximo uma violação à contiguidade entre sílabas, tal como "doríma" (< "marído" 'marido') e "chopróve" (< "provecho" 'proveito').

Já no capítulo 5, que se ocupou da análise dos casos de "floreo verbal", definimos a seguinte hierarquia de restrições: **NO–MWd* >> MAX√ >>SUFFIX≈V(C).(C)V(C) >> *COMPLEX.** De acordo com esse *ranking*, deveriam emergir candidatos monomorfêmicos, cuja raiz coincidisse maximamente com a raiz do *input* e cuja terminação correspondesse a um sufixo prototípico da língua espanhola (dissilábico e iniciado por vogal), a exemplo de "celofán" (< "celoso" 'ciumento') e "Limonta" (< "Lima" 'capital peruana').

De acordo com as análises realizadas nesses dois capítulos, com base nas ferramentas da otimalidade, observa-se que cada um desses fenômenos não são tão imprevisíveis quanto aparentam, pois é possível verificarmos as seguintes regularidades:

a) na metátese, todas as formas resultantes devem ser formadas por um único pé do tipo trocaico (silábico), de forma a respeitar o padrão rítmico mais frequente na língua espanhola. Inclusive quando estivermos diante de *inputs* iâmbicos, a sílaba proeminente na palavra oriunda será sempre a da direita (Ex. "café" 'café' > "féca"). Outra especificidade do fenômeno é a existência de um limite com relação à reordenação de seus segmentos ou sílabas (no máximo duas infrações à restrição de linearidade), uma vez que reordenamentos drásticos tornariam a palavra irreconhecível para o falante/ouvinte, prejudicando sua identificação e, consequentemente, sua aceitação na língua (Ex. para o *input* "fuerza" 'força', o candidato "záfuer" é preferido em vez de "séfuar" por apresentar apenas uma violação a LIN, frente a três violações do outro candidato).

b) no "floreo verbal", o candidato a emergir será sempre uma palavra monomorfêmica, o que demonstra a especificidade do fenômeno. Caso a forma ótima fosse uma palavra derivada (Ex.: "ropa" 'roupa' > "ropero" 'guarda-roupa') ou composta (Ex.: "francamente" 'francamente' > "francotirador" 'franco-atirador'), teríamos processos de formação de palavras canônicos, e não casos de "floreo verbal". Outra regularidade do fenômeno é que o radical da forma resultante deverá sempre

coincindir com o radical da palavra original (Ex. “pata” ‘amigo’ > patín ‘patins’), a menos que a obediência a essa restrição implique uma infração a NO-MWd*, restrição mais alta na hierarquia (Ex.: para o *input* “barrio” ‘bairro’, o candidato “barrunto” ‘pressentimento’ é preferido em relação ao candidato “barriada” ‘favela’ pelo fato de este segundo ser uma palavra derivada de “barrio”).

Dessa forma, concluímos que, diferentemente do que supunham os autores supracitados, ambos os processos apresentam sim certas regularidades, sendo, portanto, passíveis de análise. Se os estudos anteriores não obtiveram êxito nessa tarefa, é porque enfocaram mais a forma original das palavras e menos o produto dessas operações, diferentemente do que propõe a otimalidade, cujo foco está na fala concreta. Exemplo disso é a dificuldade de compreender que “falsa sufixação” e “floreo verbal” representam fenômenos diferentes, uma vez que, no primeiro caso, as terminações acrescidas às palavras são completamente aleatórias, já no segundo caso essas terminações se unem à palavra original buscando estabelecer uma homonímia com algum termo da língua corrente.

Diante do exposto neste capítulo e ao longo de toda esta dissertação, concluímos que nosso trabalho cumpre com o objetivo inicialmente proposto, que era o de testar o poder explicativo da Teoria da Otimalidade na análise dos processos de metátese e, sobretudo, de “floreo verbal”. Além de sua eficiência na análise dos dados encontrados no *corpus*, acreditamos que as hierarquias de restrições aqui definidas consigam dar conta também de outras palavras da “jeringa” não disponíveis naquele material, dada a regularidade dos processos citados.

Em suma, esperamos haver contribuído não somente para o incremento dos estudos na área da otimalidade (o que foi possível devido à abordagem de fenômenos pouco ou nada comentados na literatura), mas também para as pesquisas envolvendo o *argot* em toda a sua multiplicidade. Ao optarmos trabalhar com a “jeringa”, socioleto bastante rico quanto ao uso de recursos linguísticos de diferentes naturezas, pudemos demonstrar que toda a criatividade empregada na formação de palavras pelos jovens não é aleatória e irregular, mas submete-se a padrões bem estabelecidos pela língua dentro da qual se origina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAD, F. *Diccionario de Linguística de la Escuela Española*. Madrid: Gredos, 1986

ADERALDO, A. C. A. "Nem te conto...": da configuração textual da fofoca como gênero na imprensa escrita brasileira. Dissertação de Mestrado, Minas Gerais: PUC, 2004.

ALCOCER M., A. El sociolecto de los escolares limeños. *Lexis - Revista de Linguistica y Literatura*. Dep. de Humanidades de la PUC-Perú, Vol XXV, Nº 1 y 2, pp 15-31, 2001

ALEMANY B., J. *Tratado de la formación de palabras en la lengua castellana, la derivación y la composición, estudio de los sufijos y prefijos empleados en una y otra*. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, Preciados, nº 48, 1930. Disponível em http://www.archive.org/stream/tratadodelaforma00alemuoft/tratadodelaforma00alemuoft_djvu.txt (Acesso em 16/10/2011).

ALPOSTA, L. *Mosaicos Porteños*. Bs. As.: Marcelo Hector Oliveri, 2005, 1ª ed.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso: problemática e definição. In: _____. *Estética da criação verbal.* 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p.280-288.

BAT-EL, O. Stem Modification and Cluster Transfer in Modern Hebrew. Ms. Tel-Aviv University, 1992

_____. Phonology and Word Structure in Modern Hebrew. PhD dissertation. UCLA, 1989

BASÍLIO, M. *Teoria lexical*. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2004.

BELCHOR, A. P. V. Construções de truncamento no português do Brasil: análise estrutural à luz da Teoria da Otimalidade. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: UFRJ, 2009

BENDEZÚ N., G. *Argot limeño o jerga criolla del Perú*. Lima: Editorial Universo, 1977

BISOL, L. Mattoso Câmara Jr. e a palavra prosódica. *DELTA*, 20: Especial, 2004 (59-70).

BONILLA A., J. *La jerga del hampa*. Lima: Editorial Nuevos Rumbos, 1958, 2ª ed.

BOSQUE, I., DEMONTE, V. (dirs.), *Gramática descriptiva de la lengua española*, Madrid, Espasa-Calpe, 1999, vol. 3.

BRIZ, A. *El español coloquial: situación y uso*, Madrid, Arco/Libros, 1996.

BUTSKHRIKIDZE, M., VAN DE WEIJER, J. On v-metathesis in Modern Georgian. In: HUME, E., SMITH, N., VAN DE WEIJER, J. (eds.), *Surface Syllable Structure and Segment Sequencing*. Leiden, NL: HIL Occasional Papers, 2001.

CABELLO, A. R. G. Linguagens especiais: realidade lingüística operante. *Revista UNILETRAS*, nº 24, pp. 167-182, UEPG, dez/2002

CAGLIARI, L. C. *Análise Fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado das Letras, 2002

CALVET, J. L. *L'argot*. Paris: PUF (Que sais-je? n° 700)

CARRILLO H., G. Un sufijo diminutivo: "-oco, -oca". *Lengua, literatura, folklore. Estudios dedicados a Rodolfo Oroz*, Santiago de Chile: Universidad de Chile, 1967

CARRIÓN O., E. La jerga de los malhechores peruanos. *Linguística y educación: actas del IV Congreso Internacional de la ALFAL*. Lima (6-10 enero de 1975), pp. 268-279, 1978

CASADO V., M. Otros procesos morfológicos: acortamientos, formación de siglas y acrónimos, In: BOSQUE, I., DEMONTE, V. (dirs.), *Gramática descriptiva de la lengua española*, Madrid, Espasa-Calpe, pp. 5075-5096, 1999, vol. 3.

CASALI, C. Gêneros, subgêneros e formatos da mídia impressa revista no Brasil. In: *XI Colóquio Internacional sobre a Escola Latino Americana de Comunicação*, 2007, Pelotas/RS. CELACOM 2007, 2007. v.1. Disponivel em: http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/1/11/GT4-_04-_Generos_subgeneros_e_formatos_da_midia-_Caroline.pdf (Acesso em 15/12/2011)

CASTAÑEDA, L. El Parlache: resultados de una investigación lexicográfica. *Forma y Función*, nº18, Universidad Nacional de Colombia, pp. 74-101, jan-dez 2005

CEIA, C. Amplificação. In: _____. *E-dicionário de termos literários*. Disponível em http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=547&Itemid=2 (Acesso em 18/01/2012)

COSERIU, E. *Lições de Linguística Geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980

COSTA, J. *Gramática, conflitos e violações: introdução à teoria da Optimidade*. Lisboa: Editorial Caminho, 2001

COUTINHO, I. L. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976

CRYSTAL, D. *Dicionário de Linguística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988

DAVIDSON, J. O. A Contrastive Study of the Grammatical Structures of Aymara and Cuzco Kechua. Ph.D. dissertation. University of California, Berkeley, 1997

DOR, D. Deriving the verbal paradigm of Modern Hebrew: A constraint-based approach. Ms. Stanford University, Stanford, California, 1993.

DRAE: *Diccionario de la Lengua Española*, Vigésima segunda edición, ed. *on-line*. Disponível em http://www.rae.es/rae.html.

DUBOIS, J. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1994, 16ª ed.

ESCOBAR, A. Cambios en la sociedad y el habla "limeña". *En pocas palabras: ensayos de lengua, estilo y cultura*. Lima: IEP, 1996

FLEMMING, E. Laryngeal metathesis and deletion in Cherokee. *UCLA Working Papers in Linguistics 16: Cherokee Papers from UCLA*, ed. by Pamela Munro, p. 23-44, 1996

FOLEY G., E. *Léxico del Perú: diccionario de peruanismos, replana criolla, jerga del hampa, regionalismos y provincialismos del Perú*. Lima, 1983

FOLEY, L. Phonological Variation in Western Cherokee. In: *Outstanding Dissertations in Linguistics*. Garland Publishing: New York & London, 1980

GÁLVEZ G. I. J. *Lenguaje jergal*. Lima: Hipocampo Editores, 2002

GÁLVEZ G. I. J., ROCHA M., R. Léxico jergal de los cambistas de dólares en Lima. *Actas del Congreso Internacional de Lexicologia y Lexicografia Miguel Angel Ugarte Chamorro*, Academia Peruana de la Lengua, USMP y PUCP. Lima, 19-21 de abril del 2006, pp. 363-396

GARGUREVICH, J. *La prensa sensacionalista en el Perú*. Lima: Fondo Editorial de la Universidad Católica del Perú, 2002.

GOBELLO, J., PAYET, L. *Breve diccionario lunfardo*. Bs. As.: A. Peña Lillo ed., 1959

GONÇALVES, C. A. V. Usos morfológicos: os processos marginais de formação de palavras em português. *Revista Gragoatá* (UFF), v. 21, p. 219-242, 2006.

_____. Processos Morfológicos Não-Concatenativos no português do Brasil: tipos e funções. [versão revista e ampliada da Comunicação "Processos de redução vocabular: tipos e funções", apresentada na *XVII Jornada de Estudos Linguísticos do GELNE*, que se realizou em Recife (Instituto de Letras da UFPE) em setembro de 1999]

GONÇALVES, C. A. V. *et al*. (Orgs.). *Otimalidade em foco: morfologia e fonologia do português*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Publit, 2009

GONÇALVES, C. A. V.; ANDRADE, K. E.; ALMEIDA, M. L. L. Se a macumba é para o bem, então é boacumba: análise morfoprosódica e semântico-cognitiva da substituição sublexical em português. *Linguística* (Rio de Janeiro), v. 6, p. 64-82, 2010. Disponível em

http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica/index.php/category/linguistica-cognitiva/ (Acesso em 18/01/2012)

GONÇALVES, C. A. V.; ANDRADE, K. E.; RONDININI, R. B. Glossário comentado de restrições. In*:* GONÇALVES, C. A. V. *et al*. (Orgs.). *Otimalidade em foco: morfologia e fonologia do português*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Publit, 2009, p. 229-250.

GONÇALVES, C. A. V.; PIZA, M. T. Pequena introdução à teoria da otimalidade. In*:* GONÇALVES, C. A. *et al*. (Orgs.). *Otimalidade em foco: morfologia e fonologia do português*. 1 ed. Rio de Janeiro: Publit, 2009, p. 11-44.

HERZALLAH, R. Syncope and epenthesis in Palestinian Arabic: an instance of dericational constraint violation. Ms. Cornell University, Ithaca, New York, 1987.

HEVIA, J. *¡Habla, jugador! Gajes y oficios de la jerga peruana*. Lima: Ed. Taurus, 2008

HEWITT, B. G. *Georgian: a Structural Reference Grammar*. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam/Philadelphia, 1995.

HORA, D.; TELLES, S.; MONARETTO, V. N. O. Português brasileiro: uma língua de metátese? *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 178-196, setembro 2007

HOUAISS, A., VILLAR, M., FRANCO, F. (orgs). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, 1ª ed.

HUME, E. Metathesis: formal and functional considerations. In: HUME, E; SMITH, N.; VAN DE WEIJER, J. *Surface Syllable Structure and Segment Sequencing*. Leiden: HIL. 2001, p. 1-25.

_____. *Consonant Clusters and Articulatory Timing in Dεg.* ms. Ohio State University, 1997.

INEI: Instituto Nacional de Estatística e Informática del Perú. Migraciones internas en el Perú. Lima, INEI-UNFPA, 1995. Disponível em http://www1.inei.gob.pe/biblioinei.asp (Acesso em 28/10/2008)

KENEDY, E. Gerativismo. In: MARTELOTTA, M. E. T. (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1.

LARCO D., F. *Diccionario de la jeringa peruana*. Lima: Publicidad Causa, 2000

LÁZARO MORA, F. A. La derivación apreciativa. 1999 In: BOSQUE, I., DEMONTE, V. (dirs.), *Gramática descriptiva de la lengua española*, Madrid, Espasa-Calpe, pp. 4645-4682, 1999, vol. 3.

LEFKOWITZ, N. "Verlan": Talking Backwards in French. *The French Review*, Vol. 63, Nº. 2, pp. 312-322, December 1989. Disponível em http://www.jstor.org/stable/394763 (Acesso em 16/10/2011)

LEYVA A., C. A. *El cantante peruano Chacalón: música "chicha", mito e identidad popular*. Lima: Ed. Abya Yala, 2005

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In : *Gêneros Textuais & Ensino*. DIONÍSIO, A. P., MACHADO, A. N., BEZERRA, M. A. (orgs). Rio de Janeiro : Lucerna, 2002, pp. 19-36

_____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2004.

MARTIN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia***.** RJ: Ed. UFRJ, 2003, 2ª edição

MARTINS, M. D. *Síntesis de fonética y fonología del español para estudiantes brasileños.* São Paulo: UNIBERO/CenaUn, 2000.

MATOS M., J. *Desborde popular y crisis del Estado. Veinte años después*. Lima, Congreso del Perú, 2004

McCARTHY, J. J.; PRINCE, A. S. Faithfulness and reduplicative e identity. In: BECKMAN, J., DICKEY, L., URBANCZYK S. (Org.). University of Massachusetts, *Occasional Papers in Linguistics 18: Papers in Optimality Theory*. Amherst: GLSA, 1995. p.333-379.

MENDOZA, A.; GÁLVEZ, J. Latín y jerga: procesos paralelos. *Revista Fabla*. Lima: UNMSM. Instituto de Investigaciones Lingüísticas (INVEL), año 3, nº 3, pp. 129-154, 2005

OLIVEIRA, M. Jornal *Popular x Jornal Tradicional: Análise léxico-gramatical da notícia a partir da Linguística de Corpus*: *Um estudo de casos dos jornais cariocas "O Globo" e "O Dia"*, s/d. Disponível em http://www.mraro.com.br/Artigo_Marcia_Oliveira.pdf (Acesso em 16/11/2011)

OSTBY, K. A. Phonologie du "verlan" et théorie de l'optimalité. Thesis. University of Oslo, 2002. Disponível em http://www.duo.uio.no/sok/work.html?WORKID=6624&lang=en. (Acesso em 17/10/2011)

PETERS, N. C'est pas blesipo: Variations of "verlan". Senior Linguistics Thesis, Swarthmore College, December, 2006. Disponível em http://www.swarthmore.edu/SocSci/Linguistics/Papers/2007/peters_nathaniel.pdf (Acesso em 07/10/2011)

PINO, L. *Jerga criolla y peruanismos*. Lima, 1968

PIÑEROS, C. E. Head dependence in Jerigonza, a Spanish language game. In: GUTIERREZ-REXACH, J., MARTINEZ-GIL, F. (Eds). *Advances in Hispanic Linguistics: Papers from the Hispanic Linguistics Symposium*. (2nd, Columbus, OH, October 9-11, 1998). pp. 265-277, Vol 1. 1999.

PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. *Optimality Theory: constraints interaction in generative grammar*. Boulder: University of Colorado/ Rutgers University, 1993

QUISPE L., A. *La cultura chicha en el Perú*. 31 set. 2000. Disponível em http://interculturalidad.org/numero01/c/arti/c_chi_010404.htm (Acesso em 16/03/2009)

RAINER, F. La derivación adjetival. In: BOSQUE, I., DEMONTE, V. (dirs.), *Gramática descriptiva de la lengua española*, Madrid, Espasa-Calpe, pp. 4595-4682, 1999, vol. 3.

RAMÍREZ, L. H. *Estructura y funcionamiento del lenguaje*. Lima: Derrama Magisterial, 1996

RECTOR, M. *A fala dos jovens*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994

REYNOSO, O. *El escarabajo y el hombre*. Lima: Editorial San Marcos, 1970

SABOUNDJIAN, M. O. La asignación del acento em castellano. Tesis doctoral. Universidad Autónoma de Barcelona, 2004

SACEDA U., M. Adquisición Prosódica en Español Peninsular Septentrional: la Sílaba y la Palabra Prosódica. Tesis doctoral. Universidad Autónoma de Barcelona, 2005

SAN MARTÍN N., A. Voces de origen lunfardo en el registro festivo del diario chileno La Cuarta. *ONOMÁZEIN 23*, pp.105-147, 1/2011

SANTIAGO L., R.; BUSTOS GILBERT, E. La derivación nominal. In: BOSQUE, I., DEMONTE, V. (dirs.), *Gramática descriptiva de la lengua española*, Madrid, Espasa-Calpe, pp. 4505-4682, 1999, vol. 3

SCAVNICKY, G. Los "sufijos" no españoles y las innovaciones sufijales em el español centroamericano. *THESAURUS* (Revista do Instituto Caro y Cuervo de Colombia). Tomo XXXIX. nº 1, pp. 68-117, 1974. Disponível em http://cvc.cervantes.es/lengua/thesaurus/boletines/1974.htm. (Acesso em 15/12/2011)

SEO, M; HUME, E. *A Comparative OT Account of Metathesis in Faroese and Lithuanian*. In: HUME, E.; SMITH, N.; VAN DE WEIJER, J., 2001. (Paper also presented at the Scandinavian Conference on Linguistics, Lund, Sweden, May 2000.)

SERRANO-DOLADER, D. La derivación verbal y la parasíntesis. In: BOSQUE, I., DEMONTE, V. (dirs.), *Gramática descriptiva de la lengua española*, Madrid, Espasa-Calpe, pp. 4683-4755, 1999, vol. 3

SILVA, P. F. A coluna social como gênero de fofoca. Tese de Doutorado. Brasília: UNB, 2010

TERUGGI, M. E. *Panorama del lunfardo: Génesis y Esencia de las Hablas Coloquiales Urbanas*, Bs.As.: Ediciones Cabargón, 1974

VAGO, R. M. *The Sound Pattern of Hungarian*. Georgetown University Press: Washington, D. C., 1980

VAN MOURIK, L. El status del lunfardo: el avance de un *argot*. Monografia do curso de Bacharelado em Língua Espanhola e Cultura. Barcelona: Universiteit Utrecht, 2011

VÁZQUEZ, R. P. A criação lexical via truncamento: uma análise do fenômeno no espanhol. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008

VICUÑA C., J. *Coa: jerga de los delincuentes chilenos: estudio y vocabulario*. Santiago: Impr. Universitaria, 1910

VILA RUBIO, N.; CASTAÑEDA, L. S. Hacia un diccionario de parlache: estudio lexicográfico de un *argot* colombiano. *Quaderni del CIRSIL* – 5, pp. 121-134, 2006

WIESER, H. P. A produção discursiva da moral no gênero fofoca: elementos para uma descrição micro e macrossocial da conversação cotidiana. Tese de Doutorado. Ceará: UFC, 2009

YOSHIDA, S. Licensing of empty nuclei: The case of Palestinian vowel harmony. *The Linguistic Review 10*. p. 127-159, 1993

APÊNDICE I: *Tableaux* não apresentados no corpo da dissertação (casos de metátese)

Input: /fírme/ 12345	RhTYPE=Ts	UNIQ
a)[(**m ę´r**.fi)] ☜ 45312		
b)[(**mé**.fir)] 45123		*!
c)[(me.**fír**)] 45123	*!	*
d)[(**mé**.fi)] 4512		!*

Input: /tʃólo/ 1234	RhTYPE=Ts	UNIQ	LIN
a)[(**lǫ´r**.tʃo)] ☜ 34512			* 2-3
b)[(lo.**tʃó**)] 3412	*!	*	* 2-3
c)[(**ló**.tʃo)] 3412		*!	* 2-3
d)[(**ǫ´ʎ**.tʃo)] 4312			**! 2-3; 3-4

Input: /xéNte/ 12345	RhTYPE=Ts	UNIQ	LIN
a)[(**té**.hen)] ☜ 45123		*	* 3-4
b)[(te.**hén**)] 45123	*	*!	* 3-4
c)[(**téŋ**.he)] 45312		*	**! 2-3;3-4
d)[(**té**.he)] 4512		*	**! 2-3;3-4

Input: /fláko/ 12345	RhTYPE=Ts	UNIQ	LIN
a)[(**kó**.fla)] ☜ 45123			* 3-4
b)[(**ká**.flo)] 43125			**!* 2-3; 3-4; 4-5
c)[(ko.**flá**)] 45123	*!		* 3-4
d)[(**klá**.fo)] 42315			**!* 1-2; 3-4; 4-5
e)[(**kló**.fa)] 42513			**!** 1-2; 2-3; 3-4; 4-5

Input: /kÁʎe/ 1234	RhTYPE=Ts	UNIQ	LIN
a)[(**ǰé**.ka)] ☜ 3412			* 2-3
b)[(ǰe.**ká**)] 3412	*!		* 2-3
c)[(**é**.ǰak)] 4321		*!	*** 1-2; 2-3; 3-4
d)[(**ǰá**.ke)] 3214			**!* 1-2; 2-3; 3-4
e)[(**ǰé**.ak)] 3421			**! 1-2; 2-3

Input: /fwÉrθa/ 123456	RhTYPE=Ts	UNIQ	LIN
a)[(**sá**.fwęr)] ☜ 561234			* 4-5
b)[(sa.**fwę´r**)] 561234	*!		* 4-5
c)[(**sár**.fwe)] 564123			**! 3-4; 4-5
d)[(**sé**.fwar)] 531264		*!	*** 2-3; 3-4; 4-5

Input: /plÁǰa/ 12345	RhTYPE=Ts	UNIQ	LIN
a)[(**ǰá**.pla)] ☜ 45123		*	* 3-4
b)[(ǰa.**plá**)] 45123	*	*!	* 3-4
c)[(**ǰá**.pɑl)] 45132		*	**!* 1-2; 2-3; 3-4
d)[(**ǰá**.pa)] 4513		*	**!* 1-2; 2-3; 3-4

Input: /kaʎÁo/ 12345	RhTYPE=Ts	UNIQ	LIN
a)[(**ǰɑ´u̯**.ka)] ☜ 34512			* 2-3
b)[(ǰɑu̯.**ká**)] 34512	*!		* 2-3
c)[(**ǰwá**.ka)] 35412			**!* 2-3; 3-4; 4-5
d)[(**ǰɑ´u̯**.ak)] 34521			**! 1-2; 2-3

Input: /maríDo/ 123456	RhTYPE=Ts	*COMPLEX$_{ONSET}$] $_{MWd}$	CONTIG σ	LIN
a)[do.(**rí**.ma)] ☜ 563412				** 2-3;4-5
b)[ři.(**ðó**.ma)] 345612			*! ma-rí	* 2-3
c)[da.(**mí**.ro)] 521436				***!** 1-2;2-3;3-4;4-5;5-6
d)[(ři.**má**)] 3412	*!		* rí-do	*** 2-3;4-5;5-6
e) [do.(**má**.ri)] 563412			*! rí-do	** 2-3;4-5

APÊNDICE II: *Tableaux* não apresentados no corpo da dissertação (casos de "floreo verbal")

Input: **Pat.**a	NO-MWd*	MAX√
a)**Pat.**ín ☜		
b)**Pat.**erno	*!	
c)**Pa.**raguas	*!	*
d)**Pat.**ada	*!	
e)**Pa.**drino		*

- ✓ "patín ('patins'), "paterno" ('paterno'), "paraguas" ('guarda-chuva'), "patada" ('chute'), "padrino" ('padrinho').

Input: **Cub.**ano	NO-MWd*	MAX√
a)**Cub.**ichi ☜		
b)**Cub.**ero	*!	
c)**Cub.**ículo	*!	
d)**Cub.**alibre	*!	
e)**Cu.**adrado		*!

- ✓ "Cubichi" (oniônimo), cubero ('fabricante de cubas'), "cubículo" ('cubículo'), "cubalibre" ('cuba-libre'), "cuadrado" ('quadrado').

Input: **Zamb.**a	NO-MWd*	MAX√
a)**Zamb.**rana ☜		
b)**Zanj.**a		*!
c)**Zam.**arra		*!
d)**Samb.**ista	*!	
e)**Zan.**ahoria		*!

- ✓ "Zambrana" (antropônimo), "zanja" ('escavação para colocar os fundamentos de um edifício'), "zamarra" ('tipo de roupa feita de pele'), "sambista" ('sambista'), "zanahoria" ('cenoura').

Input: **Fuer.**a	NO-MWd*	MAX√
a)**For.**ata ☜		
b)**Fue.**lle		*!
c)**For.**astero	*!	
d)**For.**ense	*!	
e)**For.**estal	*!	

- ✓ “Forata” (topônimo), “fuelle” (‘instrumento musical’), forastero (‘forasteiro’), “forense” (‘forense’), “forestal” (‘florestal’).

Input: **Chic.**o	NO-MWd*	MAX√
a)**Chic.**oma ☜		
b)**Chic.**otazo	*!	
c)**Chi.**flado	*!	*
d)**Chi.**llón	*!	*
e)**Chi.**menea		*!

- ✓ “Chicoma” (antropônimo), “chicotazo” (‘chicotada’), “chiflado” (‘tonto, idiota’), “chillón” (‘som agudo’, ‘cor vibrante’), “chimenea” (‘chaminé’).

Input: **Pas.**ada	NO-MWd*	MAX√
a)**Pas.**arela ☜		
b)**Pas.**ante	*!	
c)**Pas.**atiempo	*!	
d)**Pas.**illo	*!	
e)**Pa.**rásito		*!

- ✓ “pasarela” (‘passarela’), “pasante” (‘monitor acadêmico’), “pasatiempo” (‘passatempo’), “pasillo” (‘corredor’), “parásito” (‘parasita’).

Input: **Conch.**udo	NO-MWd*	MAX√
a)**Conch.**án ☜		
b)**Cón.**cavo		*!
c)**Conch.**ita	*!	
d)**Conch.**esú	*!	
e)**Con.**terráneo	*!	*

- ✓ “Conchán” (topônimo), “cóncavo” (‘côncavo’), “conchita” (‘diminutivo de “concha”’), “conchesú” (forma truncada do xingamento “conchesumadre”), “conterráneo” (‘conterrâneo’).

Input: **Segur.**o	NO-MWd*	MAX√
a)**Segur**.ola(s) ☜		
b)**Seg**.undo		*!
c)**Seg**.ovia		*!
d)**Segur**.idad	*!	
e)**Se**.renata		*!

✓ "Segurola" (antropônimo), "segundo" ('segundo'), "Segovia" (topônimo), "seguridad" ('segurança'), "serenata" ('serenata').

Input: **Chap.**a	NO-MWd*	MAX√
a)**Chap**.lín ☜		
b)**Chap**.ucero	*!	
c)**Cha**.lina		*!
d)**Cha**.sis		*!
e)**Cha**.mpiñón		*!

✓ "Chaplín" (antropônimo), "chapucero" ('vendedor de ferro velho'), "chalina" ('espécie de xale'), "chasis" ('chasis'), "champiñón" ('champignon').

Input: **Clar.**o	NO-MWd*	MAX√
a)**Clar**.ín(es) ☜		
b)**Clar**.ividente	*!	
c)**Cla**.usura	*!	*
d)**Clar**.idad	*!	
e)**Cla**.vícula		*!

✓ "clarín" ('instrumento musical'), "clarividente" ('médium'), "clausura" ('clausura'), "claridad" ('claridade'), "clavícula" ('clavícula').

Input: **Barri.**o	NO-MWd*	MAX√
a)**Barr**.unto ☜		*
b)**Barr**.edura	*!	*
c)**Barr**.endero	*!	*
d)**Barri**.ada	*!	
e)**Barri**.gón	*!	

✓ "barrunto" ('pressentimento'), "barredura" ('varredura'), "barrendero" ('gari'), "barriada" ('espécie de favela'), "barrigón" ('barrigudo').

Input: **Lim.**a	NO-MWd*	MAX√	SUFFIX≈ V(C).(C)V(C)
a)**Lim**.onta ☜			
b)**Lim**.onada	*!		*
c)**Lim**.adura	*!		*
d)**Lim**.ítrofe			*
e)**Lim**.ícola	*!		*

- ✓ "Limonta" (antropônimo/topônimo), "limonada" ('limonada'), "limadura" ('ato de lixar'), "limítrofe" ('limítrofe'), "limícola" ('organismo que vive no limo ou no lodo').

Input: **Chap.**e	NO-MWd*	MAX√	SUFFIX≈ V(C).(C)V(C)
a)**Chap**.etex ☜			
b)**Cha**.calón		*!	*
c)**Chap**.oteo	*!		*
d)**Chap**.urreo	*!		*
e)**Cha**.cal		*!	*

- ✓ "Chapetex" (oniônimo), "Chacalón" (antropônimo), "chapoteo" ('ruído produzido ao pisar-se na água'), "chapurreo" ('falar mal um idioma'), "chacal" ('mamífero carnívoro').

Input: **Franc.**amente	NO-MWd*	MAX√	SUFFIX≈ V(C).(C)V(C)
a)**Franc**.olín(es) ☜			
b)**Franc**.otirador	*!		*
c)**Franc**.ófilo	*!		*
d)**Fran**.ela		*!	
e)**Frank**.furt			*

- ✓ "francolín" ('espécie de ave'), "francotirador" ('franco-atirador'), "francófilo" ('admirador da França'), "franela" ('flanela'), "Frankfurt" (topônimo).

Input: **Sol.**o	NO-MWd*	MAX√	SUFFIX≈ V(C).(C)V(C)
a)**Sol**.ano ☜			
b)**Sol**.dado			*!
c)**Sol**.eado	*!		*
d)**So**.ciable	*!	*	*
e)**Sol**.idario	*!		*

- ✓ “solano” (antropônimo), “soldado” (‘soldado’), “soleado” (‘ensolarado’), “sociable” (‘sociável’), “solidario” (‘solidário’).

Input: **Cel.**oso	NO-MWd*	MAX√	SUFFIX≈ V(C).(C)V(C)
a)**Cel.**ofán ☜			
b)**Cel.**ulitis	*!		*
c)**Ce.**niza		*!	*
d)**Cel.**ta			*!
e)**Ce.**bolla		*!	*

- ✓ “celofán” (‘celofane’), “celulitis” (‘celulite’), “ceniza” (‘cinza’), “celta” (‘celta’), “cebolla” (‘cebola’).

Input: **Piñ.**a	NO-MWd*	MAX√	SUFFIX≈ V(C).(C)V(C)
a)**Piñ.**ata ☜			
b)**Piñ.**ón			*!
c)**Pi.**loto		*!	*
d)**Pi.**rámide		*!	*
e)**Pi.**nchazo	*!	*!	*

- ✓ “piñata” (‘recipiente cheio de doces que se costuma romper nas festas infantis’), “piñón” (‘semente de pinho’), “piloto” (‘piloto’), “pirámide” (‘pirâmide’), “pinchazo” (‘furo’).

ANEXO I: O *CORPUS*[92]

ATENÇÃO:

- **Palavras sublinhadas e em negrito**: dados efetivamente submetidos à análise.
- *Palavras sublinhadas e em itálico*: dados descartados por não atender aos objetivos deste trabalho (cf. item 5.3.1).

08/07/2010

Qué **talco** mis fieles lectores, de nuevo por estos laredos para ponerlos al día con los chismentos recién saliditos del horno y que siempre sacan roncha... ¡Ayayayyy!... Entonces, acomoden las cuatro letras que soltamos la sin hueso... Dizque a 'TOMATE' BARRAZA le gusta invertir sus chivilines en buenos trapos, por eso se tira el *ropero* encima en cada uno de sus conciertos junto a su banda... ¡Ajá!... En eso DANUSKA ZAPATA no puede quejarse...

Me pasaron el talán que 'SHIRLY' CHERRES es caserita en ATV y cada vez que tiene tiempo, se da un **voltarén** por esos laredos para saludar a una manchita de yuntas que tiene por ahí... ¡Uhmmmm!... La pregunta del millón de dólares es ¿de qué producción serán sus amiguitos?... ¡Corren las apuestas!...

Está bien que sea una persona mayor y se le permitan ciertos excesos, pero respetos guardan respetos y eso debe entender el actor 'PETIPÁN', quien cada vez que busca despistar a los culeguitas cuando lo reconocen, cae en el extremo de ponerse faltoso... ¡Nooo, pues!... Recuerde que así ya no esté en la tele, una palabra cortés no le quita lo valiente... ¿Estamos?...

FERNANDO ARMAS volverá en menos de lo que canta el gallo a la radio. El ex héroe de 'El gran show' anunció que lo acompañaránj ARTURO ÁLVAREZ y JESÚS MORENO... Vale...

LA ROCA: ›› A la **merfi** que ese cumbiambero GIOVANNI KRAL necesita una aterrizada a tierra con urgencia. ¡Qué lisura ponerse machito con mi papirriqui CHRISTIAN DOMÍNGUEZ! "Lo que le tenga que decir a Tula, primero se las arregla conmigo", sonó a matoncito de **barrunto**... ¡Fuíiiiraaa!... ¡Ubícate y después hablamos!... ¡*Chaufillas*!

07/07/2010

[92] Disponível em http://www.aja.com.pe/aja/seccion.php?txtSecci_id=50 (Acesso em 08/07/2010).

Hola mis chismosones, regreso recargada con full raje a diestra y siniestra contra los figuretis de Chollywood... ¡Y no va a ser! Ponemos primera y arrancamos sobre el pucho... El lunes la morocha MÓNICA CABREJOS casi se cruza con KAREN DEJO, de quien dijo tuvo un affaire con JAVIER CARMONA... Por cosas del destino no se chocaron, sino hubiera ardido Troya... Cheesu...

›› Ahora que se luce con nuevo galán, ANNABEL TORRES arrocha horrible al Deepak Chopra **lorcho**, es decir a MAURICIO DIEZ CANSECO, la ex rubia segura que nunca salió con él... ¡Quéee! Acaso no se acuerda que viajaron juntos a la selva y Brad Pizza le celebró su 'diablo'... Ay mamita, qué rápido te olvidas...

›› MAGALY MEDINA le sigue el juego a su comadre GISELA VALCÁRCEL, y luego de ver que ROBERTO MARTÍNEZ masajeó a la rubia, la Urraca quiere que un fortachón le haga masajes en su cuerpecito... Le dijo a NEY pero el productor contestó que para otra oportunidad, y que pasaba...

›› Al colorado EDDIE FLEISCHMAN se le laciaron los crespos rojos en Sudáfrica, después de que se enterara que varios periodistas fueron visitados por amigos de lo ajeno... Para su tranquilidad los **zamborjas** solo chorearon a los europeos... ¡Qué suertudo! El ex cachetón LUCHO CUÉLLAR perdió el vuelo que lo iba a llevar a Trujillo... Cuentan las malas lenguas que el ex cumbiambero era puro abacho y becho con su chibola KATTY GARCÍA y perdió la noción del tiempo... Ya ves papito, por calentón perdiste un show. Madura pues.

EL CHISTE: ›› Esta me la contó la chata LILIANA MAS, quien jura que la verdadera felicidad está en las pequeñas cosas. ¿Como cuáles? Una pequeña mansión, un pequeño yate, una pequeña fortuna.... Qué bueeena...

06/07/2010

Hola, hola, esta Lupecita retorna con la sinhueso recontra afilada para darle con tuto a los figuretis de la farándula lorcha. Ahora sí pongo primera y arranco con los chismentos... Me cuentan que la ex 'gorda bella' MARINITA MORA la pegará de profe y dictará un taller a beneficio de mujeres que han sido gomeadas por sus **mariachi**s. Ya era hora que haga algo bueno...

›› MARTÍN FARFÁN se ha convertido en el rápido y furioso de 'Recargados de risa'. El morenaje se luce con su moderna cañaza en el Studio 4 de Barranco y no permite que nadie se acerque al auto ni de chiste. ¡Ay, fo!... El 'CHAVÓN' ORTIZ anda tristón porque falleció una de sus mejores amigas. Sabe que la función debe continuar y hoy saldrá en su programa...

›› Me pasan el talán que MALÚ COSTA ya tiene su 'nidito de amor' en **Limonta**. ¡Sipi! La ex de 'SEVEN' se mudó a la capital tras su reconciliación. A propo, el **mariachi** en cuestión está recontra tacuchi. Mamita, pon a dieta a tu maridito... JOSELITO CARRERA está insoportable. ¿Por qué? Las chibolas se le pegan como moscas y él no puede ni creerlo...

›› LUCY BACIGALUPO encarnaría a ABENCIA MEZA en la obra 'Mujer contra mujer, el estelar'. Resulta que el productor RICHARD TORRES puso en la mira a la popular 'OJONA' para dicho personaje. ¿Y quién haría de ALICIA DELGADO? Pues según se supo será SUSAN 'LECHÓN', perdón LEÓN la encargada de interpretar a la finada 'PRINCESA DEL FOLCLOR'. Ver para creer...

LA CHAPA: ›› ¿Saben cuál es el último **chaplín** de MELCOCHITA? Gatito. ¿Por qué? Porque solo sube a la cama a jugar. Ja, ja, ja. No vale picarse, acá te queremos. *Chaufillas*...

05/07/2010

Esta Lupecita empieza la semana más brava que nunca... Lo vi a ese zambito MICHEL ROBLES regateando un taxi por la avenida Arenales... Lo peor de todo es que los carros de atrás tocaban harta bocina, y hasta recordaron a su mamita que debe estar allá en La Habana... PATTY CABRERA, no la 'Chiquita', sino la hermana de ANALÍ, es quien cuida día y noche a la ex vedette...

oooooo

Me cuentan las malas lenguas que la chicoca SULLY rompió palitos con su esposo porque él era fan de Peluchín. ¿Juat? Mamita, en estos tiempos hasta los más machotes resbalan... ¿Sí o no JOSELITO?... Hablando de ambiente, ese HERBERT COLLINS ya no respeta la dieta, últimamente se le vio subidito de peso. ¿Aún le entrarán esas licras?

Esa chinita MILAGROS BUITRÓN de las chicas Karibeñas es zurda y escribe de cabeza, dice que se acostumbró a hacerlo así desde que estaba en el colegio... Hablando de esa agrupación me dicen que su mánager ROLLY ORTIZ la pega de su firme, ¿será cierto eso?... Con razón lo dejó su ex ñori, por **trampolín**...

Ese OMAR NUGGET, pareja de la Zanetti, sí que está templadazo. Se aguanta las tres horas de ensayo que tiene en el teatro la morocha... Hablando de chicas de color serio, la otra vez vino por estos laredos la ex matadora CENAIDA URIBE, y como varios cirios monses la silbaron, en guan los cuadró para saber si eran hombrecitos, todos arrugaron...

POLICÍA DE LA MODA Esta semana quien me descuadró fue sor ROSA MARÍA PALACIOS, encima que está gordita se pone unos sacos con los que parece un paquete de regalo con lazo... *Chaufillas*...

04/07/2010

Qué **talco** mi **tegen**... Esta Lupecita ganadora llega recontra japy para festejar como se debe estos primeros 16 años en el bobo del populórum **lorcho**... Gracias por esa preferencia... ¡Sale caliente!... Me pasan el talán que ahora que se viene la temporada circense, las carpas abren sus puertas y el primero en apuntarse fue el charro KIKO,

quien caerá por estos laredos con lo mejor de su espectáculo y que presentará por el Cono Norte... ¡Ajá!... ¡Vale!...

No es por nada, pero al tal JOSELITO lo tengo en la coronilla por lo figureti que es... ¡Sipi!... El **patín** ya no sabe qué hacer para llamar la atención y ahora cargosea a sus compañeros de 'Lima limón' con el cuento que se acerca su cumpleaños... ¿Y?... ¿Será feriado, acaso?... Ya pues, papito, estás bien grandecito para caer en esas ridiculeces... ¡Fúchila!...

La ojiverde PAMELA VÉRTIZ tiene la marcación recontra asegurada y sitio al que la invitan aprovecha para jalar a su **dorima** grandulón y fortachón, quien la chequea al milímetro y vigilando que ningún vivo se pase de la línea con su amada periodista... ¡Aaasuuuuu!... ¡Uhmmm!...

Valgan las palmas para el chinito DANIEL KANASHIRO, quien durante estas transmisiones del Mundial Sudáfrica 2010 la hizo con esa voz tan particular... ¡Sipi!... El pupilo del colorao EDDIE FLEISCHMAN conoce del mundo de las pelotas y fácil puede codearse con los ya conocidos... ¡Ajá!...

---------- EL AHORCADITO ---------- No es por nada, pero la **zambrana** CABREJOS debe aprender a guardar la sin hueso, porque soltarla le puede traer hartos rollos... ¡Sipi!... El otro día dijo que la bronca entre la 'Peludita' RODRÍGUEZ y la morochuca DEJO se dio por hablar del 'mongo' CARMONA y un pasado affaire entre ambos... ¡Aaassuuu!... Sin pruebas, te puede costar caro... ¡Y no va a ser!... ¡*Chaufillas*!

03/07/2010

Este pechito está feliz porque mañana Ajá, diario más entretenido, cumple 16 años de vida. Estamos hechos unos locos, los artistas vienen a felicitarnos por montones. Es que Ajá es del pueblo y está en el corazón de tutilimundi... ¡**Clarines**! Arracamos con los chismentos... GIOVANNA VALCÁRCEL quiere ser 'amiga' de la FOQUITA.

Dizque así se ganaría con las juergazas del jugador del Schalke 04...

La **cubichi** VERNIS HERNÁNDEZ se puso blanca de la vergüenza al ver que solo cuatro gatos asistieron a su show en un local barranquino. Fue tanto el roche que pasó la cantante que terminó suspendiendo el concierto hasta nuevo aviso.

¡Qué feo!...

Tal parece que a BRENDA CARVALHO poco le interesa que su sele haya sido eliminada del mundial Sudáfrica, pues ayer se vaciló en una disco de ambiente en Miraflores. Siempre acompañada por su 'chaleco', digo amigo JULINHO, la carioca vivió la vida con las lesbis, más de una quería robarle un '**chapetex**'...

ojitos que todo lo ven se ganaron con DAMARIS JULIE FREUNDT en el concierto de ROSARIO. El que también se dejó ver por esos laredos fue MIKI GONZÁLEZ.

El ex **mariachi** de CELINE AGUIRRE tuvo un fuerte encontrón con un pata de seguridad, al final el fortachón le pidió disculpas al cantante...

02/07/2010

Hola, hola, este pechito volvió con las pilas recargadísimas para darle con palo a todos los figuretis de nuestra farándula. Me pasan el talán que NICOLE PILLMAN pasó tremendo rochesazo en una conferencia de prensa. ¡Anda! El maestro de ceremonia presentó a los artistas invitados y se olvidó de la ex American Idol. ¡Qué feo!...

›› MERO LOCO jura por todos los santitos que ya enterró a SUSY y ahora está en busca de una chibola que conquiste su corazoncito. ¿No será su billetera?... Estos ojos que un día se han de comer los gusanos vieron recontra aburrida a MISKY TAKIY en un evento...

›› A la **merfi** que los años no pasan por la rubia KARINA RIVERA... La animadora infantil parece 'polystel' pues luce bastante joven como cuando trabajaba al lado de TIMOTEO. Ya quisiera yo verme tan regia como la ojiverde. O sino que lo diga mi tía MONIQUE PARDO...

›› MÓNICA CABREJOS comentó que está suelta en plaza y no pierde las esperanzas de encontrar a su príncipe azul. Ojalá nomás que no sea un 'Superman... tenido' como el **mariachi** de la BOZZO. ¡Qué buina!...

EL SUBE Y BAJA ›› Esta semana le subimos el dedo al cubano MICHEL ROBLES que no tiró la toalla en el reality 'Amigos y rivales', a pesar de que se quedó sin pareja de baile. Le bajamos el dedo a MELANIE MARTÍNEZ que no para de llorar por CHRISTIAN DOMÍNGUEZ... *Chaufillas*...

01/07/2010

Hola, hola mi **tegen**... Llegamos a mitad de semanita y siempre con un cargamento de chismentos que prometen sacar roncha al por mayor... ¡Ajá!... Los que tuto lo ven y tuto lo saben me chismearon que no solo el cumbiambero CHRISTIAN DOMÍNGUEZ habría cometido bigamia, sino también una conocida ex porrista y que hace poquito rompió palitos con su **dorima** **cubichi**... ¡Uy, curuju!... ¡Corren las apuestas!...

Esa cuentera FLOR DE HUARAZ y su gringo calzonudo me llegan a la coronilla... ¡Sipi!... Son capaces de hacer cualquier tontería con tal de ganarse una nota en los diarios y hacer noticia... ¡Fuíiiraaa!.. Solita le va mejor a VERNIS HERNÁNDEZ, quien canta por tutos lados. Hoy presenta su espectáculo 'Show de boleros' en La Estación de Barranco...

Qué será de la vidú de RODRIGO SÁNCHEZ PATIÑO, que hace ratón desapareció del mapa y ya no suena ni truena en la caja boba... ¡Sipi!... A la **merfi** que se le extraña, porque valgan verdades el crío de la tía MIRTHA se defiende como actor y la hace linda como malulo... ¡Uhmmmm!... Ojalá y agarre pronto alguna chambita... ¡Ajá!...

La ricotona VANESSA JERÍ jura y rejura que no tiene meyo de que salgan imágenes calentonas de su participación en 'La academia', reality que presenta América Televisión todos los lunes, mientras dura su estancia en el concurso de la 'Señito'... ¡Uhmmmm!... Aunque dizque por ahí se palteó cuando le dijeron que podía salir algún escondidito... ¡Uy, curuju!...

------- LA ROCA ------- El 'robafocos' SAETTONE se compró lío ajeno entre la bronca de TULA y KAREN, y sin saber nada del tema rajó a más no poder de la morocha y le dio de alma... Ya pues papito, úbicate que tienes rabo de paja... ¿Acaso no te acuerdas por qué *michi* te expectoraron del canal de cable y luego del ex canal de PAPAÚPA?... ¡Fuíiiiraaaa!... ¡*Chaufillas*!

30/06/2010

Hola gente brava, llegamos a mitad de año y este pechito viene con más rajes. Claruuuu. Estos ojitos que un día se comerán los gusanos se ganaron cuando JONATHAN MAICELO se quería comer a DAYSI ARAUJO cuando coincidieron en ENEMIGOS PÚBLICOS.

Mientras unos se casan, para DANUSKA ZAPATA esa palabra está prohibida. La modelo no piensa pasar a la fila de las casadas pues está japi conviviendo con CARLOS BARRAZA. ¿No será que tienes miedo que te pongan los cachos? Mmmmm...

Me chismean que GIOVANNA VALCÁRCEL sube bien sazonada al escenario de la discoteca gay. La ojiverde siempre se mete sus buenos tragos para hacer de las suyas, no por algo chapa a las mejores chicas de la farándula. ¡Salud por eso!

La frase "los tramposos no se plantan, solo descansan" le cae como anillo al dedo al cumbiambero JOSSIMAR FARFÁN, quien quiso tener su choque y fuga con Carolina Segura, ex de JUAN 'CHIQUITO' FLORES. La chicoca lo mandó a volar pues se enteró que seguía con su esposa. Sigue tu flecha tramposo.

Cada día que pasa la cumbiambera MARISOL está insoportable. Ahora acude a los shows chalequeada por cinco gorilas que no dudan en dar empujones a fans y periodistas que se le acercan. Cómo ha cambiado la chibolera. A este paso el público te dará la espalda por sobrada.

---------- ---------- El Chiste

Un gringo le pregunta a SUSY DÍAZ: "¿Do you speak english?". Ella le responde: "¿Cómo dice usted?".

"¿Do you speak english?". "¡No lo entiendo!".

"Le pregunto que si habla usted inglés".

"¡Ah sí, perfectamente!". Es todo por hoy, chauuu.

29/06/2010

Arranco recontra rabiosa y con las últimas de Chollywood. Esta va para el GRINGO KARL y FLOR DE HUARAZ, quienes se juran artistas, pero me pregunto ¿de qué?... Lo peor es que le dan bola y estos señores se juran estrellas cuando lo único que hacen son payasadas. Ni siquiera son payasos.

PELUCHÍN le puso el parche al gringo pues dijo que no atracó bailar con BELEN ESTEVES dizque porque es figura infantil. ¿Juat?... Más daño hacen a los niños deformando el folclor con sus canciones en doble sentido y encima bailando el 'helicóptero'. Primero vayanse a bañar atorrantes y como dice la gaucha, ¡estudien!

La **merfi** que 'DÍA D' la hizo linda con su informe de la cumbia sureña. Hay muchas figuras en el sur que son estrellas y hasta se van de gira a Argentina, Brasil y Bolivia pero en Lima no se les da la oportunidad... Pero lo que me pareció muy franelero fue la entrevista a MARIBEL VELARDE, quien se dedicó a hacerse la víctima pero bien que saca provecho de sus dizque 'amigos'. Pregúntenle a Cromwell...

Qué tal chongo en 'AMIGOS Y RIVALES'. Hace ratón se veía que ese concurso está más arreglado que la carabina de LEONARD LEÓN. ¿Y qué dirá el auspiciador? Lo peor es que parece que el FEO RAÚL tiene la idea de resucitar como figura a TULA. ¿Lo logrará? Porque el hecho de enseñar el calzón en un tono de FRESIALINDA no la hace querida...

==========00 LA CHAPAAAAA Esta chapa es para TONY ROSADO, a quien ahora le dicen lavadora... ¿Por qué?... Porque es cuadrado, petiso y lo controla la mujer... ¡No vale picarse! Chauuuuuuuuu...

28/06/2010

Arrancamos la semana con hartos chismentos. Así que pongo primera y arranco con tuto... Esta va para la MISKI TAKIY, quien dicen quiere ser la abanderada del folclor por el choteo de TV Perú pero hay muchos artistas vernaculares que se quejan que tenía su argolla y solo sacaba en su programa a la familia Rodríguez y a sus amigos. ¿Será cierto? Mmmmm...

Me dicen que el **patín** JOSSIMAR LEÓN, cantante de Grupo 5, es más tramposo que CHRISTIAN DOMÍNGUEZ y hasta circula una foto donde está en apapachos con CRISTINA RODRÍGUEZ. Uyuyuyuy... Mi tía LUCILA CAMPOS está japy porque el presidente García ha confirmado que estará presente en su show de aniversario este 2 de julio. ¡Vale!

¿Hoy regresa o no regresa KAREN DEJO a HABACILAR? La **merfi** que está bien verde porque me **tacuen** que la morocha no pasa ni con agua a TULA. Sobre todo por sus poses de señora. ¿Juaaaat?... LA CHOLA se pasó de la raya cuando correteó con una cámara de TV a un culeguita en pleno Studio 4 de Barranco. Solo porque dice que la **tegen** no lo botó de la misa de la finada ALICIA porque nunca entró a la iglesia. ¿Pero igual te gritaron o no?

DEYSI ONTANEDA cada día está más rayada que una cebra. Primero raja de SHIRLEY CHERRES y ahora dice que nunca dijo lo que dijo. Tanto tinte te ha quemado las neuronas mamita... GIOVANNA VALCÁRCEL se quedó con las ganas de codearse con CACHO, quien al toque la choteó de su nuevo MIL DISCULPAS...

???????????????????????????????????? EL POLICÍA DE LA MODA

La ex Miss Perú JESSICA NEWTON, a pesar de los años se mantiene regia y siempre al ritmo de la moda. La última aparición pública que realizó destacó entre todos los asistentes... ¡Chauuuuuuuuu!

27/06/2010

Hola, hola mi **tegen**... De nuevo por estos laredos para darle curso a la sin hueso que llega recontra cargada con harto chismento y ají picante... ¡Uyuyuyyyy!... Los que tuto lo ven y tuto lo saben, me chismean que el gordito GINO ARÉVALO está gastando sus buenos verdes para amarrarse con la madre del baby que viene en camino y a quien 'secuestrará' a tierras colochas para vivir su 'luna de miel' a forro... ¡Aaassuu!... ¡El que puede, puede!...

La ricotona KATTY JARA se puso mosca y al **toquepala** abrió una boutique para ganarse unos reales extras... ¡Sipi!... La cumbiambera quiso asegurarse y antes de que la música la abandone, se aseguró con su negocio que de **pasarela** le dejará para comprar los pañales... ¡Ajá!... Mujer precavida vale por dos... ¡Y no va ser!...

Me **tacuen** que el cómico KIKE SUERO cruza los dedos para que el candidato KOURI cumpla con la promesa que le hizo de reubicar a tutos los cómicos ambulantes en un teatrín del **llauca**, donde ningún sereno les meterá palo o los expectorará... ¡Uhmmmm!... ¡Guarda! Mira que a estas alturas del partido, tutos prometen el oro y me moro con tal de asegurarse un voto... ¡Y no va ser!...

La gringa VERÓNICA AYLLÓN no se duerme en sus laureles y en 'guan' se las picó al mismísimo Hollywood para ganarse con el actor LEONARDO DI CAPRIO... ¡Sipi!... Nuestra compatriota chamullará con el galán que roba hartos bobos... ¡El que puede, puede!...

EL AHORCADITO

›› La morochuca KAREN DEJO se me cayó toditita... ¡Sipi!... Primero se llenó la boca jurando y rejurando que fugaba del reality del feúco ROMERO, y al día siguiente resulta que igual seguirá en la contienda para hacer la guerrita a TULICIENTA hasta el final... ¡Uhmmm!... ¡Fuíiiiiraaa!...

26/06/2010

Holaaaaa mis chismosones, vengo más empilada que el equipo gaucho en el mundial, ahora que es fin de semana suelto todo el veneno. ¡Y no va a ser!... Arrancamos con la cumbiambera MARISOL, que al parecer el amor le hizo perder la memoria. Ahora jura que su chibolo solo es tres años menor que ella, andáaaa. A ver, de acuerdo a Reniec, tú tienes 34 y el **patín** 27, si sabes restar hay siete años de diferencia. ¡Pinochaza!

¿PAOLA RUIZ espera a la cigüeña? Uyuyuy, la charapita en estos días anda con muchos mareos y dicen que ya habría pegado la vacuna pero ella no quiere confirmar nada a sus amigos. Ajá... La gaucha BELÉN ESTEVEZ se ha ganado el trono de la insoportable de Chollywood. Su personaje de nena inocente es una patada al estómago. Andáaaa.

TULA RODRÍGUEZ también paga pato, pues en los shows que anima solo habla de su mongo: "Qué él es así, qué él es asá". Y así dice que no se cuelga de nadie... En la cumbia abundan los tramposos. Me chismean que anda circulando una foto de JOSSIMAR del GRUPO 5 en unos arrumacos bravos con CRISTINA RODRÍGUEZ. ¿Será cierto?...

JÉFFERSON FARFÁN se ha convertido en una celebridad y ahora luce su lujosa casa, al mismo estilo de los ricos y famosos. Lo que no sabe es que los mozos lo han declarado cliente no deseado pues podrá vivir a todo lujo pero apenas deja 10 soles de propina. Pura finta resultó la 'Foquita'.

EL JUERGUERO

›› EDDIE FLEISCHMAN está sudando la camiseta en las transmisiones por el mundial en ATV, por eso aprovecha los fines de semana para divertirse de lo lindo al lado de su firme. ¡Vale!

25/06/2010

Arranco el viernes con hartos chismentos. Ayayay, vengo con la lengua recontra filuda para darle duro a Chollywood... Me **tacuen** que ya se está armando un nuevo cuento de la farándula. Los protagonistas: SHIRLEY CHERRES y el PIZZERO, quienes contarían con el auspicio de un programa de ATV. Mmmmm... o sea, ya aseguraron su rating.

›› Dizque MILAGROS PEDRESCHI y GIOVANNI KRAL siguen siendo pareja, solo que prefirieron anunciar que estaban separados para conseguir más contratos por su lado con el chato DAYRON y ANELHÍ. No hay duda que la pinochada está por tutos lados...

›› Mis hinchas de Arequipa me datearon que FLOR POLO no solo se quitó de la ciudad peleada con su productor de 'TROPICOMIC', también llevándose varias prendas de vestir que sacó por canje en un par de boutiques. Ahora es la más buscada por esos laredos... KIKE SUERO cocina programa para el otro año y dicen que sería solo con los cómicos ambulantes. O sea...

El sube y baja

›› Le subimos el dedo a MELCHOCHITA, quien dicen que muere por sus hijos, por eso celebró su día chocho... Le bajamos el dedo a MALÚ DE LA VEGA que ahora se da de señora pero ya se olvidó del roche de hace años con la esposa de un general. ¡Chauuuuuuu!

24/06/2010

Heme aquí, este pechito ganador llega con tuto para ponerlos al día con los chismentos recién saliditos del horno... ¡Sale caliente!... Las malas lenguas juran y rejuran que la gordita KATIA PALMA es tentada para un programita juvenil, pero aún no se anima porque no quiere hacerle la guerrita al feúco ROMERO... ¡Uhmmmm!...

Dizque RICKY TOSSO se tomó en serio eso de rebajar unos cuantos kilos por la diabetes, pues ahora luce más presentable y hasta sus bonos subieron como la espuma... ¡Aaasssuuu!... Lo malo, lo malo es que hace unos días se dio el gran susto, porque sintió ciertos dolores en la patita y tuvo que fugar a la clínica... ¡Ups!... ¡Guarda!...

Qué será de la vidú de la characata AÍDA MARTÍNEZ, que de un tiempo a esta parte anda con perfil bajo y sin hacer escándalos como los que armaba con el **cubichi** DAYRON MARTIN y su ex **jerma** ANELHÍ ARIAS-BARAHONA... ¡Uhmmmm!... **Segurolas** que está craneando algo... ¡Y no va a serrrrr!...

Por más que JOSELITO insista en que no pasa nada con la madre de su calato, no pierde tiempo y cada vez que sale con ella aprovecha para tomarla de la mano y lucirse misma parejita... ¡Uhmmmmm!... ¿Será por el bien de su ñañito y para hacer la finta de una familia feliz?... ¡Corren las apuestas!...

Se nota que el matrimonio le cayó como anillo al dedo a la guapachosa CONNIE CHAPARRO, porque está más regia y encima el laciado le sienta muchísimo mejor... ¡Ajá!... A ver si SERGIO GALLIANI se pone mosca y encarga cuanto antes un calatito, porque de seguro le saldrá bello como su **jerma**... ¡Vale!...

LA ROCA

›› No es por nada, pero TULA RODRÍGUEZ ya cae chinche con su afán de buscar bronca de la nada... ¡Sipi!... Sitio donde se presenta prende la mecha y ahora se le prendió al cumbiambero CHRISTIAN DOMÍNGUEZ jurando y rejurando que de cantante no tiene nada... ¡Andáaa!... ¡*Chaufillas*!

23/06/2010

Hola mi gente brava, otro día y este pechito vuelve con la lengua afilada y nuevos rajes. ¡Y no va a cher! VIVIANA RIVAS PLATA no sabe qué hacer para opacar a MELISSA LOZA. Ahora que están juntas la rubia luce un escote que deja virolos a todos pero la **merfi** que la morocha se la lleva de encuentro...

›› Aunque se despidió llorando del programa azteca, en la web del espacio charro los cibernautas le dan con palo a DELLY MADRID por decir que quería envenenar a la jueza colocha. No le perdonan que se haya ido de lengua. El tiro le salió por la culata. Pobechita.

›› LUCECITA pasó un roche hace unos días en Canal 4, pensó que un grupo de chiquillos le iba a pedir autógrafos y grande fue su sorpresa al darse cuenta que esos chicocos esperaban a la piernona LEYSI SUÁREZ. ¡Que feooooo! Orgullosa porque su selección la hace linda en el Mundial, TERESA ESPINOZA apostó que si sus paisanos llegan a la final se meterá una encerrona con Robert. La rotita quiere revivir viejos tiempos con el pelotero. Ponte mosca Gise que te quitan a tu ex.

›› Al paso que va MAGDYEL UGAZ parecerá una modelo pronto. La popular 'Teresita' decidió dejar atrás su táper de comida, ahora come pura ensalada y verduras. Ya no luce rolliza, sino curvilínea, a tal punto que su 'teresito' se ha puesto saltón. Ahora el chicherito tendrá que portarse bien, sino le dan **forata**.

El chiste

›› El 'Chato' Barraza le dice al Gordo Casaretto: ¿gordo, tú rezas antes de comer? Él le responde: mi mujer no cocina muy bien, ¡pero no es para tanto! Es todo por hoy, soy fuga... ¡Chauuuuuuuuu!

22/06/2010

Hola mis chismosones, vengo más embalada que goleador del Mundial. Ahí van los chismes bravos de Chollywood. Comenzamos con PAOLA RUIZ que la hizo linda en el sorteo de Ajá en el **Llauca**. Robó suspiros de grandes y chicos, nadie quiso perderse una foto con ella y la charapita aceptaba de lo más japi. Sipi. No como otras que tienen su cuarto de hora y pisan huevos, bien por ella.

›› PAMELA MÁRMOL, de 'Hola a todos', eleva la temperatura luciendo sus piernas con minis de infarto. Más de un sapazo que se acerca al escenario en la Plaza Mayor, no va a mirar el partido en pantalla gigante, sino para ganarse con ella. Fuera mañosos. El colorao AUGUSTO THORNDIKE hizo pasar tremendo roche a su colega FERNANDA KANNO en plena conducción de 'Domingo al día': luego de que la china hiciera un informe de tremendos sánguches matambre, le dijo ¿todo esto te metiste a tu boca? Ella se sonrojó por la broma de doble sentido. Palomilla había sido.

›› La pechugona GIULIANA RENGIFO, aunque está suelta en plaza, aseguró que es puro fuego en la intimidad, y ninguno de sus ex se puede quejar. Y el primer requisito para sus pretendientes pasa porque sus hijas lo acepten. Exigente resultó la amiga de la 'tamalín'.

›› GUILLERMO CAMPOS demostró ser puro bobo y lloró cuando pisó el set de Canal 5, donde hace 12 años grabó 'Risas y salsa'. Estaba japi pues vuelve a la tele con la serie del chino Miyashiro. Bien por el 'feo que canta lindo'.

La chapa

›› Por sus últimas metidas de pata, ¿saben cómo llaman los cumbiamberos a ELMER YAIPÉN? Pues le dicen sopa fría, ¿por qué? Porque la grasa no le deja ver el fideo. ¿Será cierto? ¡No vale picarse! Chauuuu.

21/06/2010

Esta Lupecita arranca la semana con lo que les gusta a ustedes, los chimentos... Ya me enteré que ROBERT no pierde tiempo, una vez que terminó el show de CACHO se arrancó solapa por la puerta trasera y subió con una coreógrafa de 'El gran show', y de colado CHECHI YÁÑEZ para decir que van en mancha... Uhmmm... Jugador, jugador...

Con razón que se llevaba bien con Robert, ese RENATO ROSSINI dizque le robó más de un pico a su soñadora, pero como él es choque y fuga, terminó el show y se borró... Vimos como pan que no se vende a la pekinesa MELISSA GARCÍA... Pese a que la 'galáctica' luce regia los galanes ya se le corren, no le quedó otra que bailar solita con un par de amigas en una disco de Larcomar...
Hay un cómico chiclayano que sigue pasando piola, la otra vez lo pescamos invitándole un almuerzo a la pechugona GIULIANA RENGIFO... No hay nada que hacer que la suerte lo acompaña, hace unos años lo urracos llegaron minutos después que fugó de un **telo** de Cieneguilla con la ZANETTI... Uhmmm... Pronto caerás porque los **trampolines** no cambian...

A YOLANDA, la socia de Nílver en Alma Bella, no le hace mucha gracia que haya ingresado la nueva chicoca VANIA BLUDAU... La chiclayana dice que sigue a prueba pues en un mes no se puede saber si se acopla al grupo... Ah, pero HUARACA le revienta hartos cuetes, y aunque ya amistó con LEYSI, la chibola seguirá con ellos...

EL POLICíA DE LA MODA

›› Regia se le vio a la loquita JIBAJA, no hay nada que hacer que por más que haya perdido la razón sabe qué escoger entre sus trapos... *Chaufillasss*...

20/06/2010

Eme aquí, aquí eme... Esta Lupecita ganadora está nuevamente con tutos ustedes para darles en la yema del gusto y soltar los chismentos que prometen sacar roncha... ¡Uyuyuyyyy!... Las malas lenguas juran y rejuran que KAREN DEJO no se quedará de brazos cruzados y prepara toda su artillería para tumbarse a MELISSA LOZA en el reality 'Amigos y rivales'... ¡Aaasuuuu!... O sea que eso promete harto ají picante...

›› El gordito ALFREDO BENAVIDES se luce con su imitación del 'CHAVÓN' BETO, pero cuando se junta con MANOLO ROJAS es una dupla a muerte... ¡Sipi!... El 'Brother Pablo' no se queda atrás y la hace linda pegándola del chino MIYASHIRO... ¡Qué buíiiinaaaaa!... No hay duda que el que nace con talento...

›› Hasta ahora me pregunto qué *michi* se hizo GIGI MITRE en la mitra... ¡Sipi!... El otro día la luquié y parecía un perrito mojado con tuto el pelo chupado y lacio... ¡Noooo!... ¡Horrible, oye!... Ojalá y vuelva a su realidad, porque así espanta a cualquiera y provoca cambiar de canal... ¡Uhmmm!...

›› Qué será de la vidú de ARNIE HUSID quien aún no se da por vencido en sus ansias por volver a *perumanta* y chambear como en sus mejores tiempos... ¡Ajá!... Por ahora, se conforma con hacerla linda en una **yapla** de Ecuador, donde la pega de surfista y guía turístico... ¡Aaaassuuuuu!... ¡El que puede, puede!...

EL AHORCADITO ›› El que se va directo a la horca es el feúco RAÚL ROMERO por confundir a la chiclayana VIVI RIVAS PLATA con la modelito DELLY MADRID, y tuto porque se enruló los cabellos y quedó misma ex de OMAR MAHCHI... ¡Horrible, oye!... ¡Chaufillas!

19/06/2010

Hoooooooola mi **tegen** brava del Perú y balnearios. Hoy arrancamos con harto ají, como antesala al Día del Padre... Ahora ya sé por qué es la bronca de MILAGROS PEDRESCHI y BELÉN ESTEVES. Resulta que ambas tienen como amigo cariñoso a la CARLOTA y están celosas porque el **zambrano** a veces es más engreidor con una que con otra. Uyuyuyuy...

BETO le dio varios capítulos a la entrevista con PAOLÍN, sin embargo en esta oportunidad no le sacó muchas cosas al pelotero pues aburrió... Cosa diferente fue su conversa con PANCHITA CROUSILLAT, cómo se nota que es una mujer de armas tomar y hace ratón que le dio su estate quieto al BIGOTÓN por **trampolín**. ¡Vale!

Me chismean que el **mariachi** de la JIBAJA, JEAN PAUL, es recontra **celofán** y es quien le ha dicho que mejor se quede en la casa criando a su chibolo antes de estar calateándose por las pasarelas y películas. ¿O sea? Para colmo el **patín** no trabaja porque como cantante nadie lo contrata y están cabezones porque no hay billete para los pañales...

FERNANDO ARMAS y MARICARMEN MARÍN competirán esta noche en EL GRAN SHOW, los dos están en capilla y la **merfi** que los votos están peleaditos. ¿Quién se quedará?... ROBERTO BLADES retorna a nuestro país para festejar el Día del Padre esta noche en la salsoteca Kímbara de La Victoria.

La roca

››"Me han dicho que se ha metido con un ex cantante de Caribeños, que el hijo que esperaba no era mío", declaraciones del patito DAVID DEL ÁGUILA sobre su ex pareja. Mejor que se quede calladito... ¡Chauuuuuuu!

18/06/2010

Ya regresó este pechito para calentar este invierno con las noticias recién saliditas del horno. Así que pongo primera y arranco con los rajes más serios de toda la batería chollywoodense. Me pasan el talán que ANELHÍ ARIAS BARAHONA está harta de las 'trampas', esas que abundan en **limonta**. La ex porrista rosada se desahogó en su Facebook y mandó al diabló a las chicas buenas de la vida mala...

›› Estos ojitos que un día se han de comer los gusanos vieron al 'chaturri' DILBERT AGUILAR con la cara recontra hinchada. El firme de la 'ÑAÑITA' explicó que se intoxicó con una conocida bebida energizante y las pastillas para los cálculos renales. ¡Pobrecito! Ahora pues, que CLAUDITA sea tu enfermera personal...

›› Un baño de florecimiento urgente necesita la 'MECÁNICA DEL FOLCLOR', pues ayer fue asaltada nuevamente por amigos de lo ajeno. Esta vez le quitaron su moderno celular, dinero en efectivo y sus documentos de identidad. Es que los 'chorizos' ya no respetan nada...

›› GERMÁN LOERO está más templado que cuerda de guitarra de la chicoca NATALIA SALAS. Durante su última presentación en el reality 'Amigos y rivales' no paraba de tomar fotos a su enamorada. Al final, aunque fue eliminada de la competencia aseguró que su pareja baila mejor que la mismísima MELI-SSA LOZA. Vale la pena soñar...

›› Le subimos el dedo a la morocha KAREN DEJO que, a pesar de la lesión muscular, bailó regia en el programa del feo ROMERO. Y le bajamos la llanta a 'MOI' VEGA por irresponsable y tardón. Ahora sí un comercial y regreso mañana...

17/06/2010

Hola, hola mi **tegen**... De nuevo por estos laredos para darle con **zafuer** a la sin hueso. ¡Y no va a ser!... Los que tuto lo ven y tuto lo saben me chismearon que el cumbiambero JONATHAN ROJAS está que echa chispas, después de tuto lo que soltó el alzado de REI MANCO. Espera no cruzarse con el pelotero, porque lo bajará de su nube por atrasarlo con la SOIFER... ¡Pago por ver!...

La ex 'chica de la rosita', SUSAN LEÓN, promete romperla con su personaje en 'La jaula de las locas', donde la pegará de **jerma** del 'chin chin' JIMMY SANTI... ¡Uhmmmmm!... Ahí también se apuntó TOÑO RODRÍGUEZ, quien junto a la mancha de 'somos más' dará su voto a JAIME BAYLY en caso de presentarse a la presidencia... ¡Aaaasuuuu, qué meyoooo!...

El otro día me crucé con el 'muñeco de torta' RAÚL TOLA y **francolines** que tiene un jale maldito... ¡Sipi!... El ex de la chaturri VANESSA TERKES roba miradas cuando camina por la **lleca** y no hay colegiala que se le resista... ¡Aaassuuuu!... ¡El que puede, puede!... Ojalá y pronto se anime a presentar a la firme... ¡Y no va a ser!...

Quien se está dando la gran vidú y sacándole el jugo a su nueva vida de casi, casi solterita es VERÓNICA LINARES... ¡Sipi!... La ex de MANOLO DEL CASTILLO

fugó de vacaciones por el Oriente y misma chica de la peli 'Sex and the city', recorre hartas zonas turísticas recreándose la vista... ¡El que puede, puede!...

LA ROCA ›› No es por nada, pero el tal 'PELUCHÍN' se coronó estos días por soltar tremendas rocazas durante la despedida a la veneca JANINE LEAL... ¡Sipi!... No solo le mandó su 'chiquita' a la HUARCAYO, al decir que la esposa del gerente fue la mejor animadora y más sincera que conoció, sino que un poco más y le grita 'Mi hermana'... ¡¿Juat?!... ¡Fuíiiraaa!... ¡Chaufillas!

16/06/2010

›› Hola mi gente de Lima y balnearios, Chollywood también vive el mundial y no va a ser... Me chismean que de tanto pedir chamba el **mariachi** de ANGIE JIBAJA, JEAN PAUL SANTA MARÍA, podría ingresar a la orquesta SON DEL NORTE, que pertenece a Walter Yaipén y en la que canta Mayra Goñi, la recordada YURU.

›› Ya boté la bilis, y les contaré que JULINHO y BRENDA la están haciendo linda animando eventos con motivos del Mundial. Ellos bailan, juegan y coquetean en el escenario, pero siguen diciendo que solo son amigos. Mmmm... Ya aburren con ese cuento.

›› Adolorido está GIOVANNI KRAL de tanto golpe que recibe de TULA RODRÍGUEZ. Así como lo leen, la ex vedette trata como hijo al cumbiambero en los ensayos de 'Amigos y rivales', y si algo no le gusta le mete su chiquita. Cómo se nota que le falta un marido que la ponga en su lugar. Y no va a ser.

›› BETO ORTIZ y ALDO MIYASHIRO hicieron chacota de 'Peluchín' porque lloró misma María Magdalena al despedir a JANINE LEAL cuando se fue de 'Amor, amor, amor'. El ahijado de la Urraca se defendió diciendo que era muy sensible. Sí papito, eso todos lo sabemos.

EL CHISTE ›› Un amigo le dice a BELÉN ESTÉVEZ: ¿Por qué en las comedias de Chaplin no hablan?... Y la che responde: Porque el director le dijo: No charles, Chaplin. Es todo por hoy, chauuuu...

15/06/2010

Hola, hola, mis chismosones... Los '**trampolines**' no descansan, por eso me dicen que JONATHAN está que se saca el clavo, luego de que la SOIFER lo dejó como un venado, con una modelito que no pasa los 20 años y es de perfil bajo... Mamita, con ese chiquito difícil que quieras pasar por anónima...

La engreída de GISE, sí, ETHEL, decidió lucir una nueva figura, me cuentan que se colocó la banda gástrica, como la RAMPOLLA... Hablando de ex gorditas, MARICARMEN prefiere no comentar nada sobre lo que dijo la RENGIFO, que tiene pisado a su compositor...

Ese JIM MAELO es recontra **concháN**, había hecho todo un circo con que la JLO DEL FOLCLOR era su novia, pero el último jueves salió con su firme luego de debutar en 'El gran chongo' de la Urraca... La chata BELÉN tiene un geniecito, la otra vez la escuché por celu requintando a su dentista. Debe tener sus razones porque así es igualita a la ardilla de 'La era del hielo'...

›› Ahora que chambea para el pizzero, SUSAN VILLANUEVA ya no anda en combi. La gordita llama a su taxista de confianza y hasta tiene asistenta. Uhmmm... Dicen que el chino MIYASHIRO ahora tiene un despertador con descarga eléctrica para no llegar tarde a las grabaciones de 'Barrio Caradura'...

LA CHAPA
Esta es buena, ¿saben cómo le dicen a NEY GUERRERO? Calculadora sin pilas. ¿Por qué? Porque no resuelve nada... Nada más por hoy... Chaufillas...

14/06/2010

Hola, hola mi **tegen**... De nuevo en este point de tutos los días para darle curso a la sin hueso y siempre con las calientitas recién saliditas del horno... Desde aca queremos expresar nuestro pésame a la actriz TEDDY GUZMÁN, cuya mamita dejó este mundo para disfrutar de la gloria de Diosito... ¡Sipi!... Y para coronar la desgracia, dizque también se le perdió su perrito... ¡Cheeesuuu!... ¡Horrible, oye!...

Los que tuto lo ven y tuto lo saben me pasaron el talán que el tal MARCO ANTONIO, ese vendedor de pacotilla que sale vendiendo hasta su alma por la caja boba, es un tremendo pinochazo porque jura y rejura que es soltero, pero su **jerma** vive en La Molina y hasta tienen dos críos... ¡Aaaassuuu! Y encima quiere lanzarse como regidor en Carmen de la Legua, donde no lo conocen ni las moscas... ¡Fuíiiiraaaa!...

No es por nada, pero así como el ambiente chichero tiene a su 'pinocha' y amiguera SOIFER, el mundo del modelaje también tiene lo suyo y una digna representante como la morochuca ZUBIATE, quien ahora se encarga de desmentir romances, pese a que la ampayan chapando con uno de sus coleguitas de las pasarelas... ¡Uhmmm!... ¡Tampoco, tampoco!...

El enanito JUSTO ESPINOZA 'Petipán' sí que se pasa de rayadito... ¡Sipi!... Como ya no quiere nada con la prensa, sale con el cuento de que tiene un hermano gemelo y con eso intenta despistar a los culeguitas cuando quieren entrevistarlo... ¡Ayyyy! ¿Será que los años lejos de la tele lo dejaron más rayadito que una cebra?... ¡Horrible, oye!...

---------- EL POLICÍA DE LA MODA ---------- El sobrino del 'Chato' BARRAZA, el tal CARLOS BARRAZA, siempre llega a la tela para sus conciertos y hasta se tira el *ropero* encima para agradar a sus fans, pero al final de sus shows por poco y acaba **tolaca**... ¡Noo, pues! Tampoco hay que perder el charm... ¡Más cuidadito con eso!... ¡Chaufillas!

13/06/2010

Qué tal les va mis chismosones, esta Lupe no perdona ni los domingos... Ya me contaron que a **zambrana** DORITA los suegros la adoran, saben que la bailarina es mano suelta y que paró la olla del CHEMO cuando pateaba latas... Ah, pero las amiguitas cumbiamberas de la actriz, varias veces le han dicho que se abra de ese volante que para *michi michi*... ¡Uhmmm!...

Me pasan el talán que a MARICIELO EFFIO le quedó un poco suelto su vestido de novia... ¡Cheessuu!... Por eso, no le quedó otra que darle sus ajustes... ¡Uhmmm!... A meterle más papa al caldo, hijita... La ex Paquita se amarra sí o sí este jueves con su peor es nada ERNESTO... ¡Vale!... Hablando de '**coflas**', MÓNICA TORRES promete hacerla linda como 'Rosita' en la nueva miniserie del 5... ¡Ver para creer!...

¡Uyuyuuuu!, la ex de WALLY, la tal EVELYN VELA jura que entre ella y el panameño Roberto Blades no hay más que una linda amistad... Pero, no se hace paltas si le sigue agarrando la pierna y llegan a algo más... ¡Aaaasuuu!... Como diría MEIER ¡qué **conchán**!... La chinita NORKA RAMÍREZ es verídica a la hora de escenificar los chapes con el actor POLD GASTELLO, en el 'Barrio Caradura'... ¡Guarda!...

Ese 'gallito' LUCHO CÁCERES volverá a las andadas... ¡Sipi!... El chino MIYASHIRO le dio un papel en su producción de taxista, mujeriego y florero que le cayó como anillo al dedo... ¡**Choprove**!... El para volado es nada menos que PIETRO SIBILLE, que no sabe ni cómo se llama su personaje de mongo en esa nueva miniserie... ¡Uhmmmm!...

---------- EL AHORCADO ---------- Esta semana, quien se pone la soga al cuello es nada menos que PETER FERRARI, el heredero de la tía LUCILA, le dijo a un camarógrafo de ATV que lo iba a atacar por la retaguardia y que le iba a doler... ¡¿Juat?!... ¡Auxilioooooo!... ¡*Chaufillas*!...

12/06/2010

Pongo primera y arranco mi gente brava. Me chismean que CINDY MARINO está pedidita por tutos lados y que su mánager, el ex de MARICARMEN, está pidiendo sus buenos verdes contrato. Ni pensar que se hizo famosa por ser trampa del cholito AMILTON... ›› GABRIEL CALVO casi se cae de espaldas cuando vio a su ex ADRIANA chapando con el hijo del ex pelotero LEGUÍA. Lo peor es que él hace unos decía que recién se reponía del rompimiento y que estaba **solano**. ¡Chess!... La **merfi** que la hija de MELCOCHA, o sea SUSAN, es recontra superada para enseñar los mondongos... ¡Vale! ›› ROSA ELVIRA CARTAGENA terminó por culpa de una cámara secreta del programa 'AMOR, AMOR, AMOR'. Hicieron que se le perdiera la cartera y encima le estaban mostrando un fotomontaje en el que se le veía chapando con otro. La **zambrana** se puso brava... Apropo, JANINE LEAL está recontra relajada con su salida del programa latino y cuenta los días para encontrarse con su amado Urrutia...

11/06/2010

Pongo primera y arranco. Hoy se inaugura el Mundial Sudáfrica 2010 y la fiebre del fútbol se vive por tutos lados... Pero a quien le importa muy poco eso es a MARICARMEN MARÍN, quien no suelta a su gil Juan Carlos para nada porque es un ángel. Ay, mamita, no te me ilusiones tan rápido...

›› JEAN PAUL STRAUSS debutará en la actuación en una película. ¿Podrá hacerla? Una cosa es que sea popular y buen cantante pero ¿actor? ¡Ya pues, no te pases!... LORENA CARAVEDO está súper regia y con una silueta envidiable. La chata se cuida y no aparenta sus añales...

›› La **merfi** que el novio de la loca ANGIE JIBAJA, Jean Paul, es recontra malcriadazo. Se portó mal con la miss cucú, VANESSA TELLO, en 'AMIGOS Y RIVALES'. ¡Qué nivel!... Encima el FEO se hace el loco y dice que no los quiere volver a ver cuando son ellos los que provocan enfrentamientos entre sus concursantes...

›› GIOVANNA VALCÁRCEL estaba recontra aburridaza en la conferencia de prensa que Pantel realizó ayer y se la pasó bostezando y cuchicheando con MÓNICA TORRES. ¡Qué roche!... Los HERMANOS CARTAGENA retaron a Camagüey a un duelo salsero este sábado en el Kímbara Internacional de La Victoria...

›› PEPE VÁSQUEZ se hizo el loco con la confe de mi tía LUCILA y no se apareció ni su sombra. Así no se juega pues... El conocido 'JUELIX', Carlos Solano, de AL FONDO HAY SITIO, ya no graba muchas escenas porque han salido muchos personajes. Dizque ahora tiene más tiene para hacer otras cosas. Mmmmmm...

EL SUBE Y BAJA: ›› Le bajamos el dedo a MALÚ COSTA, quien parece que le gusta ventilar sus problemas maritales. Primero dice que se separa y al día siguiente está con el **mariachi**... Y le subimos el dedo a DORITA ORBEGOSO, quien bailó muy bien en 'Habacilar'... ¡Chauuuuu!

10/06/2010

Hola, hola mi **tegen**... Nuevamente juntos para darle curso a la sin hueso que siempre tiene los chismentos recién saliditos del horno... ¡Uyuyuyyy!... Entonces, cortamos el relleno para darles lo que tanto les gusta... A la **merfi** que la ricotona VIVI RIVAS PLATA está recontra **piñata**, porque por tutos lados se encuentra con las ex del billetón MAHCHI... ¡Sipi!... Tiempo atrás evitaba chocarse con DELLY MADRID y ahora tiene que aguantar a MELISSA LOZA, quien -las malas lenguas- juran y rejuran que está saliendo con el tal OMAR... ¡Uhmmmmm!...

Me chismean que HUGO LOZA, hermano mayor del 'Cholo de acero inoxidable' no la pasa nada bien y además de pasar las de **Caín** económicamente, tiene que batallar contra una penosa enfermedad... ¡Cheeessuuu!... Ojalá y sus yuntas se acuerden de él en las buenas y en las malas... ¡Ver para creer!...

La chaturri BELÉN ESTEVES promete romperla esta noche en la pista de 'El gran chongo', pues le tocará mover los huesitos al son de coreografías de películas...

¡Uyuyuuuy!... Dizque una vez más, dejará **chicoma** a tutos los competidores y se llevará el título junto al 'GRINGO KARL'... ¡El que puede, puede!...

El actor GUSTAVO CERRÓN no se duerme en sus laureles y siempre está craneando algo para ganarse los frejoles... ¡Sipi!... El recordado 'Chacalón' dizque le gustaría chambear en alguna miniserie, aunque las tablas es su pasión... ¡Ajá!...

------- LA ROCA ------- La que necesita un tapaboca con urgencia es la peludita TULA RODRÍGUEZ, por que en su afán de caer bien y ganarse nuevamente al popurólum, termina metiendo la pata... Esa 'rocaza' de decir que sangró cuando estuvo en bola, por culpa de la 'SEÑITO', fue la gota que rebalsó el vaso con agua... ¡Fuíiiiraaa!... ¡*Chaufillas*!

09/06/2010

Hola mi gente chismosa, acá la Lupe lista para sacar el látigo con los chismecitos más bravos de Chollywood... Comenzamos con KUKULI MORANTE, la popular 'Gladys' de 'Al fondo hay sitio' ha subido sus bonos desde que apareció en la serie. Lo bueno es que no pierde la humildad, no como otros desubicados. Aprendan de la huambrilla.

Hace unos días me gané con un show de MARISOl RAMÍREZ en Los Olivos, donde cantó desganada. Parece estar pensando más en su divorcio que el canto, porque su ex es tan **concháN** que se banderea con su trampa en los conciertos de la chiclayana... ¡Uhmm!... ¡Qué tal canalla!... TULA la quiere pegar de yo no fui pero bien que se quiere colgar de la tía GISE como sea...

Las malas lenguas dicen que ERICK ELERA anda de amores con una bailarina que es cuñada de un cantante. Ellos recién se estarían conociendo y quieren pasar solapa. Se la sabe todas el 'cara de pez'... Hasta que por fin Frecuencia Latina confirmó la salida del gerente JAVIER URRUTIA y también se anunció que su esposa, JANINE LEAL, se quedará en 'AMOR, AMOR, AMOR' hasta el 18 de junio. Dicen que en su lugar entrará SOFÍA FRANCO...

JOHANNA SAN MIGUEL se pasó de fresca cuando comparó sus cuatro letras con la colita de TILSA LOZANO. !Qué atrevimiento! Es que con ese cuerpo solo iguala a Tongo... La actriz MAYRA COUTO es la chica de moda, no solo los niños la adoran, también los grandes le han echado ojitos a la cándida 'Grace'...

---------- ---------- El Chiste Un amigo le dice a Tongo: Oye gordo, ¿te tiraste un pedo? ¡Claro! ¿Qué crees, que siempre huelo así?... Es todo por hoy, chauuuuuu...

08/06/2010

Hola, hola mis chismosones, esta Lupe no se casa con nadie y por eso aunque digan "no choques conmigo", yo sigo para adelante... Ese PELUCHÍN se declaró hincha de RENATO ROSSINI, ya lo invitó para que vaya a 'Amor, amor, amor'... Hablando del

rubio actor, jura que pondrá una academia de baile y que los primeros seis meses serán pura teoría... ¡Plop!

Me cuentan que PERLITA BERRÍOS anda en coqueteos con un reportero dientón de 'Punto final'... ¿Cóóómo? Él le ha jurado a la locutora que LÚCAR es su jefe pero no su maestro... Uhmmm... La tía MONIQUE amadrinó a unos gauchos llamados Jamaica & Mr.Black... Dicen que la popular 'Caramelo' se mueve mejor que esos parrilleros...

El viernes me gané con toda la gentita de 'El santo convento' en el concierto de MAGNETO... Una de las más rayadas fue SASKIA BERNAOLA, quien lució un top como si estuviera en la playa. La chicoca no paró de vacilar a esos charros treintones... La que se metió a la zona de invitados fue ANELHÍ, dejó a su galán madurón de lado y arrancó con sus amigas...

El papuchín GONZALO REVOREDO es pataza del jirafón CHRISTIAN RIVERO. Ambos estuvieron juntitos en el concierto de SABINA... ¡Ah! El ex de CATI CABALLERO anda suelto en plaza y claro, también sin chamba porque dizque vive por el momento de sus rentas...

LA CHAPA Este **chaplín** corre por los pasillos de Panamericana TV cada vez que baja el gerente FEDERICO ANCHORENA. Lo llaman "soldado mal escondido". ¿Por qué? Porque siempre se le ve el casco... *Chaufillas*...

ANEXO II: JORNAIS POPULARES PERUANOS

DOMINGO 28 DE FEBRERO
www.aja.com.pe
ajá
EDICIÓN ESPECIAL
MAÑANA
» Más de 300 muertos por terremotazo, entre ellos mamá peruana y su hijita
CHILE ROTO
SE BUSCA
Karla Casós desaparece tras sismo y familia está preocupada
ABENCIA AFANA A DAYSI
» "Ayúdenme para llevar y enterrar a mi esposa en Perú", pide trujillano desde Santiago
» Sismo de 8.8 grados ocasionó tsunami que también causó pánico en nuestro litoral

Capacitarán gratis 10 mil jóvenes para que agarren chamba
martes
ajá
La familia come rico con Ajá
YUQUITAS RELLENAS
RECLAMA ARROZ CON POLLO
Llegó Vargas y gilas pedían piquito
Loquito alborotó aeropuerto
EDUARDO TOLEDO ALVA
LIMA
Chiquito borracho se engorilló con enamorada y le dio tanda
GOLPEO GILA A LO BESTIA
Teresa contra Paldita
Melcochita dice le pegó en el bar, baño y ascensor
Bailarinas reclaman le mochen pipí
Cayó en coliseo Gras en pleno partido de vóley
FALSO TOMBO
Dice le da asco audio del escándalo petrolero
ALAN PIDE CARCEL PARA CORRUPTOS